Porto Alegre, Ano II, Nº 13 — Cr$ 5,00 Fevereiro de 1977

cooJORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

Uma pílula gaúcha contras as multinacionais

A cassação de Glênio Peres

Está nascendo a TV Guaíba

NÃO PERCA!

O louco verão de Tramandaí

SEXO
VIOLÊNCIA
AVENTURA

BRONZEADÍSSIMA

cooJORNAL

Este jornal, criado em 15 de novembro de 1975, pertence à primeira cooperativa de jornalistas do Brasil, a COOJORNAL, que foi fundada em 24 de agosto de 1974. A COOJORNAL tem 313 sócios. É uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em assembléia geral. Cada associado, independente de sua participação em capital ou trabalho, tem os mesmos direitos nas decisões de assembléia. Além da diretoria, a COOJORNAL tem um Conselho Editorial para orientar a linha e a qualidade de suas publicações próprias e de 16 outras publicações que faz para terceiros.

Editor
Elmar Bones da Costa

Redação
José Antônio Vieira da Cunha, Rosvita Saueressig, Jorge Polydoro, Osmar Trindade, Guaraci Fraga (**editores**), André Pereira, Ricardo Schmitt, Marco Antônio Schuster, Elaine Lerner, Marina Wodtke, Lenora Vargas, Jorge Freitas, Najar Tubino, Pedro Maciel, Tânia Faillace, Marcelo Oscar Lopes, Maroni João da Silva (**repórteres e redatores**), Severino Góes (**Santa Maria**), Luiz Grassi (**Brasília**); Gilberto Pauletti (**Rio**), Hélio Teixeira (**Curitiba**), Jorge Escosteguy, Geraldo Hasse (**São Paulo**), Paolo Marconi (**Salvador**), Gleiser Neves (**Belo Horizonte**), José Maria de Andrade (**Recife**), Maria da Graça Seligman (**Florianópolis**), Jacqueline Joner, Eneida Serrano, Assis Hoffmann, Ricardo Chaves, Luiz Abreu, J. B. Scalco (**fotografia**), Luiz Carlos Ferré, Lilian Bem David (**arte**), Nilson Figueiredo (**coordenação técnica**), Dejair Boeira, Maria Isabel Timm, Beti Stifelmann, Paulo Roberto França (**revisão**), Carlos Milton de Goz Rios (**produção técnica**), Paulo Sá, Olmiro Lempek, Atil Vineton, Luiz Gustavo Machado, Rubens Machado (**montagem**), Hélio Pinho, Ivan Carlos Franco (**composição**).

Gerência
Eládio Vieira da Cunha

Comercial
Gabriel Matias

Circulação e Assinaturas
Carlos Alberto Wagner, Dirceu Zaremsky

Endereço
Rua Comendador Coruja, 372 — Fones 24-0951 e 21-8984 — Telex (051)1605 — CEP 90.000, Porto Alegre, RS.

ASSOCIADOS: José Antônio Vieira da Cunha (**Presidente**), Osmar Trindade (**Vice-Presidente**), Marcelo Oscar Lopes (**Secretário**), Luis Cláudio Cunha, Jorge Olavo de Carvalho Leite, José Guaraci Fraga, Carlos Karnas, Antônio Oliveira, Maria da Graça Seligman, Assis Hoffmann, Emanuel Gomes de Mattos, Carlos Henrique Bastos, Edgar Vasques (**Conselheiros de Administração**), João Borges de Souza, Tomás Irineo Pereira, Alberto André, Agnese Schiffino, Sérgio Becker, Antônio Gonzales, Carlos Mosmann, Luiz Carlos Felizardo, Euclides Torres, Leo Tavejnhanski (**Conselheiros Fiscais**), Jorge Polydoro (**Diretor-Superintendente**), Adélia Yates Porto da Silva, Ademar Vargas de Freitas, Affonso Ritter, Angela Riccordi, Antônio Britto Filho, Antônio Dreon, Arthur Monteiro, Carlos Alberto Kolecza, Carlos Urbim, Celso Rosa, Claiton Selistre, Clarice Aquistapace da Silva, Caco Barcelos, Danilo Ucha, Delmar Marques, Fernando Albrecht, Elmar Bones da Costa, Érico Valduga, Erni Quaresma, Floriano Soares, Gládis Ibarra, Imara Stallbaum, Jandira Maria César, José Antônio Ribeiro, Félix Valente, Julieta Nunes Pereira, Licínio de Azevedo, Luiz Carlos Merten, Luiz Francisco Terra Júnior, Luiz Fonseca, Maria Angélica de Moraes, Maria Wagner, Marina Wodtke Abu-Jamra, Mário Marcos de Souza, Marques Leonam Borges da Cunha, Nirce Levin, Otacílio Grivot, Paulo de Tarso Riccordi, Paulo Gerson A. de Oliveira, Pedro Maciel, Regina Vasquez, Renato Pinto da Silva, Ricardo Chaves, Rosvita Saueressig Laux, Sérgio Moita, Silmar Müller, Walter Molina, Hermelindo Macedo, Clóvis de Oliveira Malta, Omar de Barros Filho, João Carlos Ferreira da Silva, Lenora Vargas, Leonid Streliaev, Divino Fonseca, J. B. Scalco, Eva Maria Caparelli, Maristela Bairros, Luiz Rache Vitello Fº, Telmo Zanini, Iara Bendati, Afonso Licks, Rogério Mendelski, Carlos Rodrigues, Victor Hugo Sperb, Jaime Klintowitz, Silvio Ferreira, Ana Amélia de Lemos, José Onofre, Alberto Blum, Flávio Dutra, Jorge Martins Freitas, Renan Antunes de Oliveira, Mário Eugênio da Rocha, João Batista Aveline, Dorival Pacheco, José Lauro Dieckmann, Gerson Schirmer, Rejane Baeta, Fernando Goulart, Paulo Burd, Gomercindo Coitinho, Carlos Salzano, Laila Pinheiro, Marinória Schilling Osório, Hélio Gama, Geraldo Hasse, Gilberto Pauletti, Jorge Escosteguy, Luiz Oscar Matzenbacher, Olyr Zavaschi, Ademir Fontoura, Flavio Porcello, Virson Holderbaum, Carlos Fehlberg, Jussara Pereira Coelho, Luiz Paulo de Pilla Vares, Paulo Roberto Maciel, Luiz Afonso Franz, Andre Pereira, Eugênio Bortolon, Mário Luiz Madureira, Roberto Manera, Cláudio Levitan, José Antônio Simch da Silva, Maria da Graça Guindani, Sérgio Caparelli, Lauro José de Quadros, Maria Inês Burger Marques, José Antônio Pinheiro Machado, Olivio Lamas, Silvia Costa, Judith Martins Costa, Sérgio Toniello, José Abu-Jamra, Francisco Dias Lopes, Lilian Bem David, Nilson Figueiredo, Roberto Alves D'Azevedo, José Erasmo Nascentes, Beatriz Polydoro, Hipólito Pereira, Fernando Rômulo Bueno, Edgar Lisboa, Antônio Carlos Mafalda, Valdir Barbosa Paz, Sérgio Arnoud, Ivan Pinheiro Machado, Maroni João da Silva, Luiz Augusto Rebés de Abreu, Vera Regina Monteiro, Amauri Mari de Melo, Paulo Macedo, Marco Antônio Schuster, Neuza Tasca, Otília Maria Goulart, Roberto Appel, Ivo Egon Stigger, Elaine Lerner, Alda Suzete Rosa Souza, Carla Irigaray, Tânia Barros, Tânia Jamardo Faillace, Santa Irene Rosa, Paulo Denis Perea, Ayrton Kanitz, Pedro Macedo, Terezinha Tellini Figueredo, Iaraporan Müller, Zélia Leal, Luiz Alberto Arteche, Neuza Maria Ribeiro, Edgar Planella, Marcos Antônio Baggio, Edna Della Nina, Armindo Antônio Ranzolin, Vilmo Medeiros, Paulo Poli, André Jockyman, Jayme Copstein, Raul Rübenich, Cíntia Maria Nahra Leal, Leonardo Berlese Dourado, Edson Gomes Chaves Fº, João Paulo Lacerda, Luiz Fernando Lima da Silva, Verlaine Maria Silveira, Adroaldo Bauer Spindola Correa, Vera D. Barcellos, Sibyla Loureiro, Humberto Andreatta, Christa Berger Kuschick, Maria Eneida Serrano, Jacqueline Joner, Ronaldo Westermann, Luiz Carlos Mello, Alfonso Abraham, Wladymir Ungaretti, Danilo Miralles, Gabriel Matias, José Luiz Chiarelli, Fernando Dibe Pinto, Floriano Correa, Milton Saldanha Machado, Miriam Tereza Chagas de Moura, Paulo Antônio Fogaça, Severino de Araújo Góes, Fernando Guedes, Neltair Rebés Abreu, Maria da Graça da Silva, Walmaro Paz, Ana Elusa Sperb Rech, Milton Wels, Maria Helena Brancher, Maria Luisa Paim Teixeira, Júlio Tadeu Sortica, Ana Maria Lopes de Almeida, Edson Luiz Kozminski, Najar Tubino, Marise de Martini Fetter, Luiz Antônio Kozminski, Jurandir Silveira, Alfredo Fedrizzi, Carlos Roberto Dorneles, Ricardo Schmitt, Carmem Maria Laviaguerra, Nelson Baibich, Francisco Daniel L. da Silva, Orlando Carlos Brasil, Vera Teresa Costa, Juarez Fonseca, Carlos Gilberto X. da Rocha, Jorge Gallina, Maria Eloir da Silveira, Renato Kern, Vera Suzana Kern, Valmório Oliveira Rios, Evaldo José Gonçalves, Helton Ricardo Barreto, Higino Cosme Barros, José Enedir Francisco, José Roberto Garcez, Luiz Telmo Emerim, Valdir da Silva, Norberto Hoffmann, Sérgio Batsow, Cândido Augusto Cruz, Francisco Juska Filho, Carlos Rafael Guimarães, Gilberto Ribas dos Santos, Carlos Frederico Menz, Eduardo Serrano San Martin, Ilza Maria Tourinho Girardi, Eugenio de Faria Neves, Carlos Eduardo Athanazio, Renato Canini, Wilmar de Oliveira Marques, Acari Amorim, Waldoar Teixeira, José A. Souza Pinto Netto, Pedro Sosa Pereira, Wilson Silveira de Moura, Ênio Roberto Nugent da Rocha, Ana Maria Smidt, Eduardo Soares Guimarães, Alberto Magno Filgueiras, Antônio Carlos Rosito, Iara Terezinha Schilling Pereira, Fernando Fuentes Lindote, Fernando Saes, Miriam Costa Correa, Nestor Fedrizzi, Odilon Abreu, Laerte Martins, Silvio Correa, Luís Carlos Ferreira, Aníbal Bendati, Arthur Xavier de Oliveira Filho, Carlos Roberto Silveira, Carlos Alfredo Smich da Silva, Olides Canton, Roberto Augusto Thomé, Rogério Raupp Ruschel, Luiz Fernando Veríssimo, José Luiz Goulart Prévidi, Maria Elaine Alves Borges, Eduardo Rômulo Bueno, Guaracy de Souza Cunha, Marco Túlio de Rose, Mauro César Silveira, Mauro Pacheco Toralles, Luiz Ricardo Lanzetta, Alice Inês de Verney Lorenzy, Ana Maria Barros Pinto, Lotário Neuberger, Ubirajara Silva Prates, Antônio Canabarro Trois Filho, Bernadete dos Santos Viana, Carlos Alexandre Gruber de Castro, Cristina Baptista Pereira, Eloisa Beatriz Enck Gonçalves, Jane Elisabete Peters, José Ribeiro Fontes, Mário Alberto Nascimento, Patrício D'Ávila Garcez Bentes, Paulo Antônio Coelho de Barros, Raul Zoratto Sanvicente, Riomar Béssio da Trindade, Rômulo Krafta e Vera Maria Bosak.

CARTAS

Problemas? Piadas!

Amigos. O Ricardo Schmitt e a Eneida Serrano estiveram em minha fazenda em busca de motivos (que conseguiram) para uma reportagem. Deramme, além do imenso prazer da visita, alguns exemplares do número 10. Gostei, vocês estão fora dessa imprensa convencional, que enche, enche, enche... que só Santo Antônio para aturar! Os meus parabéns não! as minhas congratulações!

Quero ser assinante e aí estão os sessenta pilas (numa época em que tudo sobe em nosso país, até que vocês são uns baitas otimistas). Quero, também, que vocês me enviem o número 9, para que eu me informe sobre o caso Kliemann.

A pecuária vai mal, amigos. Agora, quero ver se procuro petróleo em minhas terras. Se encontro, dou uma de árabe: sento num barril e mando o mundo vir a meus pés e nem dou bola praquele japonês chato, o Ueki.

Venham aqui, venham tomar um chimarrão. Vão encontrar um velho matutando sobre os problemas do Brasil, que de tão grandes já nem são problemas, são piadas!

Uma pergunta: 1977 ainda é ano novo? Então, Feliz Ano Novo! — *Severino Collares, Bagé.*

Caprichadas

Amigos. A propósito daquela nota da revista Capricho sobre o *belo* arroio Dilúvio (reproduzida no último *Coojornal*), a mesma revista publicou em dezembro outra jóia sob o mesmo título "Conheça o Brasil". Desta vez fala das "lindas praias gaúchas, a melhor dica para quem resolver visitar o Rio Grande do Sul". E como melhor exemplo de praia para "passear em areias alvas e de banhar-se em águas muito limpas, ainda não ameaçadas pela poluição", a revista cita — pasmem! — Tramandaí! Segundo Capricho, "lá em Tramandaí o banho de mar é para se tomar sem susto, sem medo". Vejam vocês. Com um oásis aqui tão perto, nós estamos perdendo tempo, não acham? E tem mais: ainda em Tramandaí, diz a certeira informação que lá a pesca é muito boa e a presença dos pescadores uma festa. "Eles jogam a rede quando chega a noite, passam a madrugada em alto mar e voltam pela manhã. Trazem peixes e a disposição de bater um bom papo com vocês". Cá entre nós, qual será a próxima da Capricho, hein? — *Rubens Vargas, Porto Alegre.*

Outros Lutz

Sr. Editor. Foi com muita satisfação que li todas as reportagens contidas no número 10 do *Coojornal*. Estas reportagens demonstram e atestam a seriedade e o propósito da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, abordando assuntos da mais alta importância como, por exemplo, a reportagem feita com o engenheiro-agrônomo José Lutzenberger, que mostrou o risco que estamos correndo pelo desequilíbrio ecológico e biológico que dia a dia se acentua.

Gostaria que existissem muitos outros Lutzenbergers para defender nossa flora e fauna de tantos malfeitores. — *Jorge Malta Neves, diretor do Colégio Caetano Costa, Lages, Santa Catarina.*

Ilusão à paulista

Pessoal. Entre os diversos elogios que o *Coojornal* vem recebendo de jornalistas daqui ("é um dos poucos veículos preocupados em recuperar a reportagem com matéria principal", por exemplo), ainda noto uma pequena indefinição gráfica. Há páginas que parecem mensagens publicitárias, pela diagramação um pouco alvissareira demais — embora seja necessário considerar que é um jornal novo, ainda procurando uma linguagem e um estilo próprios. De qualquer modo, está fazendo sucesso — os poucos números que consigo de cada edição são disputados pelos colegas do *Aqui São Paulo*, o semanário onde estamos eu e o Nei Duclós.

São Paulo, por sua vez, continua sendo pelo menos um ótimo prato jornalístico. Olhem só: três ou quatro dias foi o tempo necessário para surgirem e desaparecerem os barracos sob o Viaduto Diário Popular, no miolo da cidade. Uma minifavela surgiu quando caminhões da Prefeitura, num início de semana e para espanto dos passantes e principalmente dos habitantes do local — mendigos e guardadores de carros — começaram a despejar camas velhas, pedaços de madeira, lataria, colchões usados. O que seria aquilo? Um presente do céu? Se perguntavam os mendigos do pedaço, que imediatamente trataram de tomar posse dos casebres, fugindo da chuva vigente nesta época.

Provavelmente pela primeira vez na vida, eles se sentiram gratos às autoridades, à Prefeitura — ganhavam casa ao lado do local de trabalho! Mas houve discussões para a ocupação dos barracos e apareceu até um xerifão, mendigo como todos os outros, a se dizer representante dos "proprietários do terreno".

No quarto dia a ilusão acabou. Chegou a Polícia Militar para organizar o esperado despejo. E só então se soube que os barracos tinham sido construídos especialmente pela Prefeitura, atendendo a diversas solicitações importantes, para servir de cenário para tomadas do filme *Malagueta, Perus e Bacanaço*, dirigido por Maurício Capovila e baseado no livro do mesmo nome do escritor João Antônio.

Para os mendigos, sobrou a volta à velha realidade, mais dura do que os colchões furados que aparentemente tinham caído do céu, nas chuvosas noites do verão paulistano. E a constatação de que afinal tudo não passou mesmo de coisa de cinema: pura ilusão. — *José Antônio Silva, São Paulo.*

A morte de Getúlio

Meu Caro Redator. Quero agradecer o carinho com que trataram o velho jornalista, abrindo páginas e dando tanto destaque a um bate-papo gravado, que a pressa de uma viagem não permitiu fosse corrigido.

Não venho, portanto, alterar o texto que exprime honestamente o meu pensamento. E naturalmente que, sem corrigir, na fluência de uma longa conversa com repórteres mais moços, dois pontos, apenas, merecem reparos.

O primeiro é quando apresenta Lutero Vargas como irmão de Getúlio. Creio que o leitor inteligente, principalmente se gaúcho, não teve dúvidas de que se trata do filho do ex-presidente, meu amigo e colega dr. Lutero Vargas.

O segundo engano aparece no final da entrevista, quando falo na sucessão de republicanos por democratas, nas últimas eleições norte-americanas, porque saiu publicado exatamente o contrário do que aconteceu (Carter, um democrata, sucede a Ford, republicano). Enganos admissíveis na transcrição de uma longa gravação, sem a presença do entrevistado.

Estas linhas não são uma reclamação, porque traduzem, antes de tudo, o agradecimento do velho repórter. — *Hélio Silva, Rio de Janeiro.*

Caro Leitor,

Há uma tendência que se generaliza, já atingindo mesmo as pessoas mais lúcidas e que consiste na aceitação de que as coisas estão realmente muito confusas. Afinal, se nem o ministro da Fazenda está entendendo nada, por que nós, simples mortais?
Pois quem pensa assim está se deixando enganar pelas aparências. Há cinco anos, um estudo — aliás divulgado exatamente no mês de fevereiro — feito por dois pesquisadores da Rand Corporation deixava no ar uma questão que, segundo o próprio estudo, deveria se colocar para os brasileiros ainda na década de 70. A questão: "O que acontecerá se houver um declínio econômico prolongado? E se as elites empresariais passarem a ver no autoritarismo militar não uma arma, mas uma causa dos seus problemas?"
É bom lembrar que o estudo, feito sob encomenda do Departamento de Estado norte-americano, surgiu em pleno milagre econômico brasileiro. Até aquele momento, o regime militar brasileiro havia enfrentado duas crises de natureza eminentemente política — outubro de 65 e dezembro de 68 — e desenvolvidas em torno de investidas dos setores mais autoritários do governo contra o que consideravam ser uma relutância do corpo político em apoiar medidas restritivas, necessárias ao combate à subversão.
O êxito econômico iniciado em 69 arrefeceu os ânimos desta ala e solidificou o entendimento entre os militares e a chamada elite empresarial, união sobre a qual se assenta o regime. Por um acordo tácito, essa elite abriu mão dos seus direitos políticos, em troca da garantia de segurança para tocar os seus negócios.
Ocorre que poder econômico depende de poder político, inclusive para interferir nas leis econômicas. Diz um conhecido pensador ocidental: "Quanto mais extenso o domínio arbitrário do decreto, mais difícil é para os Estados resistirem à tentação de privar todos os cidadãos da condição legal e dominá-los como uma força onipotente".
É lícito esvaziar os sindicatos para evitar reação a uma política salarial rígida? É lícito limitar as prerrogativas políticas dos civis para impedir pressões? Então deve ser lícito intervir nas áreas econômicas para garantir programas e atender necessidades conjunturais.
É um processo que agora alcançou os interesses de uma classe para quem o regime ideal é aquele em que em vez de cidadãos de uma república existam apenas pessoas privadas empenhadas em ganhar dinheiro, sob a sombra protetora do Estado, entendido o Estado como força policial organizada para garantir quem tem o poder econômico. No momento ela tem o mérito de abrir um debate necessário à nação. Mas não peca pela sinceridade.

Uma pílula para tomar sem medo

Pesquisadores gaúchos vão pedir apoio do governo para produzir uma pílula anticoncepcional que eles desenvolveram depois de cinco anos de estudos. É muito mais barata e não causa os males que causam as pílulas atualmente em uso

O médico e pesquisador Arnaldo Ferrari afirma ter encontrado a solução para um problema que preocupa alguns milhões de mulheres no mundo inteiro: uma pílula anticoncepcional segura, que não provoca efeitos colaterais e nem causa alterações no ciclo menstrual.

Ele ainda não quer revelar muitos detalhes dessa pílula, que é o resultado de cinco anos de pesquisas de sua equipe na Fundação Universitária de Endocrinologia e Fertilidade, em Porto Alegre. Mas garante que se conseguir apoio para produzi-la industrialmente vai provocar uma completa reviravolta no mercado de anticoncepcionais, atualmente dominado por empresas estrangeiras e feitos à base de hormônios sintéticos importados de suas matrizes no exterior.

As mulheres brasileiras consomem 4 milhões de caixas desses anticoncepcionais, por ano, quantidade que corresponde a 10 por cento do consumo mundial.

A pílula desenvolvida por Ferrari e sua equipe é o aperfeiçoamento de uma outra já existente conhecida como minipílula e cuja característica principal era a reduzida percentagem de hormônios na sua composição.

Os hormônios que entram na composição das pílulas usadas atualmente — o progestogeno e o estrógeno — são os responsáveis por todos os desequilíbrios que elas provocam no organismo fe'mínimo. A chamada minipílula evitava esses desequilíbrios, mas trazia outros: em cada 100 mulheres testadas entre 40 e 60 apresentavam acentuadas alterações no seu ciclo menstrual.

A pílula tradicional atua sobre o hipotálamo, zona do cérebro que comanda o funcionamento da hipófise, a glândula que estimula os ovários a produzirem óvulos e os hormônios sexuais (extrógeno e progestógenos). Os ovários, deixando de ser estimulados pela hipófise, não produzem mais seus hormônios próprios e a mulher passa a ser abastecida sexualmente pelos hormônios artificiais das pílulas.

A mini-pílula parte de um princípio diferente. Ela age sobre o muco cervical, secreção que reveste a entrada do útero e possibilita o deslocamento dos espermatozóides até o útero. O muco é endurecido pela ação de substâncias químicas e não permite a penetração do esperma.

A parte importante do trabalho de Arnaldo Ferrari foi a descoberta de uma substância que neutraliza os desequilíbrios que essa pílula causava no ciclo menstrual das mulheres. Ele não revela o nome dessa substância (diz apenas que é um sal), que ainda não é de domínio público. Foi posta no mercado pelo laboratório que a descobriu e registrou há dez anos e ainda é quem controla o seu uso. Pela legislação internacional a esse respeito, somente este ano o uso desse sal cai em domínio público.

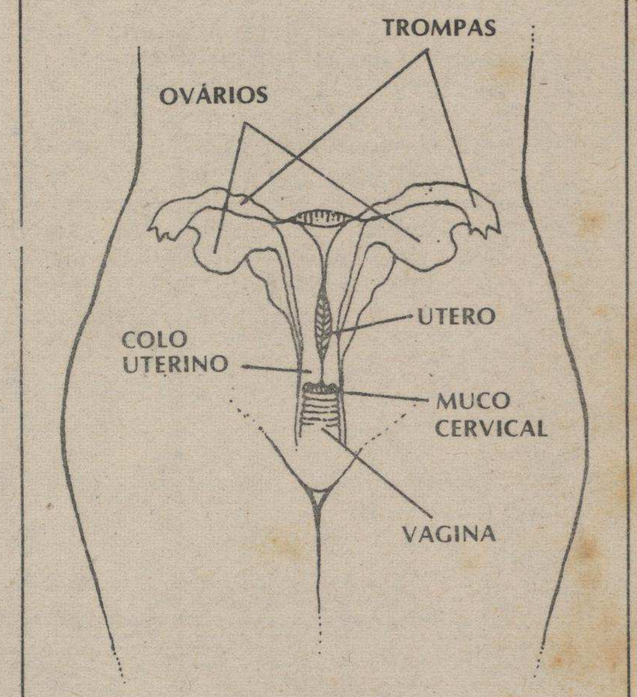
Ferrari já fez testes em mil ciclos femininos — 500 mulheres, dois meses cada uma — com 100% de resultados positivos. O índice de alterações na menstruação caiu para 3%.

O índice de hormônios que entram nessa pílula é entre 10 e 20 vezes menor do que o existente nas pílulas atualmente no mercado e que têm 0,25 miligramas de progestógenos e 0,25 microgramas de estrógeno.

Como os hormônios produzidos sinteticamente representam a parte maior do custo das pílulas, a nova pílula desenvolvida por Ferrari será "várias vezes mais barata" do que as usadas hoje.

Preparando-se para buscar o apoio do governo a fim de produzir industrialmente a sua pílula, Arnaldo Ferrari já prevê uma forte reação dos laboratórios multinacionais que dominam 90 por cento do mercado de anticoncepcionais no Brasil e que não têm o menor interesse num produto que além de mais barato dispensa uma matéria-prima que eles mesmo fabricam e que lhes é muito rendosa, como é o caso dos hormônios.

Arnaldo Ferrari: as multinacionais vão reagir



A pílula cria uma barreira química no muco cervical

A Fundação onde foram feitas as pesquisas

É cada vez maior, em todo o mundo, a preocupação de médicos sérios com os efeitos da pílula à base de hormônios sintéticos no organismo feminino. Ela está em uso há 15 anos e ainda não se sabe ao certo quais são todas as conseqüências da sua ingestão prolongada. "É preciso estar completamente despreparado em fisiologia e ginecologia para aconselhar o uso das pílulas anticoncepcionais para fins de evitar a gravidez", disse o médico Mário Victor de Assis Pacheco, livre docente da Universidade do Rio de Janeiro em artigo recente no jornal Movimento, de São Paulo.

No mesmo artigo o médico carioca lembra os dados apresentados por um colega, o professor A. Kovalkov, da Universidade de São Paulo, num simpósio da Comissão de Saúde da Câmara Federal, em Brasília em 75. Kovalkov declarou que em 1971, nos Estados Unidos, uma pesquisa constatou que 90 em cada mil mulheres com idade entre 35 e 44 anos que tomavam pílulas sistematicamente haviam morrido em conseqüência dos anticoncepcionais.

A lista conhecida, mas não completa, de males que podem surgir pelo uso continuado das pílulas é a seguinte: Amenorréias, Hemorragias Uterinas, Corrimento Intensivo, Mamas Dolorosas, Nódulos Mamários, Manchas no Rosto, Queda de Cabelo, Frigidez Sexual, Enxaqueca, Engorda Acentuada, Melancolia, Irritabilidade, Tromboses, Embolias, Enfarte do Miocárdio, Hipertensão Arterial, Hemorragia Cerebral, Heminoplagias, Paralisias, Cegueira Uni ou Bilateral por lesão no cristalino ou atrofia do nervo ótico, Icterícias, Hepatites, Diabetes, Tumores do Fígado, Parada do Crescimento Juvenil, nascimento de múltiplos, de débeis mentais e físicos, de deformados graves e pseudo-hermafroditas, Atrofia dos Ovários, Câncer da Mama, Câncer do Útero, Morte Súbita.

Depois de 15 anos, apenas alguns dos efeitos são conhecidos

A Fundação de Endocrinologia e Fertilidade foi fundada em 1968 por um grupo de especialistas gaúchos dispostos a dedicar-se à pesquisa nessa área. Além de Arnaldo Ferrari, faziam parte do grupo Cumine Lídio Rosito, Arnaldo Kunt e Maria Beatriz Ferrary.

Antes eles se haviam ligado à Benfam (Sociedade do Bem Estar da Família), que se instalou no país em 1965 e tinha como uma de suas metas estimular a pesquisa sobre fertilidade e reprodução humana. Arnaldo Ferrari, formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e com especialização em Ginecologia e Obstetrícia em universidade americanas e européias, foi o primeiro presidente da Benfam em Porto Alegre.

Mas ele e seu grupo afastaram-se, quando descobriram que a entidade estava apenas "interessada em monopolizar a política de planejamento familiar" e não queria nada com pesquisas. "Nós não estávamos interessados em planejamento familiar apenas. Queríamos fazer pesquisas a nível universitário, com reprodução humana porque naquela época existia muito pouca coisa neste campo", conta Ferrari.

Afastaram-se da Benfam, então, e decidiram criar a Fundação que hoje conta com recursos da Fundação Ford, da Organização Mundial da Saúde (com quem mantém convênios e estreito relacionamento). Apesar de ser Fundação Universitária, tem com a Universidade gaúcha uma relação distante: por um acordo verbal, os estudantes têm aulas de endocrinologia lá. Hoje a Fundação gasta Cr$ 80 mil por mês só com a manutenção do seu laboratório que, segundo Ferrari, é o mais sofisticado do Brasil.

Foto de Jacqueline Joner

Editores, cadê o feijão nosso de cada edição?

"Ministério convoca atacadista para saber do feijão". "Confisco para o feijão". "Governo fiscaliza feijão e ameaça confiscar se descobrir que há sonegação". "RS comprará feijão mais barato de Santa Catarina". "Confisco branco do feijão pode ser estendido do Paraná ao RS". "Sunab descobre sete mil sacos de feijão".

Estas são as manchetes dos jornais nas últimas semanas. Ninguém sabe, ninguém explica, ninguém compra, ninguém vende, ninguém vê o tal de feijão, desaparecido há tanto tempo da mesa do brasileiro. Por enquanto, ele só aparece na mesa dos editores de economia da imprensa brasileira, que mesmo assim não conseguiram ainda responder à pergunta de todos: cadê o feijão?

Perdão, leitores

Luiz Cláudio Cunha

O Brasil, paraíso da racionalização, consome atualmente dois litros de gasolina para cada litro de leite. Dúvida atroz: o empréstimo compulsório sobre combustível inverterá esta relação?

Castellinho, para quem não sabe

Uma dica para jornais e jornalistas preocupados em explicar, e não em confundir: façam uma entrevista, digamos de seis em seis meses, com gente como Carlos Castello Branco, o mais respeitado colunista político deste país, que assina diariamente a "Coluna do Castello", na página 2 do Jornal do Brasil. O semanário Pasquim fez isso em oito páginas da sua edição nº 392, na primeira semana deste ano, e ajudou a dissolver um pouco este breu profundo que envolve o atual quadro político brasileiro. Em cada quatro ou cinco linhas de respostas, Castellinho disse na entrevista tudo aquilo que ele apenas insinua, sugere ou deixa vagamente implícito em dezenas e dezenas de colunas no JB. Coisa que, ressalte-se, ocorre muito menos por culpa do colunista do que pela soma de ameaças (implícitas e explícitas) que pairam permanentemente sobre a liberdade de imprensa e de informação no Brasil.

Castellinho, piauiense de 56 anos de vida e mais de 30 de jornalismo, contou que "muitas vezes tenho que escrever pra dar a impressão de que não sei" e repetiu a frase que uma vez ouviu de um coronel: "O senhor escreve o que está escrevendo e não lhe acontece nada porque sabemos que só nós entendemos isso". Nem por isso, contudo, Carlos Castello Branco conseguiu se livrar de algumas prisões temporárias a partir do dia 13 de dezembro de 1968, que marca o desabrochar do AI-5 e a transformação do colunista, antes "densamente informativo", num "quase ensaísta, pra poder transmitir minhas informações em mensagem cifrada". Eis aqui um resumo da opinião (não cifrada) que o Castellinho tem de figuras e fatos da política brasileira:

— *Quem é importante no Palácio do Planalto:* Golbery do Couto e Silva (chefe da Casa Civil), Humberto Barreto (secretário de Imprensa), João Baptista Figueiredo (chefe do SNI) e Heitor Ferreira Aquino (secretário particular de Geisel).

— *Quem são os candidatos à sucessão de Geisel:* Tem três militares com possibilidades. 1) o ministro da Guerra (general Sylvio Frota) é sempre uma hipótese. 2) o militar forte do Palácio, general Figueiredo, é outra hipótese. 3) o militar denominador comum das correntes da classe, general Reynaldo Mello de Almeida (ex-comandante do I Exército, atual ministro do Supremo Tribunal Militar).

— *Quais as chances do ex-presidente Médici voltar a ser candidato:* Tem condições de influir, mas não de ser ele mesmo o sucessor. Tem uma liderança muito grande porque todas as pessoas do sistema anterior estão descontentes com o governo Geisel.

— *Quem tem melhores chances de ser o sucessor:* Como a disputa entre os militares é muito intensa, e o general Figueiredo, que é o mais forte, está sendo contido pelo Alto Comando e dificilmente chegará a general de quatro estrelas (o grau hierárquico pra se chegar a presidente), a coisa pode embaralhar e saírem pra solução civil. Podemos chegar ao ponto em que a unidade militar só seja salva com a candidatura civil.

— *Quem são os candidatos civis:* João Leitão de Abreu (Chefe da Casa Civil de Médici), Magalhães Pinto (presidente do Senado), Ney Braga (ministro da Educação e Cultura), Nascimento Silva (ministro da Previdência Social).

— *Quais as chances do ex-ministro da Fazenda, Delfim Neto:* Não ganharia nunca uma eleição direta.

— *Quem ganharia:* Magalhães Pinto (...) Sua situação militar também não é de se menosprezar. Tem o patrocínio do marechal Odylo Denys, que parece estar fora do jogo mas está dentro ainda. Magalhães homenageou o Duque de Caxias no Senado, na pessoa do general Sylvio Frota, que levou mais 52 generais, dando uma demonstração de força. Frota ficou tão satisfeito com a festa que perguntou para Magalhães: "Senador, tem hora pra sair?".

— *Conflito Igreja-Estado:* É a briga mais grave que se processa hoje no Brasil.

— *Indicação de Geisel, por Médici, para presidente:* O Médici não fez a consulta de praxe ao Alto Comando. Ouviu alguns amigos, alguns generais e fez uma reunião final com quatro pessoas: gen. Orlando Geisel, ele, gen. Figueiredo e o gen. Carlos Alberto Fontoura (então chefe do SNI), hoje embaixador em Portugal. Conversaram em torno do assunto e examinaram alguns nomes. O Médici perguntou: "Quais são as relações do Ernesto hoje com o Golbery?". O gen. Figueiredo disse: "Não existem. Estão rompidas". Aí o gen. Médici disse: "Então vamos pro Ernesto".

— *Eleições diretas em 78, conforme a Constituição:* Olha, a resistência do governo é muito grande (...) Depois das eleições de 74, (Geisel) recebeu muitas pressões do chamado Aparelho de Segurança, que estava inquieto com o aumento da representação do MDB, achando que aquela vitória do MDB seria uma ofensiva de intimidação ao Sistema. Houve uma pressão militar contra isso. O presidente tranqüilizou-os cassando alguns mandatos, impedindo as Comissões Parlamentares de Inquérito, vetando a ida de Armando Falcão à Câmara... Esse tipo de coisa foi superado. O círculo íntimo do presidente, seus auxiliares imediatos — por hipótese talvez sejam o gen. Golbery, Humberto Barreto — temem que uma nova eleição dê um resultado negativo, voltando a criar dificuldades militares. Em nome da política de distensão, querem evitar eleições em 78 porque acham que seria uma terrível derrota para o Governo. Imaginam prorrogação, ou eleição indireta. Até pra Câmara dos Deputados...O que estamos assistindo hoje é um festival de fórmulas saídas dos porões do Palácio do Planalto, sugerindo soluções ao presidente Geisel a fim de impedir uma eleição na qual acham que o presidente não sairá bem.

— *Eleições de 76:* O governo se diz vencedor, mas está se comportando como vencido. Quer fazer outra eleição porque precisa de uma nova vitória. Mas não agüenta outra vitória dessas, não pode correr esse risco.

— *Previsão para 77:* A sucessão é que vai ferver. Será anunciada no começo de 78, mas será decidida em 77.

— *Os dez melhores políticos do Brasil, hoje:* Delfim Neto, Magalhães Pinto, Thales Ramalho (secretário-geral do MDB), Sinval Guazzelli, Ulysses Guimarães, Petrônio Portela, Pedro Simon, Roberto Saturnino (senador, MDB-RJ), Chico Pinto (deputado federal cassado) e Mário Andreazza.

— *Severo Gomes:* É a figura de maior sedução pessoal desse governo, pelo talento, pela cultura e pela vivacidade. Agora, o que diz não interpreta o governo, não influi no governo, mas interpreta o pensamento oculto do presidente. Eu escrevi que o Severo é a face oculta do presidente Geisel.

— *Teotônio Vilela* (senador, Arena-PI): Não é um político. É uma alma cívica.

— *Paulo Brossard* (senador, MDB-RGS): Brossard é um orador, um grande líder parlamentar, mas não é um político.

— *Gen. Golbery do Couto e Silva:* Não é um bom político. É um homem inteligente, mas levita muito. Não tem os pés no chão.

— *Distensão:* Eu insisto (no uso da expressão "distensão lenta e gradual") porque sei que isso aborrece os militares. Já que a gente se aborrece com a presença deles no poder, podemos ao menos irritá-los com coisas mínimas como a palavra *distensão*.

Os grandes jornais não estão no Sul

Porto Alegre não possui um grande jornal. Afinal, no mesmo dia em que a manchete de capa de todos os grandes jornais do centro do país destacava a manifestação do empresariado paulista em favor do Estado de Direito e das franquias democráticas, as edições daquela sexta-feira (dia 4/2) da imprensa gaúcha confinavam o tema, por descuido ou insensibilidade, nas páginas internas do noticiário político de rotina. Nem mesmo a pista dada pelo presidente do MDB, Ulysses Guimarães ("é o acontecimento mais importante registrado no país, desde a revolução de 1964"), serviu para alertar os editores gaúchos. Numa atitude inusitada para o meio, o presidente da poderosa Federação e Centro do Comércio do Estado de São Paulo, José Papa Júnior, em nome de 108 sindicatos patronais paulistas, entregou aos jornais e, só no dia seguinte (3/2), ao governador Paulo Egydio, um documento onde revela que o empresariado queria "um regime democrático, e não um regime espúrio, quando preparávamos o movimento de 31 de março". Ainda no dia 2/2, os jornais do Rio e São Paulo traziam outra revelação de Papa Jr.: "O empresário, ao contrário do que se fala, quer a liberdade, a democracia e eleições diretas. O empresário ama o Estado de Direito. Ele não aceita imposições que venham de cima para baixo".

A virulência da manifestação, antes de tudo surpreendente, chocou os setores mais críticos do governo. Tanto que, já na audiência com o governador, Papa Jr. revisou sua posição original: "O regime político do Brasil é maravilhoso", disse. Mesmo assim, suas idas e vindas provocaram uma corrente de apelos pró-democráticos. "Todos nós estamos dentro de uma caldeira, em que a pressão já alcança níveis perigosos. E pode explodir em breve, caso não haja uma definição geral", avisou o empresário Laerte Setúbal Filho, diretor da Federação das Indústrias de SP, que reconheceu que, "no fundo, grande parte do empresariado é contra a abertura política". Mas, assim como o ministro Severo Gomes, da Indústria e Comércio, que diz necessitar o país de uma "abertura dos debates políticos, para que possam manifestar-se os choques de interesses e para que haja um pacto de aceitação e não de submissão", Laerte Setúbal revela que, "aparentemente, já há algum tempo, as Forças Armadas estão se cansando de ser a guarda pretoriana do regime".

Um aviso aos leitores interessados: é inútil procurar maiores detalhes sobre estes abalos sísmicos nos jornais porto-alegrenses. Recomenda-se, para tanto, O Estado de São Paulo, Jornal do Brasil, Folha de S. Paulo, Gazeta Mercantil, por aí... Perdão, leitores.

Censura para os sodomitas

A democracia existe, pelo menos na redação do jornal Zero Hora. Enquanto o ministro Armando Falcão, da Justiça, manuseava o manifesto de 1.046 intelectuais brasileiros contra a censura, a edição dominical da ZH de 30/1 trazia dois artigos a favor. Apesar do seu título de jornalista, o deputado estadual arenista e tenente-coronel da reserva Pedro Américo Leal, escreveu: "Filmes os vejo, os mais imorais possíveis, com novelas até certo ponto abordando, dentro da normalidade, o que bem entendem, com peças teatrais ou apresentações de artistas, aqui para nós, de arrepiar auditórios". Na mesma edição, o general da reserva Adolpho João de Paula Couto, presidente da Ação Democrática Renovadora (ADR), entidade cívico-patriótica que se proclama defensora, no RGS, dos princípios do movimento de 64, descobriu que os intelectuais ("exultantes com a extrema liberalidade da censura") estão procurando "exercer pressão psicológica no sentido de evitar que a censura se torne mais severa e impeça o prosseguimento de sua (deles, intelectuais) inglória missão de degradação dos valores da sociedade ocidental, missão que zelosamente vem cumprindo, rumo à sodomização". Nada esclarece, porém, quanto à feição.

Ar Condicionado é Springer Admiral

Springer

Admiral

marca

FÁBRICAS: Canoas, RS - Paulista, PE - Manaus, AM

Só muda o título

Os principais jornais de Porto Alegre estão patrocinando algo inédito em matéria de contenção de despesas e de indiferença para com os leitores. Desde o dia três de fevereiro, quando a equipe de futebol do Grêmio partiu para uma excursão de 31 dias pela América Latina, os jornais publicam informações exatamente iguais, enviadas em forma de release pelo único jornalista que acompanha a delegação.

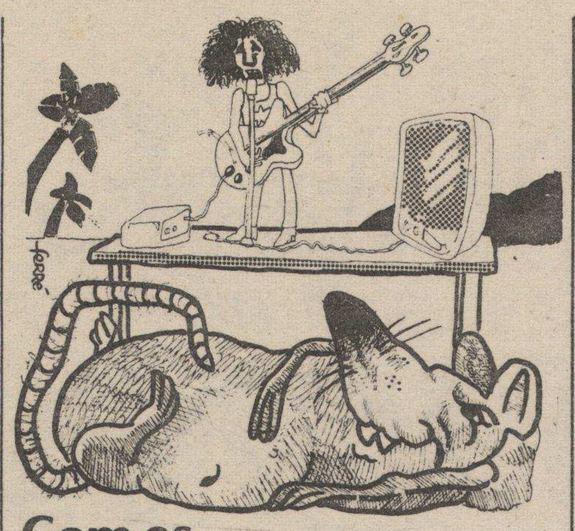
O envio de apenas um jornalista faz parte de um acordo assinado no Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Rio Grande do Sul na sexta-feira anterior à viagem. Com base em informações seguras de que este procedimento deverá se tornar normal nas viagens internacionais, o Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre e a Associação dos Cronistas Esportivos Gaúchos estão preparando uma incisiva nota de protesto.

O presidente do Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas, Maurício Sirotsky Sobrinho, também diretor-presidente da Rede Brasil Sul de Comunicações (editora do jornal Zero Hora e proprietária da TV Gaúcha e rádios Gaúcha, Zero Hora-FM, Metrópole, Porto Alegre e Alvorada, esta em Brasília), considera o fato absolutamente normal. "Afinal", diz ele, "o jornalista convidado assumiu um compromisso e agora está mandando releases que o Grêmio distribui. Funciona como uma assessoria de imprensa, igual a tantas outras de órgãos públicos ou privados".

O jornalista convidado (com base numa portaria da CBD que exige que todo clube em viagem internacional leve um jornalista profissional na delegação) é Odon Rodrigues, da Folha da Tarde (órgão da Companhia Jornalística Caldas Júnior, também editora dos jornais Correio do Povo e Folha da Manhã, além da Rádio Guaíba). Este fato também não preocupa Sirotsky, do concorrente Zero Hora: "Da próxima vez vai um jornalista daqui".

Por ter viajado como convidado do Grêmio (com todas as despesas pagas), Odon Rodrigues, não recebeu diárias de seu jornal. E diariamente está enviando matérias de 20 a 30 linhas sobre a delegação, que os jornais têm publicado na íntegra, sem modificar uma vírgula, como aconteceu no último dia seis. O tamanho das notícias foi determinado pelo custo das mensagens enviadas via telex.

Elaine Lerner



Com as roupas na mão

Cinco mil jovens entre os 14 e quase 30 anos se encontraram na praia catarinense de Camboriu, de 28 a 30 de janeiro, para mais um festival de rock. Como das outras vezes, saíram frustrados. Pois a boa música, personagem principal, foi um acontecimento raro, prejudicado em boa parte pelo sistema de som que muitas vezes esteve precário.

Salvaram-se as apresentações de três grupos — Bixo da Seda, A Chave e Som Nosso de Cada Dia — mas os promotores se esqueceram de detalhes que não deveriam ser repetidos: sanitários inadequados e anti-higiênicos, nenhum médico nem ambulância, qualidade de som ruim.

E, como em festivais anteriores realizados no país, a ação policial perturbou os participantes. Com a desculpa de estarem em busca de drogas, policiais recolheram roupas, cobertores e até mochilas iguais ou parecidas às militares. Com isto, acabaram deixando muito garoto voltando para casa embaraçado: pedir carona com as roupas penduradas debaixo do braço nunca foi cômodo, além de dificultar o retorno dos que saíram de São Paulo, Rio, Minas, Paraná, Rio Grande do Sul e até Argentina.

Os quase Cr$ 1 milhão em gastos e outros prejuízos ainda maiores do festival catarinense tiveram ainda outra conseqüência triste: são fortes fatores a impedir a realização da única tentativa do gênero que seria feita no Rio Grande do Sul.

Ricardo Barreto

Energia limpa ou jogo sujo?

"O dogma da necessidade do crescimento constante tem levado a extrapolações estatísticas absurdas, como a da continuação indefinida da duplicação, cada dez ou cada sete anos, do consumo de energia. Junto com este tipo de extrapolação, para cuja realização na prática se movimenta uma publicidade que nos incita a um uso cada vez mais esbanjador de energia, surgem então planejamentos ainda mais absurdos, como o de querer semear, nos próximos 15 anos, um total de quase 50 usinas atômicas em um pequeno país de 250 mil quilômetros quadrados, como é o caso da República Federal da Alemanha.

Aqueles que têm interesse nesta proliferação nos apresentam a energia nuclear como a energia do futuro, a energia mais abundante e mais limpa, mas silenciam sobre seus incríveis custos ambientais e fazem o possível para desinformar-nos a respeito. Se é verdade que das chaminés das centrais nucleares não sai a fuamaça preta das usinas a carvão, é também verdade que estas usinas produzem os mais temíveis e indestrutíveis dos poluentes.

A proliferação atômica, tanto em sua fase guerreira como na fase dita pacífica, constitui o maior perigo que o Homem e a Natureza já enfrentaram. Incidindo sobre o mecanismo hereditário dos seres vivos, a radiação ionizante afeta e altera o código genético. Quando isto acontece em células somáticas (as células dos tecidos do corpo) pode levar ao câncer ou à leucemia, nas células germinais (as células que servem à reprodução da espécie) causa mutações. Os estragos, deformações ou deficiências hereditárias podem aparecer até muitas gerações e milhares de anos depois. Assim, quando contaminamos o ambiente com radiações ionizantes, prejudicamos não somente os que hoje vivem, mas condenamos também gerações futuras que nada têm a ver com nossas motivações atuais.

A exploração da energia nuclear, desde a fase de mineração até o lixo atômico, o que, além das usinas propriamente ditas, inclui as usinas de enriquecimento do urânio e a refinação do material físsil usado, contamina o ambiente com os elementos radioativos, alguns dos quais com meia-vida de milhares de anos. É o caso do plutônio. Sua meia-vida é de 24.400 anos. Isto quer dizer que um quilo de plutônio leva 24.400 anos para desintegrar-se a ponto de sobrar meio quilo, mais 24.400 anos para reduzir-se a um quarto de quilo, outro tanto para que sobrem apenas 125 gramas e assim por diante. Uma tonelada de plutônio, após meio milhão de anos deixará ainda uma grama.

O LIXO ATÔMICO

O plutônio, elemento criado pelo Homem, antes inexistente na Natureza, é a substância mais fulminantemente tóxica (radiotóxica) que nossa despreocupada espécie já teve em mãos. Poucos quilos, uniformemente distribuídos na atmosfera, seriam suficientes para acabar com toda vida da Terra. Existem já mais de 100 toneladas de plutônio. Em 1980 seriam quase 400 toneladas de plutônio e no ano 2000 teríamos alguns milhares.

O leigo se imagina muitas vezes que serão certamente encontradas técnicas, ainda não suspeitadas, para resolver os problemas da radioatividade. Mas a Ciência não só nos abre novos horizontes, ela também nos diz de impossibilidades fundamentais. Quando mexemos com o átomo, estamos mexendo com mecanismos básicos da estrutura do Universo. Podemos produzir plutônio, podemos até consumi-lo no reator, mas nunca conseguiremos recuperar o plutônio disperso, da mesma maneira que não podemos recolher o DDT que se encontra nos oceanos e jamais eliminaremos a radiação dos elementos radioativos. Ou poderemos alterar-lhes a meia-vida.

A maior e mais perigosa parte do material radioativo é a que sobra na reciclagem do combustível usado. Esta é a parte que constitui o lixo atômico propriamente dito. A reciclagem é feita em usinas especiais, mais vulneráveis ainda a panes, acidentes, sabotagem ou terrorismo que as centrais. Este lixo é tão radioativo que só pode ser manipulado por controle remoto e a custos extremos. É armazenado em forma líquida ou solidificado e mantido em depósitos especiais para ser depois colocado em minas de sal, injetado em extratos geológicos profundos e mesmo em abrigos de superfície. Alguns pretendem levá-lo aos gelos da Antártida. Durante certo tempo foi jogado às partes mais profundas dos oceanos mas, quando os oceanólogos demonstraram que também estas partes abrigam muita vida e que suas águas estão em circulação e intercâmbio com as demais, esta prática foi proibida por acordo internacional, mas não há controle suficiente. Outros pretendem mandar os resíduos ao espaço, injetando-os em órbita de mergulho solar. Demonstram assim sua fé cega na infalibilidade tecnológica e incapacidade de compreender as ordens de magnitude logo alcançadas. Onde estão os foguetes absolutamente à prova de pane? A própria Nasa, com todo o cuidado, não consegue evitar a incineração de astronautas na plataforma de partida. A escalada prevista exigiria, já no ano 2000, vários foguetes diários. O problema do lixo nuclear, nas ordens de magnitude que já têm e que ainda se preparam, é insolúvel.

QUEM COBRE OS RISCOS?

As centrais e demais instalações complementares, ao se tornarem obsoletas, após 15, 20 ou 30 anos, constituirão ruínas radioativas, só desmontáveis com complicados e gigantescos mecanismos de controle remoto e a custos absolutamente proibitivos. As centrais até hoje abandonadas não foram desmontadas. Onde colocar os entulhos? Se não forem desmontadas estarão garantidos sérios desastres para incautos e arqueólogos até no mais remoto futuro.

A tecnologia nuclear pressupõe um mundo perfeitamente utópico — um mundo sem guerras, sem revoluções, convulsões sociais, desordens, sem terrorismo, sem roubo, banditismo, sem desleixo e erros humanos, sem força maior, terremotos, maremotos, cheias. Este tipo de mundo nunca existiu e nunca existirá. Constitui criminosa irresponsabilidade contar com ele.

Por outro lado, a gigantesca capitalização exigida, quase toda ela de dinheiro público, interferirá nos esforços para desenvolver soluções alternativas: energia solar, do vento, energia orgânica e outras. Interferirá, inclusive, com os esforços por uma agricultura sustentável, realmente sã, capaz de ajudar a resolver o problema da fome".

José Lutzenberger, **engenheiro-agrônomo e ecólogo, no** Manifesto Ecológico, **Cr$ 10,00, à venda nas bancas de jornais e livrarias**

2º Caderno Especial sobre Cooperativismo

"Análise do Cooperativismo no Rio Grande do Sul":
Este é o tema do novo caderno especial que o *Coojornal* lançará na sua edição de março. o caderno será em formato tablóide, com 4 páginas e poderá ser encartado nos jornais de Cooperativas. Os pedidos de reserva de exemplares podem ser feitos até 5.3.77, por escrito, à COOJORNAL, Rua Comendador Coruja, 372 90.000, Porto Alegre, RS.

Quem não dá anúncio é inimigo

A luta feroz que alguns jornais do centro do país travam em suas matrizes foi transplantada com todo o vigor e algumas distorções para suas bases gaúchas. Com a diferença que lá eles brigam com igual ferocidade por leitores e anunciantes e aqui, como não há interesse em aumentar muito o número de leitores (fretes, distribuição, etc), estão disputando à faca apenas os anunciantes.

Segundo comentam alguns executivos desses jornais, entre seus colegas publicitários a coisa está meio na base da coação. "Quem não quer ser nosso amigo, será nosso inimigo", dizia um desses executivos revelando mais ou menos o tom dos argumentos que estão empregando junto aos anunciantes.

Ou seja, quem dá anúncio para um tem que dar para os outros, senão já sabe, na primeira oportunidade leva pau. No caso de órgãos do governo e de companhias mistas, sempre com o telhado de vidro mais frágil, não se espera nem oportunidade. Levanta-se alguns problemas e estabelece-se uma campanha.

É bom lembrar que algumas dessas campanhas ou críticas são justas e corretas. O motivo pelo qual elas são feitas é que são espúrios, pois uma página de anúncio resolve todos os problemas.

Evidentemente, este será um ano difícil, com verbas escassas e, portanto, a luta deverá se tornar cada vez mais encarniçada. Não é improvável, por isso, que além do inevitável desgaste jornalístico, a tática acabe prejudicando a todos: quem tem verba curta, para não se indispor com todos, acaba não dando anúncio a ninguém. **E. Bones**

Arquivo Fecotrigo

Os jornais de cooperativas unidos

Cooperativas querem informar melhor

A troca de experiências é um dos objetivos principais pretendidos pelos jornalistas que no dia 20 de janeiro se reuniram em Porto Alegre para fundar a Associação dos Jornais de Cooperativas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

O estatuto da entidade, depois de muitos estudos e debates, foi aprovado no dia da criação da associação e estabelece duas finalidades principais: a) contribuir para o aperfeiçoamento profissional daqueles que exercem atividades jornalísticas nos órgãos de comunicação das cooperativas; b) apoiar o trabalho de comunicação na extensão rural e em todos os níveis do cooperativismo.

A primeira diretoria da AJOCOOP está formada assim: presidente, José Antônio Vieira da Cunha, do *Coojornal*, órgão da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre; vice-presidenete, Valdir Heck, do jornal O Interior, editado pela Fundação da Produtividade, de Carazinho; secretário, Raul Quevedo, do Cotrijornal, órgão mensal da Cotrijuí; tesouteiro, Luiz Francisco Terra Júnior, da Revista Agricultura & Cooperativismo, editada pela Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja.

Também participaram da assembléia de fundação representantes dos jornais O Eco, da Cooperativa Tritícola de Santa Rosa; O Cotricruz, da Cooperativa dos Produtores de Cruz Alta; e Jornal da Produção, da Organização das Cooperativas de Santa Catarina.

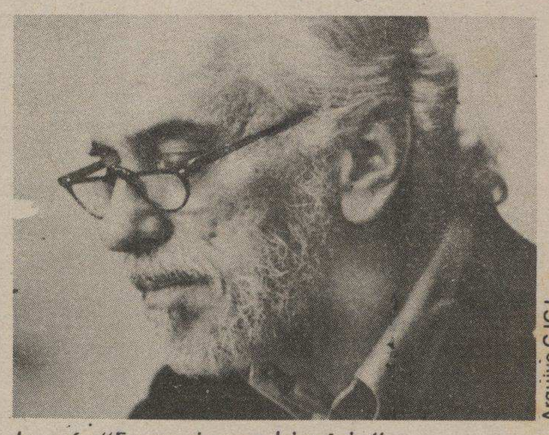
Incômoda ficção

Tambores Silenciosos, o oitavo livro do escritor gaúcho Josué Guimarães, enfrenta estranhas dificuldades para ser editado pela Globo

Uma complicada trama envolvendo personagens reais e fictícios está antecedendo o lançamento do novo livro do escritor e jornalista Josué Guimarães, com 56 anos e sete livros publicados. "Eu escrevi uma história que tinha na cabeça, não tenho culpa se as pessoas se identificam nela", explica o escritor, preocupado com fatos como as gestões desenvolvidas por um ex-secretário de Estado que se julga retratado no conto *Os Tambores Silenciosos* (veja um capítulo na última página).

O conto foi o vencedor, entre 110 concorrente, do I Concurso Érico Veríssimo, instituído pela Editora Globo logo após a morte do maior escritor gaúcho. "Nós vamos editar o livro de qualquer maneira e apesar de todas as complicações", garante José Otávio Bertaso, um dos diretores da Globo. Além do ex-secretário, estas complicações seriam as ameaças de apreensão pela censura e a surpreendente desistência da empresa Riocell (ex-Borregaard) de comprar três mil exemplares da primeira edição, como estava acertado desde o lançamento do concurso. (Para compensar, a Riocell, sempre preocupada com sua imagem, vai editar o conto Ciclo das Águas, de Moacir Scliar, segundo colocado no mesmo concurso).

Já convidado três vezes a comparecer à sede da Polícia Federal no Rio Grande do Sul para "prestar esclarecimentos", Josué esclarece que o livro, a ser lançado em março, "é um libelo contra todas as ditaduras e não contra nenhuma especificamente. "Trata-se — continua — de um projeto caricatural de uma pequena ditadura". Por isso, ele garante, "eles não poderão dizer que o livro é atentatório à moral, como geralmente têm feito. Não existe nada parecido no conto".



Arquivo CJCJ

Josué: "Escrevi uma história"

A história se passa em 1936 no interior do Rio Grande, "entre Passo Fundo e Cruz Alta". Um prefeito insatisfeito com as notícias ruins que chegam a sua cidade decide proibir a venda de todos os jornais, com exceção do que ele mesmo fundou e que só divulga boas notícias. A partir daí começam a acontecer abusos e violências na cidade sem que o prefeito sequer fique sabendo do que está acontecendo. E foi em Lúcio Machado, um assessor deste prefeito imaginário, que o ex-secretário se viu retratado.

Em 15 anos de locação, a Auto Locadora Gaúcha tem usado sempre a mesma receita: o cliente tem razão.

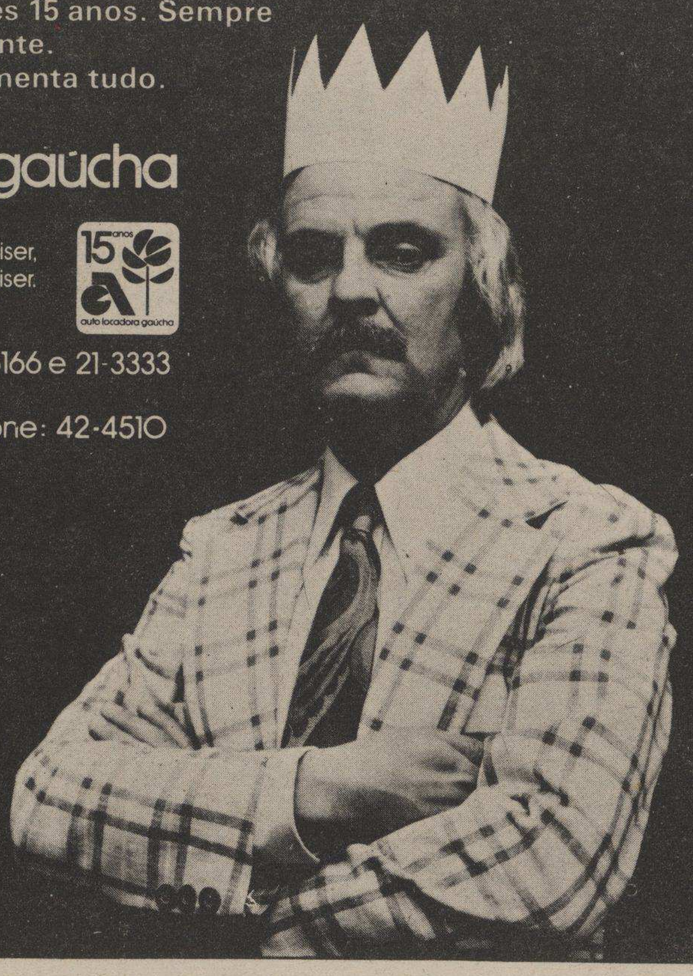
A maior empresa brasileira de locação de veículos tem uma estrutura sólida.
Uma frota de mais de 500 carros que aumenta proporcionalmente à solicitação do público.
E aprimoramento de todos os seus setores.
O cliente da Auto Locadora Gaúcha participa decisivamente desse aprimoramento.
Com críticas e sugestões que são sistematicamente buscadas e cuidadosamente consideradas.
Porque isso ajuda a formar a larga experiência que ela tem obtido nesses 15 anos. Sempre dando razão total ao cliente.
Afinal, é ele quem movimenta tudo.

auto locadora gaúcha

O carro que você quiser, na hora que você quiser. Sempre.

15 anos auto locadora gaúcha

Conceição, 364 - Fones: 24-5166 e 21-3333
Estande permanente no Aeroporto Salgado Filho - Fone: 42-4510
Porto Alegre - RS.



escala

Isto É semanal, em março

Dez meses depois de nascer, a revista mensal *Isto É* se tornará semanal em março. O primeiro número da nova fase vai para as bancas dia 7, uma segunda-feira, junto portanto com *Veja*, uma revista semanal de informações que vive há oito anos sem sombra de concorrência específica.

Da revista mensal, que vendia entre 50 mil e 70 mil exemplares, dependendo da capa de mulher seminua, a nova fórmula vai manter algumas seções, como os artigos de Luis Fernando Veríssimo sobre televisão, o "Pense Grande" de Tão Gomes Pinto, a Carta de Nova Iorque enviada pelo correspondente Hugo Estensoro. E novas seções surgirão: "Humor", a cargo de Henfil; "Carta de Paris", enviada por um correspondente na Europa ainda não nomeado, e outras.

Isto É também preservará o estilo interpretativo, dando ao repórter liberdade para colocar o toque pessoal, inclusive a assinatura. Mas, em vez de uma grande redação servida por extensa malha de sucursais e correspondentes, terá um núcleo mínimo de funcionários abastecidos por colaboradores fixos e eventuais.

Permanecem os quatro jornalistas fixos da redação mensal: Mino Carta, diretor; Tão Gomes Pinto, que será o redator-chefe; Armando Salém, responsável pelo setor político; e Fernando Sandoval será deslocado para a produção, onde vai continuar escrevendo suas notas de esporte. Outros quatro serão contratados agora: o sociólogo Bolivar Lamounier; Nirlando Beirão, editor de Veja, assumirá a seção cultural; e outros que estão sendo sondados, como Geraldo Mayrink, da Veja, e Marcos Sá Correa, do Jornal do Brasil, autor da recente reportagem sobre os papéis da CIA sobre a Revolução de 1964.

Numa entrevista ao jornal Gazeta Mercantil, Mino Carta afirmou que a idéia de fazer de Isto É uma revista semanal vem desde o início, maio de 76. Mas a revista surgiu mensal diante das dificuldades políticas da época, quando a Veja (de onde Mino Carta estava saindo, após oito anos) ainda vivia sob censura e o clima não era, na opinião dele, tão favorável como hoje. Nem a queda do ministro Severo Gomes modifica muito este quadro, segundo Mino.

Mino Carta espera consolidar Isto É até 1978, por ele considerado um ano decisivo, em virtude das eleições para governador e no ano seguinte para presidente da República. Em função das incertezas políticas do ano passado, Isto É não avançou tanto quanto se esperava, embora tenha realizado algumas matérias políticas de moderado calibre. De certa forma, foi uma promessa que se realizou apenas parcialmente, pois teve que fazer concessões mercadológicas, inventado artigos sofisticados em cima de mulheres seminuas, a la Play-Boy, mas sem convicção.

Geraldo Hasse

Flávio Alcaraz na publicidade

Circulam no meio publicitário de Porto Alegre informações de que a Símbolo Propaganda criou um Departamento de Novas Contas e entregou o seu comando ao jornalista Flávio Alcaraz Gomes.

A direção da Símbolo, procurada por este jornal, negou a criação do novo departamento. Confirmou, porém, a entrada de Alcaraz Gomes na agência na condição de colaborador.

Ele prestará assessoria na área de planejamento, em lançamentos especiais e produção de audiovisuais, setor no qual tem alguma experiência e grande quantidade de material de arquivo, segundo a Símbolo.

Flávio retorna assim à atividade depois de quase um ano parado. Ele era diretor da Rádio Guaíba e repórter internacional da Companhia Jornalística Caldas Júnior, de onde estava afastado desde 10 de abril do ano passado, quando matou com um tiro a estudante de medicina Maria José Alberton, de 24 anos. Está aguardando julgamento.

Petrônio Portella visto por Luís Humberto, fotógrafo de Veja em Brasília

A foto no Jornal

Haverá, ainda, lugar para o foto-jornalismo? Há futuro para o foto-jornalismo?

São questões que, freqüentemente, inquietam os interessados no fenômeno visual da informação.

Se considerarmos como foto-jornalismo a produção de imagens apressadas, vulgares e primárias, comandadas pela pseudo-necessidade de ter um testemunho visual do fato e a reboque do texto, a resposta é: não. *Isso como proposta fundamental de foto-jornalismo só não tem futuro porque já está morta há muito tempo.*

O fenômeno da deformação que reduz qualitativamente a contribuição da fotografia pode ser localizado em alguns pontos. A formação predominantemente literária das pessoas que detêm a decisão quanto ao uso do produto jornalístico visual torna-as despreparadas e incapazes para compreender e utilizar, com visão ampla, a imagem.

A falta de intimidade com a linguagem visual torna essa utilização deficiente, pouco inteligente e sempre apoiada em padrões surradamente convencionais. Isso também afeta o nível qualitativo das solicitações, sempre pouco estimulantes e, como conseqüência, também o produto.

A subordinação da fotografia como um elemento acessório é levada a níveis absurdos. Ela é escolhida em função do lay-out e mutilada no interesse da diagramação. Os editores de fotografia são muitas vezes improvisados e aceitam atuar como simples feitores e coadores da produção fotográfica, alheios a uma política visual mais global e deixando escapar sempre a decisão quanto ao uso final.

Será isso uma destinação imutável? Não. E, por vários sintomas facilmente detectáveis, podemos antever possibilidades de mudanças.

Sem dúvida a imagem mais imediata, a informação mais veloz é da televisão, por força de suas características já bem conhecidas. Isso acaba com o foto-jornalismo? Não. Isso muda fundamentalmente a postura em relação ao foto-jornalismo. Ele vai se tornar mais rico, mais interpretativo, mais livre da informação primária, mais desobrigado com o óbvio, mais dependente de uma visão pessoal qualificada.

Uma geração nova vem surgindo, habituada a conviver com linguagens visuais. Nascida e criada sob as histórias em quadrinhos, o cinema e a tevê. Acostumada à naturalidade do ato de produzir e ver imagens sem nenhuma preocupação preconceituosa quanto ao status social, apenas interessada num relacionamento mais rico e expressivo com a vida.

Tudo isso pode forçar, a prazos bastante curtos, mudanças importantes necessárias e de há muito adiadas.

Afinal, o foto-jornalismo não é encontro feliz com imagens acidentais, mas a produção consciente, sofrida, de visões fragmentárias, pessoais e que podem ser, muitas vezes, verdades mais amplas, significativas e universais.

Luís Humberto, fotógrafo

Contra a falsa imagem

O escândalo de Watergate e a revelação dos documentos do Pentágono sobre o envolvimento americano na guerra do Vietname devolveram à figura do repórter parte do prestígio que antes tinha junto ao público. Mas também reavivaram as velhas idéias de aventura e charme atribuídas à rotina jornalística. Preocupada com o efeito que isto possa ter sobre os possíveis candidatos à profissão, a jornalista Polly Toynbee escreveu, no mês passado, um longo artigo na edição inglesa da revista Cosmopolitan, analisando a vida do jornalista e o seu trabalho na Grã-Bretanha.

Apesar da crise econômica e do conseqüente fechamento de jornais e revistas e redução de empregos, a Inglaterra ainda representa uma das maiores indústrias editoriais do mundo. Os britânicos consomem diariamente 24 milhões de exemplares de jornais nacionais, 13 milhões de exemplares de semanários locais, duas mil revistas técnicas, profissionais e comerciais. Mas todo esse conjunto editorial, somado às emissoras de rádio e televisão e ainda às assessorias de imprensa e relações públicas, emprega um modesto total de 30 mil jornalistas em todo o País. Por isso Polly Toynbee procura desmistificar a profissão:

—Vejo muito pouco glamour no jornalismo. A maioria das salas de redação são imundas e os jornalistas são os trabalhadores mais mal vestidos entre o grupo que usa colarinho branco. São freqüentemente mal pagos por longas horas de serviço. Odeiam escrever: as redações estão cheias de gente caminhando pela sala sem objetivo, para adiar até o último momento a ingrata tarefa de colocar tudo no papel.

Para os que vêem no jornalismo um caminho para a fama, Poly Toynbee afirma que essa possibilidade se restringe à televisão. Ela relembra os áureos tempos do jornal e do rádio, mas conclui em tom melancólico que "agora, os melhores jornalistas são famosos no máximo entre seus próprios colegas de profissão".

Quanto ao poder da imprensa, a jornalista inglesa diz que parece maior do que realmente é, devido à característica megalomaníaca dos jornalistas: "Como recebemos as informações em primeira mão, é fácil nos iludirmos com a idéia de que temos controle sobre os acontecimentos ou de que deles participamos". O real poder da imprensa — analisa Toynbee — está em levantar exemplos particulares e concretos, que são "explosivos como dinamite" em comparação com artigos impessoais e generalizados.

A sociabilidade dos jornalistas é, segundo Polly Toynbee, uma compensação pela solidão de seu trabalho. Ela compara cada colega a uma ilha, onde cada um luta sozinho para, em curto espaço de tempo, apreender e comunicar uma nova visão sobre algo que horas antes lhe era quase totalmente desconhecido. Mesmo fora do trabalho, o jornalista está geralmente rodeado por colegas, com quem compartilha as novidades e as fofocas do dia, analisa o desempenho das publicações rivais e procura satisfazer sua aguda curiosidade.

Televisão Guaíba em fogo brando

A partir de junho os três atuais canais de televisão de Porto Alegre deverão dividir a audiência e o bolo da publicidade com a TV Guaíba, Canal 2, da Caldas Júnior

O mais completo equipamento de televisão do Rio Grande do Sul está guardado num edifício-garagem na Rua Sete de Setembro, no centro de Porto Alegre. São quatro câmaras-color, dois telecines, seis câmaras-color portáteis, quatro aparelhos de vídeo-tape, comprados dos Estados Unidos pela soma aproximada de dois e meio milhões de dólares.

Pertencem à TV Guaíba, Canal 2, e causam inveja às outras emissoras de tevê de Porto Alegre (Gaúcha, Difusora, Piratini e Educativa). Afora os equipamentos, no entanto, os únicos indícios de que o Canal 2 entra no ar ainda este ano são as obras em cima do Morro Santa Tereza — atrás da TV Piratini — e um compromisso com o Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) de colocar a estação no ar a partir de 30 de junho.

Na Companhia Jornalística Caldas Júnior, proprietária de três jornais diários e uma rádio, e agora concessionária do novo canal, o diretor Francisco Antônio Caldas não quer falar ainda sobre os projetos da TV Guaíba, já aguardada pelos outros canais com alguma expectativa e um certo receio de que o bolo das verbas publicitárias para o setor — aproximadamente Cr$ 160 milhões por ano — se torne escasso na redivisão.

Junto ao Dentel, onde os funcionários insistem em que o prazo de 30 de junho é improrrogável, a Guaíba solicitou o aumento de potência. Assim, mesmo antes de funcionar, deverá passar de 10 para 15 quilovates de potência.

Por enquanto, a TV Guaíba também já existe num escritório do Edifício Ouvidor, na Rua da Praia, e nas obras que estão sendo construídas no Morro Santa Tereza, onde o engenheiro Cláudio Aidos orienta um grupo de operários da empreiteira que erguerá a torre. Das poucas coisas que Francisco Antônio Caldas admite uma é a de que a emissora continua pensando em não se filiar a nenhuma rede nacional, mas ele não confirma a antiga intenção da Caldas Júnior de operar com uma emissora voltada para o telejornalismo e temas regionais.

O certo, no entanto, é que a Guaíba já começou a investir em gente. No início deste ano trouxe da Rádio Gaúcha o jornalista Carlos Bastos, que até o começo de 1976 dirigira o Departamento de Telejornalismo da Televisão Gaúcha. O comentarista Lauro Quadros também estaria sendo remunerado por conta da nova tevê. Como comentarista da Rádio Guaíba e colunista de esportes na Folha da Manhã, mais os salários pela tevê, ele recebe mensalmente na Caldas Júnior Cr$ 50 mil.

Para os que temem uma perigosa repartição do bolo da verba publicitária, o presidente da Associação Brasileira de Agências de Propaganda, Hesído Andrade, que trabalhou no lançamento da TV Difusora, tem uma manifestação de otimismo: "Há clientes tradicionais, que mesmo antes de a emissora entrar no ar, já asseguram espaço: ouvimos falar de gente que já se anuncia patrocinador do noticiário da futura TV Guaíba, por exemplo".

A reação das concorrentes em relação ao Canal 2 vai desde a aparente indiferença do Canal 12, TV Gaúcha, onde o gerente de programação, Clóvis Prates, diz que "se preocupar com a Guaíba é a mesma coisa que o Inter se preocupar com os jogadores que o Grêmio está comprando", até medidas concretas tomadas pelo Canal 5, TV Piratini (matéria nesta página). Mas o gerente de programação da Piratini, Renato Silva Filho, acrescenta que a sua maior preocupação é com a própria emissora, à qual "precisamos dar seriedade profissional, que está muito desgastada em função da má qualidade da imagem". Para melhorar essa imagem que chega ao telespectador, a Piratini espera novos equipamentos e fez mudanças na antena.

Sem rede e também com poucos recursos, a situação do Canal 10, TV Difusora, embora mantenha atualmente o segundo lugar em audiência, talvez seja a mais delicada. Daí a preocupação do diretor administrativo, frei Borghetti. Ele entende que "num mercado como o de Porto Alegre não há lugar para mais uma emissora de televisão". O que a Difusora está fazendo para esperar a Guaíba? "Não estamos fazendo nada e mesmo não há o que fazer, devido ao silêncio da Guaíba", diz frei Borghetti.

Foto de Eneida Serrano

As obras da TV Guaíba, atrás da TV Piratini

Estrelas no meio-dia

Uma nova opção, segundo seus próprios produtores, surgiu nos vídeos gaúchos desde o dia sete de fevereiro no horário do almoço. É *Meio Dia*, um novo programa de duas horas da TV Piratini produzido, dirigido e apresentado por Sérgio Jockyman.

Ex-jornalista da Última Hora, ex-colunista da Zero Hora, colunista da Folha da Tarde e do Correio do Povo, humorista, teatrólogo e novelista de televisão, Jockyman afirmou, na abertura do programa de estréia, que entre suas preocupações está a de abrir o mercado de trabalho do jornalista, sem contar o fato de que, aos 47 anos, "não resisto a desafios".

Seu programa, pois, só tem jornalistas, à frente e atrás das câmaras. Entre os primeiros estão Ruy Carlos Ostermann (comentarista de esportes), Josué Guimarães (escritor, que vai comentar fatos da cidade,) Simone (mulher de Jockyman) e Johnny Megaton (que cuida de informações gastronômicas). A equipe ainda tem o cronista Luis Fernando Veríssimo, que não vai aparecer no vídeo "porque se considera muito feio". Explica o diretor e produtor: "Ele mandará bilhetes para mim, criticando o programa. A ele foi reservado o papel de consciência do programa".

Atrás das câmaras estão cinco repórteres, mais a produtora Jane Kwitticho e a assistente de direção Elisabeth Horn. Todas são mulheres e bem remuneradas, segundo Jockyman, que afirma pagar o dobro de qualquer outra emissora de Porto Alegre. Na verdade, os Cr$ 2.400 que as cinco repórteres ganham é igual ao que paga a TV Gaúcha — embora exatamente o dobro do que a TV Difusora paga para estagiários.

Tanto esforço é compensador em alguns momentos — Ruy Ostermann, por exemplo, é a primeira vez que aparece no vídeo, e o humor de Jockyman é sempre bem vindo neste horário aparentemente descompromissado. Mas quase todo o programa é uma repetição do esquema usado pelos outros programas que disputam o horário do meio-dia às duas da tarde (Jornal do Almoço, na Gaúcha, e Porto Visão, na Difusora). Sucedem-se os comentaristas que falam durante cinco minutos tendo sempre o mesmo cenário de estúdio, e sucedem-se os entrevistados e entrevistadas, a falar sobre o Inter ou o Grêmio ou sobre desinsetização de ambientes e como as senhoras podem se manter esbeltas.

Para a produção do *Meio Dia*, a TV Piratini contratou Sérgio Jockyman, com sua empresa Jockyman Produções Artísticas, por um valor não revelado pelos interessados. O certo é que para a Piratini, empenhada numa forte campanha de recuperação da imagem (é a terceira colocada em audiência, com um Ibope que não chega a 20%), o horário poderá ser muito rendoso, pois cada segundo neste horário custa Cr$ 50,00, vinte a mais que nas outras duas emissoras. Mas os comerciais talvez tardem um pouco. No programa de estréia, dia sete, a única mensagem publicitária veiculada era uma do Governo Federal pedindo que se economize gasolina.

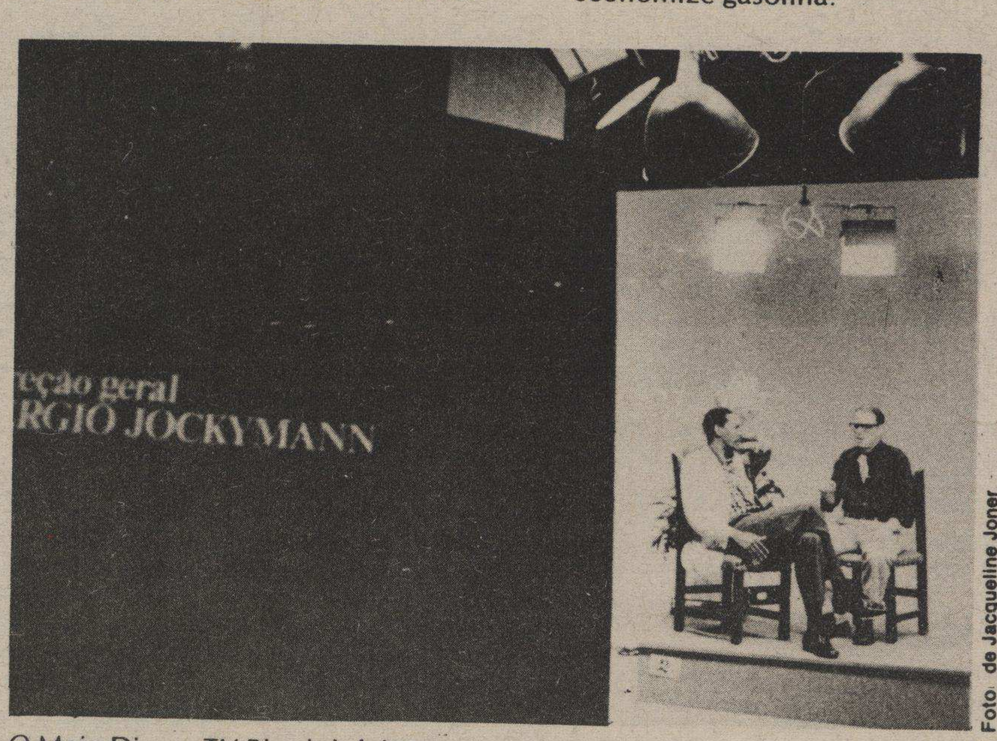
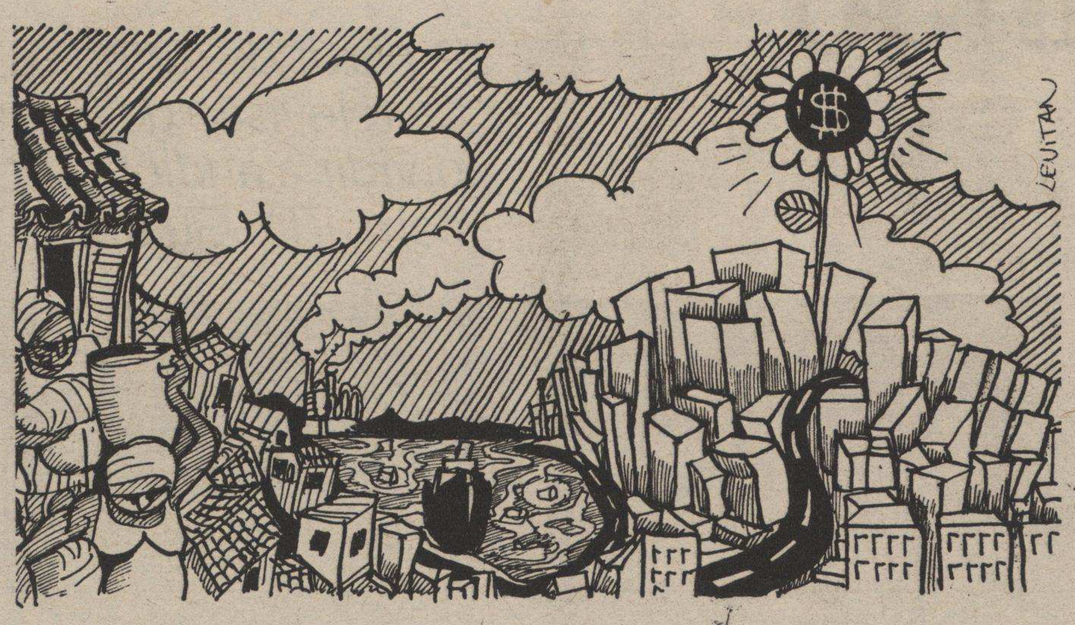


Foto de Jacqueline Joner

O Meio Dia na TV Piratini: feito por jornalistas

Soluções para casos alheios

A quem interessa uma nova praça em Porto Alegre? Subitamente, um problema de poucos foi transformado em necessidade de todos



Quem lê jornal viu nascer há alguns dias na imprensa de Porto Alegre, a idéia brilhante de estender a Praça da Alfândega sobre o terreno, recém desocupado, da Caixa Econômica Federal. Quem se interessou por ela viu-a crescer, tomar vulto, expandir-se sobre os terrenos do GBOEx e chegar à Praça da Matriz, criando um espetacular semicinturão verde contíguo ao centro da cidade.

Em poucos dias, uma idéia, filha legítima da "angústia do concreto", nasceu, cresceu e tornou-se, aparentemente, uma verdadeira reivindicação comunitária, um problema básico da cidade. Essa mobilização envolveu praticamente todos aqueles que se pretendem porta-vozes, formadores de opinião ou representantes dos interesses populares num debate de proporções dignas de uma grande questão pública.

Quem acompanhou a campanha viu participar, além da imprensa e através dela, colegiais com abaixo-assinados, vereadores enviando cartas ao Presidente da República, dirigentes propondo negociações, e outras instituições periféricas, defensoras do meio ambiente e da qualidade de vida urbana, apoiando-a freneticamente, e deve ter tido uma bela e gratificante imagem da mobilização geral em torno de um problema comunitário.

Na realidade, isso tudo constituiu-se num esplêndido exemplo de como assuntos que interessam a alguns tornam-se assuntos da cidade, de todos os habitantes da cidade, graças à falta de representação e poder reivindicativo das parcelas mais significativas e mais carentes da população, e à conseqüente seleção de informações tornadas públicas. Os que manipulam, de uma maneira ou de outra, os meios de formação de opinião conseguem, com uma facilidade espantosa, subverter a importância dos chamados problemas urbanos, confundir as relações homem-cidade e transformar, por exemplo, a carência de áreas verdes em questão de vida ou morte para cidade.

A idéia que se tem, a partir dessa situação estabelecida, é que o preço do progresso não faz diferenciações de cor, credo, raça ou posição e exige de cada um sacrifícios iguais. Conclui-se que estamos todos na mesma canoa, todos somos responsáveis e atingidos e, em afundando, nos afogaremos todos.

O que ocorre realmente é que nem todos os problemas urbanos são democraticamente distribuídos à população. Justamente aqueles mais graves não são decorrentes do crescimento urbano em si e, portanto, não atingem uniformemente a todos os cidadãos. Sendo Porto Alegre uma cidade onde a maioria esmagadora dos habitantes são trabalhadores assalariados, os reais, graves e amplos problemas, no que se refere à qualidade de vida, são relacionados muito mais às condições de trabalho, aos salários e à saúde pública, que outros quaisquer.

O aparente caos urbano reflete, no fundo, a organização, a estratificação social da cidade as relações sociais e de produção. "Por trás dos problemas urbanos está a vida dos habitantes da cidade, que se organiza a partir da repartição dos benefícios do desenvolvimento e na distribuição do preço a pagar", ensina Cândido Procópio Ferreira de Camargo. Logo, os problemas urbanos mais graves vividos pela população não são frutos apenas do crescimento puro e simples da cidade, mas reflexos de outros problemas ainda mais complexos, originados nas formas de organização social. As privações por que passam os habitantes da cidade, na sua maioria, não são decorrentes do crescimento da cidade, ou de sua deficiência estrutural, mas são originados, antes, no momento em que a sua condição social o enquadra num determinado extrato. Aqueles mais pobres, que formam a base da pirâmide social são sistematicamente deslocados para a margem dos benefícios urbanos, em todos os níveis.

Tradicionalmente, e por motivos óbvios, os investimentos públicos em benefícios urbanos se fazem no centro e dele para as periferias, de acordo com o poder de pressão dos beneficiários em potencial. Conseqüentemente, a distribuição espacial da população acompanha a condição social dos habitantes, reforçando as desigualdades existentes, a ponto de hoje a palavra periferia ser sinônimo da noção de marginalização ou de exclusão social.

O caso Praça da Alfândega demonstrou claramente todo o processo de apropriação da pretensa opinião pública para a defesa de posições que em quase nada se identificam com as das grandes parcelas da população. Estas, sem condições de tornar públicos seus maiores problemas, precisam contentar-se com a solução de casos alheios, reivindicados em seus nomes, que, ou não lhes dizem respeito, ou lhes são marginais. O único momento em que essas atitudes lhe falam diretamente é quando o rateio dos custos os atinge, por igual.

Rômulo Krafta, arquiteto

Quem faz e quem lê o COOJORNAL tem um interesse em comum: a verdade.

Quem faz o COOJORNAL é uma equipe da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.

Quem lê o COOJORNAL são pessoas críticas e exigentes. Que buscam no nosso jornalismo o meio melhor de acompanhar os fatos do nosso tempo.

Para essas pessoas é que nós fazemos o COOJORNAL. Com a responsabilidade de quem sabe que fazer jornal é fazer leitores.

Sempre tendo coisas importantes em comum com eles. Como a verdade.

Preenchendo o cupom ao lado, você preenche a sua necessidade mensal de informação selecionada e tratada como você merece.

coojORNAL

CUPOM DE ASSINATURA

Nome: _____

Endereço: _____ Telefone: _____

Bairro: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Forma de pagamento:

Cheque em nome da COOJORNAL

Banco: _____ Valor: _____ Data: _____

Ordem de pagto. nº: _____ Valor: _____ Data: _____

Banco: _____

Vale postal nº: _____ Valor: _____ Data: _____

ASSINATURA POR 12 EDIÇÕES: Cr$ 60,00

Rua Comendador Coruja, 372 Fones: Redação — 24.0951 — Administração e Comercial — 21.8984
Porto Alegre — RS - Brasil

Aqui, nome e endereço de algumas pessoas que poderão contratá-lo, ou comprar seus artigos ou suas fotos, o dia em que você resolver tornar-se um jornalista internacional.

Editor-Chefe: Norman Macrae
The Economist Buildin, 25
St: James Street London SW1A 1H6
Fone: 01-9305155

Editor: Lee Eisenberg
Editor-Chefe: Don Erickson
65 E South Water St. - Chicago
Illinois 60.601

Chefia de Redação:
Moda: Francine Crescent
Beleza e Atualidades:
Françoise Mohrt

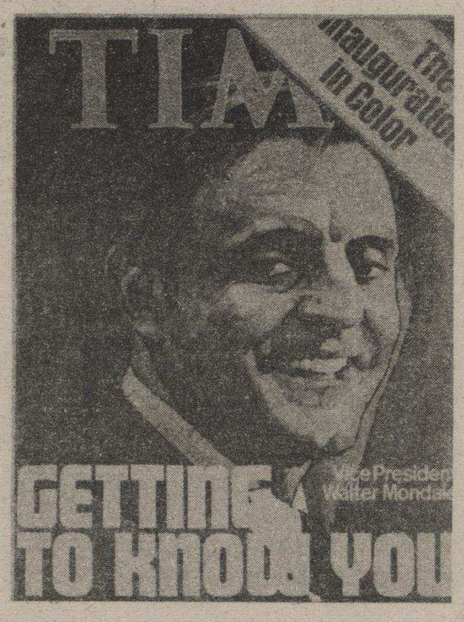
Diretor de Redação:
Philippe Grumbach
25, Rue Berri — 75.008
Paris — Fone: 225-4500

Redator-Chefe:
Jean-Pierre Farkas
100, Rue Réaumur — 75.002
Paris — Fone: 508-2800

Procure o Editor-Chefe da área que você deseja atuar.
229 West 43 — New York N.Y. — Fone: 556-1234

Chefia de Redação: Dr. H. Heigert
Endereço: Sendlinger Str. 80, München 2

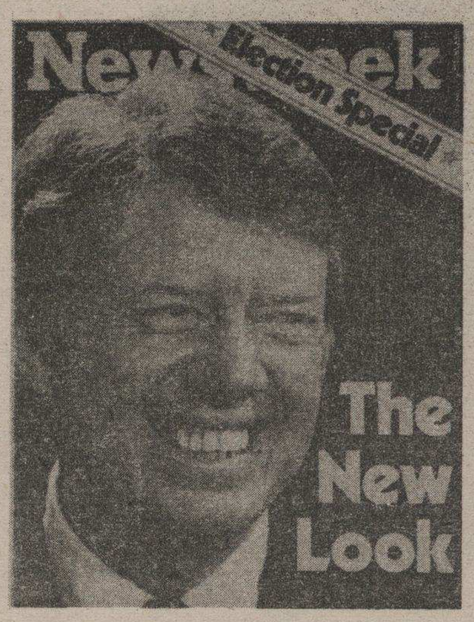
Redator-Chefe: Giuseppi Piazzi
Via Vittorio Veneto, 74
00.187 — Roma — Fone: 48-2841



Editor-Chefe: Hedley Donovan
Editor-Executivo:
Edward L. Jamilson
Rockefeller Center
New York — Ny 10020

Diretor Responsável: Piero Ottone
Via Solferino, 28 — 20.121 — Milano — Fone: 66-5941

Chefia de Redação: Dietrich H. Ratzke
Endereço: 6. Frankfurt am Main 1, Helierhofstrasse, 2-4.



Editor: Edward Kosner
444 Madison Avenue
New York — N.Y. 10022

Claro que sabemos que você está, e sempre esteve, numa boa.

Que o trabalho vai bem, obrigado, que o tutu está entrando fácil e bastante.

Mas achamos que transar novos ares, gente nova, uma terra diferente, nunca está fora dos sonhos e possibilidades de qualquer pessoa.

Principalmente de gente inteligente e talentosa como você.

Por isso, resolvemos deixar aqui a nossa colaboração.

Recorte e junte ao seu passaporte.

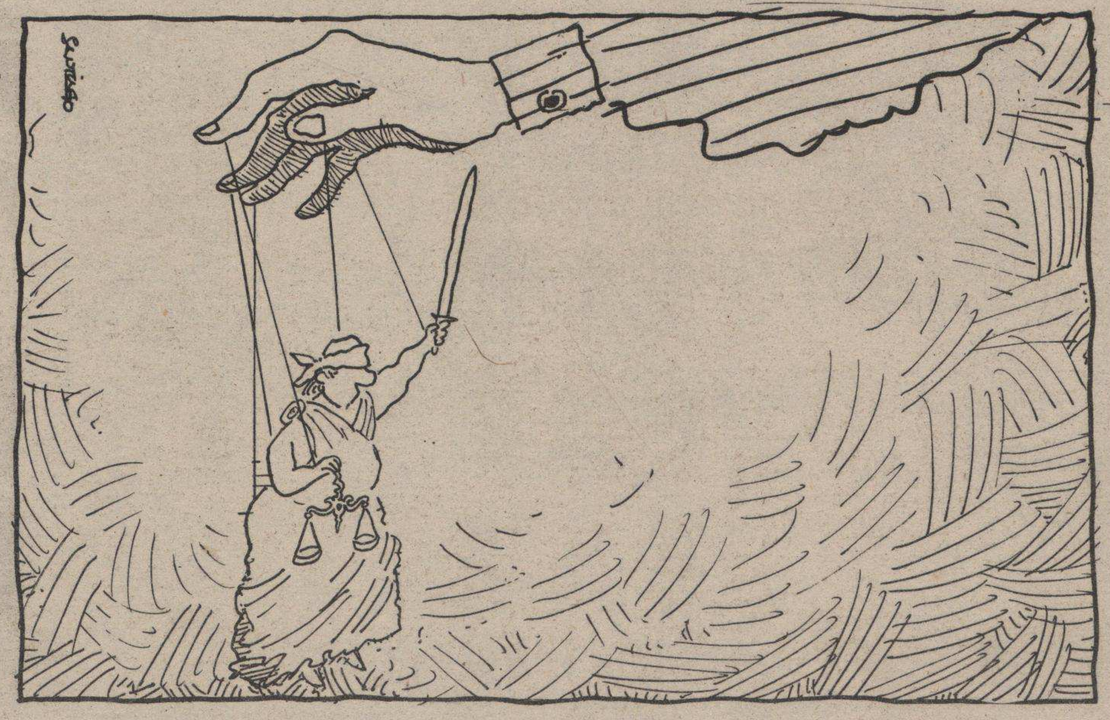
Um dia ele ainda pode lhe ser útil.

Que assim seja.

SAMRIG
S. A. MOINHOS RIO GRANDENSES

A favor de decisões pelos leigos

Neste artigo, com opinião de advogados, é analisada a reforma do Poder Judiciário, especialmente no que se refere à extinção do Tribunal do Júri



"Julga bem o jurado que não conhece Direito", afirma Telmo Jobim, o mais antigo desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. O projeto de reforma do Poder Judiciário, que prevê a possibilidade de uma composição mista do Tribunal do Júri, veio reacender um antigo debate sobre a validade dos julgamentos feitos por tribunais populares.

Colocado nas constituições, no capítulo dos direitos e garantias individuais, o Tribunal do Júri substitiu na Emenda nº 1, de 1969, mas unicamente com competência para julgamento dos crimes dolosos contra a vida (homicídio, indução ao suicídio e aborto provocado, tanto pela gestante como por terceiro). Anteriormente sua competência abrangia o julgamento dos crimes contra a economia popular.

A reforma do Judiciário pretende introduzir a composição mista do corpo de jurados, isto é, integrado por juízes de fato, leigos e juízes togados. O fato não chega a constituir novidade, pois na antiga lei de imprensa o corpo de jurados contava com a presença de um juiz togado e quatro juízes leigos. O mesmo ainda acontece na Justiça do Trabalho e na Justiça Militar, onde juízes togados ombreiam com cidadãos sem formação profissional jurídica.

O que preocupa com relação à composição mista é que a experiência tem demonstrado que a mera presença de um juiz togado, no meio de pessoas do povo, já se constitui em elemento de inibição, comprometendo a necessária soberania do tribunal popular. Os juízes de fato, nessas circunstâncias, tendem fatalmente a desempenhar um papel de acólitos do juiz togado. Isto, associado a pretensões existentes de submeter as decisões do Tribunal do Júri ao exame por tribunais de instância superior, seria o princípio do fim do Tribunal do Júri, último reduto de representação popular direta.

O júri tem sido criticado como uma instituição mentirosa. Palco em que predominam maus atores e onde as decisões são adotadas num clima emocional. Reclama-se contra a ausência de critérios técnicos nos julgamentos populares. Mas, segundo o criminalista Eloar Guazzelli, advogado de larga atuação no Tribunal do Júri, "os tribunais togados também não estão isentos dos mesmos vícios e inconveniências que se atribuem ao júri". Para ele é preferível uma decisão contagiada por uma emocionalidade positiva do que uma decisão fria, embotada pelo tecnicismo jurídico. Curiosamente os argumentos que se levantam contra o júri têm sintonia com velhas idéias políticas, pelas quais tem-se repetido que o povo "não tem maturidade suficiente para eleger seus governantes" e que nas decisões diretas fica, na sua ingenuidade, à mercê da influência de demagogos.

Para o jovem promotor público Miguel Frederico do Espírito Santo, "o Tribunal do Júri constitui-se em um dos mecanismos das democracias representativas, que promove a conversão da vontade popular em normas jurídicas, sendo de maior autenticidade do que câmaras e assembléias, pois no júri o povo fala diretamente, sem a necessidade de intermediários".

Eloar Guazzelli ainda aponta o júri como responsável pela evolução da jurisprudência e do Direito Penal. Diz ele: "O filósofo pensa, o advogado leva essas idéias ao júri e este, sendo mais sensível e descomprometido com as normas positivas de direito, as aceita, forçando os tribunais a convertê-las em princípios jurisprudenciais, que mais tarde serão convertidos em leis". Guazzelli oferece um exemplo: "A tese do professor Luiz Vianna Guedes, do comportamento psicótico do tuberculoso, foi vitoriosa primeiramente nos julgamentos populares, para depois ser aceita pelos tribunais".

E a experiência comprova que os maiores erros judiciários não foram cometidos pelos juízes de fato, dos tribunais populares, mas sim por respeitáveis tribunais integrados por ilustres juízes togados. O caso dos irmãos Naves, em Minas Gerais, é o exemplo mais significativo. Absolvidos duas vezes pelo júri, foram condenados pelo tribunal de segunda instância, durante a vigência do Estado Novo. E a condenação foi mantida pelo Tribunal Pleno, integrado exclusivamente por luminares do Direito.

Outra experiência que merece menção é aquela desenvolvida pelo juiz de alçada gaúcho Cláudio Paulo Tovo, quando professor de Direito Processual Penal da PUC, em Porto Alegre. Tovo promoveu, durante anos sucessivos, júris simulados com os estudantes de direito e constatou, entre estes jurados já com alguma iniciação técnica, uma incoercível tendência condenatória. O índice de condenações foi superior a 90%, em processos reais, cujos réus haviam sido absolvidos pelo júri popular. Na Faculdade de Direito da Universidade Federal, também em Porto Alegre, os estudantes, diante desta constatação, passaram a constituir o corpo de jurados não mais com alunos já adiantados no curso, mas com os do primeiro ano, e o resultado foi a inversão da tendência condenatória.

O júri é uma instituição do povo, onde se exercita o mais amplo direito de expressão. Os jurados não decidem sobre Direito, mas sim sobre os fatos e só são chamados a decidir depois que o processo passou pelo crivo do juiz togado, na chamada sentença de pronúncia, onde o magistrado diz se o réu deve ou não ir a júri. Está estreitamente vinculado aos direitos individuais e, como tal, não ficaria isento do vendaval "reformista". Tem uma função altamente pedagógica. Seus julgamentos são um parêntesis na ordem jurídica positiva, orientados por fatores sociológicos atuais e mais verdadeiros do que as normas abstratas, traçadas por costumes de uma sociedade do século passado.

O júri, ao emitir sua decisão, está expressando os valores morais e sociais do seu momento, na pureza de uma manifestação direta. O jurado afasta o código, examina o fato e suas personagens e constrói o seu veredicto dentro da legitimidade dos valores de sua época. O Tribunal do Júri continua existindo em países como Inglaterra e Estados Unidos. Tem composição mista em outros, como Itália, França e União Soviética.

São unânimes os profissionais do Direito no entendimento de que a máquina judiciária — cujos princípios procedimentais remontam às ordenações filipinas — deve ser inteiramente reformulada. Segundo repetida frase nos meios jurídicos, "o único progresso verificado na burocracia forense foi a substituição da pena de ganso pela máquina de escrever". Entendem, porém, que a pretendida reforma não toca no principal ponto de estrangulamento, que se dá justamente na primeira instância, por inadequação dos processos burocráticos.

"As reformas não se fazem por decreto. A lei não muda os fatos, por si só. Exemplo disto é o recente Código de Processo Civil, que prevê rito sumaríssimo para algumas causas, que devem encerrar-se 90 dias depois de iniciadas e que, pelas conhecidas deficiências do judiciário, arrastam-se por anos a fio. Se quiserem reformar a máquina judiciária, têm que começar pela reformulação total dos métodos, pelo provimento de recursos materiais e humanos, caso contrário as reformas ficarão apenas no plano político, tolhendo as garantias dos magistrados e reduzindo sua autonomia, sem qualquer esperança para os que dependem das decisões da Justiça", sentencia o advogado Carlos Barcelos Beekon.

O júri, nesse contexto, será grandemente prejudicado. Se é intenção melhorar o seu julgamento, com maior rigor técnico e conhecimento prévio do processo pelo jurado, não há necessidade de mexer na Constituição. Basta que haja recursos materiais para execução da lei, assevera Eloar Guazzelli, arrematando com uma frase do juiz Magarino Torres repetida pelo também juiz Eliezer Rosa:

— O júri erra, mas erra menos que os outros tribunais.

Odilon Abreu, advogado

Lucros dos bancos

"O bolo está sendo mal distribuído". Essa queixa do industrial gaúcho Raul Wertheimer, diretor da Usipla SA, uma empresa produtora de filmes de polietileno, não se refere ao bolo da riqueza nacional (renda interna) como poderia parecer à primeira vista. A reclamação do empresário se origina da constatação de que os bancos e o comércio é que estão levando os maiores lucros do atual modelo econômico brasileiro em prejuízo "dos setores produtivos", ou seja, indústria e produção agropecuária.

Auxiliado pelas dezenas de balanços que estão sendo publicados nos jornais nesta época, Wertheimer afirma que "enquanto as indústrias estão fechando o exercício financeiro com lucro de 20 por cento, portanto abaixo da inflação que ficou em 46%, os bancos e o comércio conseguem lucros que chegam a dobrar seu capital num semestre".

Por trás deste desabafo está o ressentimento dos industriais pela menor participação que a política econômica do governo lhes está reservando na repartição dos lucros globais. Na verdade, os balanços têm revelado altos lucros para os bancos. O Sul Brasileiro, o maior banco gaúcho, fechou o ano com um lucro de 75% sobre seu capital, enquanto um banco de menor expressão do centro do país, o Bozano Simonsen SA, do qual até 1974 era diretor o atual ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen, conseguiu um lucro de 83%. A média tem sido mais ou menos essa.

Comitês de redação no novo Sindicato

Buscar meios de levar o jornalista a participar mais das decisões do Sindicato e intensificar um trabalho pela qualidade da informação, são dois dos princípios básicos da chapa única que concorre ao Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre. Antes da eleição, marcada para o dia 15 de março, os quase mil jornalistas associados deverão receber um documento contendo as linhas básicas da futura administração.

O candidato à presidência é Antônio Oliveira, editor de esportes de Zero Hora e atual vice-presidente, tendo Ruy Carlos Ostermann — comentarista e cronista de esportes do Correio do Povo e da Rádio Guaíba — na primeira vice-presidência e Luiz Cláudio Cunha — chefe da sucursal da Editora Abril — na segunda vice-presidência. Também são candidatos: Jorge Olavo Leite, repórter da Folha da Tarde, a 1º secretário; Rosvita Saueressig, secretária de Redação da Cooperativa dos Jornalistas, a 2ª secretária; Carlos Karnas, editor do Jornal Zero Hora, a 1º tesoureiro; e Iara Rech, editora do jornal Folha da Manhã, a 2ª tesoureira.

A futura diretoria se propõe a seguir as reivindicações que vinham sendo feitas pela atual diretoria e abrir um centro de maior participação, "o que pretendemos com a criação de comitês de redação", conta o candidato Antônio Oliveira. Aliás, essa intenção já foi posta em prática: antes de ser confirmada a chapa, seus integrantes fizeram circular uma carta pelas redações dos jornais de Porto Alegre, pedindo sugestões para o documento que está sendo feito agora.

"Se achamos que nosso objetivo aqui, em nossa rápida passagem pela terra, é acumular riquezas, então não temos nada a aprender com os índios. Mas se acreditamos que o ideal é o equilíbrio do homem dentro da sua própria família e dentro de sua comunidade, então os índios têm lições extraordinárias para nos dar" (Orlando Villas Boas)

Cacique Juruna no país dos burocratas

O Cacique Mário Juruna, 39 anos, chefe da comunidade xavante Nomucurá, em Barra do Garça, Mato Grosso, ganhou generosos espaços na imprensa na última semana de janeiro. De visita em Brasília, para tratar de assuntos de sua comunidade, Juruna logo manifestou que não acredita muito na palavra dos brancos e surpreendeu assessores da Fundação Nacional do Índio (Funai) e de outros órgãos do Governo com o uso de um gravador, que ele justificava dizendo que precisava levar todas as informações das entrevistas para seu povo. A seguir, trechos dos diálogos mantidos e gravados por Juruna, transcritos pelo Jornal do Brasil.

O Globo

Juruna: "Eu considero o índio mais gente que os brancos"

Com Francisco Van Der Broocke, exonerado um dia depois do cargo de diretor do Departamento Geral de Operações da Funai:

Broocke — Você falou bobagem. Você disse que o Ministro não entende de índio.

Juruna — Mas ele não entende mesmo. É ignorante. O Ministro não tem capacidade para resolver isso. Ele tem que conhecer os costumes dos índios. Aí ele vai ver depois por que a gente quer morar aqui.

Broocke — Estou perguntando. Você acha que eu não quero ajudar os índios?

Juruna — Isso não depende de mim, depende do senhor. Se o senhor quer ajudar índio, pra mim não tem problema. Se o senhor não quer ajudar índio, então vamos criar problema. Porque eu quero que a Funai proteja mais o índio. Porque eu sei tudo de índio.

Broocke — Eu não estou ajudando, não?

Juruna — Como o senhor está ajudando?

Broocke — Arrumando as coisas para mandar lá para vocês, fazendo projetos para melhorar vocês. Dessa maneira que eu estou ajudando. Arrumando dinheiro para vocês comprar trator, comprar semente para plantar melhor, para vocês terem melhor produção. Aquilo tudo que nós falamos aqui.

Juruna — Pois é, naquele dia nós tínhamos combinado tudo, mas eu corri para cima falando com outras pessoas para poder conseguir algum trator e a gente esperando, pedindo à Funai, então só tem promessa. Então a gente quer cobrar promessa e vem mais promessa. Então eu fico bravo com isso, porque a gente quer acreditar na palavra do homem, e o senhor é homem muito mais que eu, porque o senhor é diretor daqui. Mas em qualquer lugar eu sou mais que a gente que manda na cidade.

Broocke — Eu sei disso. Sei também que você falou que o Ministro não entende de índio, quando ele entende. Ele está lá para ajudar vocês, não está contra vocês.

Juruna — Eu quero que Funai ajuda índio, quero que Funai bota escola, levanta hospital de saúde, ensina pra índio pra entender as coisas necessárias. A Funai foi feita pra isso, não é Fundação Nacional do Funcionário.

Broocke — Para que você está gravando isso aí? Para que? Vamos deixar de papo, vamos conversar direitinho. Eu digo a verdade para você, então não precisa esse negócio de gravar. É papo furado.

Juruna — Não é papo furado. Eu tenho que gravar tudo. O que você fala, o que o Ministro fala, o que o Presidente fala.

Broocke — Eu não tenho dinheiro para comprar balas para vocês.

Juruna — Por que não tem dinheiro?

Broocke — Porque uma bala calibre 38 custa Cr$ 8,00. Se você for matar uma caça à bala, desperdiça um dinheiro danado. Então vamos criar gado.

Juruna — Pois é. E por que gente ensina arma pra índio também. Depois a gente acostuma.

Broocke — Já cansei de dizer. Eu não tenho dinheiro para comprar bala. Bala é para destruir coisas.

Juruna — Então acaba com a fábrica. Se não pode ter bala pra cidade, não pode ter bala pra índio. Então é melhor acabar.

Broocke — Arma na sua mão só vai criar problema. Vem um branco sem vergonha, aí fica nervoso, puxa uma arma e se você estiver com arma você mata ele.

Juruna — E mata mesmo. E não é justo defender?

Broocke — Não é justo não, porque tem a polícia para cuidar disso.

Juruna — E já prenderam o João Mineiro? Não existe Justiça. Só existe Justiça para prender gente pobre.

Broocke — Não vem com esse papo não. Você está mal orientado. Alguém está conversando com você, errado. A polícia existe para prender todo o mundo que está errado.

Juruna — Eu não sou filho de ninguém. Eu sou homem, sou pessoa, eu tenho cabeça pra poder perceber tudo. Existe Justiça pra poder defender gente grande. Nunca pode defender gente pobre. Quem já pagou por bororó. Foram cinco baleados, até padre morreu junto. Quem já prendeu esse cara? Ninguém vai prender nada. Alguém tá soltando dinheiro.

Broocke — Assim você chega à conclusão que o Governo só está defendendo os ricos.

Juruna — E é mentira?

Broocke — Isso é mentira. Porque o governo está pra defender o pobre e o rico. Todo o mundo é igual.

Juruna — Então por que o pobre está sofrendo miséria, muito mais que o rico?

Broocke — Porque a quantidade de pobre é muito maior que a de rico. Só isso.

Com o general Ismart de Araújo, presidente da Funai:

Ismart — Não adianta você ir ao Palácio do Planalto que lá ninguém vai resolver seu problema.

Juruna — Então tem que resolver aqui.

Ismart — Eu não posso ir ao Presidente da República, tenho ministro acima de mim. Há uma hierarquia.

Juruna — Isso é costume de branco. Eu não sou escravo nem empregado de ninguém, eu sou pessoa. Esse costume pra mim não serve. A gente é cidadão brasileiro. Por que não pode falar com o Presidente?

EM TODAS AS LIVRARIAS, UM LIVRO ESCLARECEDOR: A HISTÓRIA DO DEMÔNIO, DE FERNANDO G. SAMPAIO. APROVEITE PARA LER NAS FÉRIAS. UM LANÇAMENTO DA EDITORA GARATUJA.

A HISTÓRIA DO DEMÔNIO, de Fernando G. Sampaio. "Este é um livro interessante, provocativo e erudito que todos lerão com prazer e proveito, não só pelo estilo claro e agradável, mas também por abordar um tema de atualidade indiscutível." (Fernando Gasparian, diretor do **Opinião**) Preço: Cr$ 40,00.

Trincheira perdida

Por instantes pareceu que a alma das chamadas lideranças gaúchas se havia novamente incendiado em brios farroupilhas. O deputado Valdir Lopes (MDB) que preside a Comissão de Economia da Assembléia do Estado, deixou o seu descanso em Capão da Canoa e correu a Porto Alegre para trazer sua solidariedade ao governador Sinval Guazzelli "nesta luta que precisamos empreender lado a lado". O engenheiro Mário Maestri, ocupando interinamente a presidência da Federação das Indústrias não teve dúvidas em afirmar que o RGS não poderia assistir de braços cruzados a um fato "inconveniente à sua economia". E choveram entrevistas aos jornais.

No final, não houve nada além de discursos e declarações à imprensa. Tranqüilamente, o Paraná aliou-se com Santa Catarina e colocou o banqueiro Ewaldo Vitá na presidência do BRDE (Banco de Desenvolvimento do Extremo Sul) desalojando os gaúchos de uma trincheira privilegiada que ocupavam há 15 anos. Vita foi eleito em fins de dezembro e empossado em janeiro, em Porto Alegre, prestigiado por políticos, empresários e homens do governo gaúcho.

Na verdade, não havia como evitar. Enquanto teve força econômica suficiente para manter Santa Catarina a seu lado, o Rio Grande do Sul conseguiu passar por cima dos estatutos do BRDE, que prevêem o revezamento dos três estados na sua direção. Mas a importância da economia do Rio Grande dentro da região sul vem se deteriorando há um quarto de século. O Paraná ao contrário, está crescendo, a ponto de já exercer uma atração suficientemente forte para colocar ao seu lado os interesses catarinenses.

Um estudo da Fundação Estadual de Estatística, bastante conhecido, revela que entre 1947 e 1973, o Rio Grande do Sul cresceu a uma média de 5,6% ao ano. Nesse mesmo período a região sul cresceu à média anual de 6,3% e o país todo à média de 6,8%. A produção estadual, que em 1943 representava 10% do Produto Interno Bruto do país e 60% da região sul, atualmente representa 7% do país e menos de 50% em termos regionais.

Outro estudo feito pelo Programa de Investimentos Integrados, patrocinado pelo governo estadual e ministério da Agricultura, revela as causas: o Rio Grande do Sul não conseguiu dinamizar a parte mais importante da sua economia — a agricultura. As safras de seus principais produtos agrícolas têm crescido graças à incorporação de novas áreas e não, como seria desejável, pela introdução de técnicas modernas. Os índices de rendimento por hectare, talvez com a única exceção do arroz, são praticamente os mesmos de 10 anos atrás. A pecuária desenvolvida em latifúndios e de forma extensiva tem custos elevados e o rebanho é o mesmo há 10 anos também. Nas regiões coloniais, a falta de terra tem expulsado milhares (consta que 300 mil saíram em 10 anos) de agricultores para o Paraná e Mato Grosso e até Paraguai.

A indústria embora tenha alguns setores bastante desenvolvidos, como o metalúrgico e mecânico, cresceu mais ou menos *ao natural* e ainda hoje não conta com um programa para integrá-la e desenvolvê-la de forma articulada. Programas para criação de pólos agroindustriais e metal-mecânicos foram iniciados, mas estão parados por falta de recursos.

No ano passado o Paraná já consumiu a maior parte dos investimentos aplicados na região sul pelos bancos de desenvolvimentos: Cr$ 6,6 bilhões, contra Cr$ 4,8 no RGS e Cr$ 3,8 em Santa Catarina. O seu banco estadual, que tem 15 anos, está elevando seu capital de Cr$ 830 milhões para Cr$ 1,2 bilhão. É superior ao capital do próprio BRDE, que tem, com reservas somadas Cr$ 742 milhões. O Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul terá no fim deste ano 210 milhões de capital. Resta aos gaúchos nesta corrida, a grande esperança do pólo Petroquímico, mas isto já é outra história.

Tomás Pereira

O lado bom do mau cheiro

A ex-Borregaard ocupa os vídeos da televisão gaúcha para mostrar seu "outro lado", uma tentativade afastar as críticas da população

O lago onde o ator lava as mãos e a cara no filme da televisão é...

... a cena final do segundo filme que está sendo mostrado na televisão

MPM Propaganda

No dia sete de janeiro, durante um minuto, os telespectadores do Jornal Nacional — na Televisão Gaúcha, Canal 12 de Porto Alegre — assistiram a um homem de boa aparência, de aproximadamente 50 anos passear por uma floresta de eucaliptos. Sucessivamente, ele cruza com uma lebre encolhida junto a uma árvore, abaixa-se e lava o rosto num lago. Logo após apanha um filhote de passarinho e o devolve a um ninho ao alcance da mão. Ao fundo, cantar de pássaros e um texto falando da preocupação da Riocell com o reflorestamento.

Era o lançamento de um comercial da Riocell — ex-Borregaard, indústria de celulose instalada às margens do Rio Guaíba, agora empenhada em fixar uma imagem positiva junto ao público, que desde 1972 abastece a imprensa com reclamações contra a poluição lançada pela fábrica sobre os habitantes da capital gaúcha. Até o dia 31 de janeiro, o filme tinha sido projetado nove vezes no Canal 12 e nove vezes no Canal 10 — Televisão Difusora —, sempre no horário nobre das 20 às 22 horas.

O filme foi feito no horto florestal da Fazenda Barba Negra, um dos 53 da Riocell, a 35 quilômetros da fábrica e a 77 de Porto Alegre, que tem 10.800 hectares, sendo sete mil hectares de eucaliptos e o restante de matas nativas, segundo a empresa. Das exigências de autenticidade da Riocell, a rigor apenas uma pôde ser cumprida — que o filme fosse feito numa floresta de sua propriedade.

O personagem do filme deveria ser um guarda-florestal mas não deu certo e por isso foi trazido um ator de São Paulo. O mesmo ocorreu com a caturrita e o coelho branco — deveria ser uma lebre cinzenta — trazidos de São Paulo em gaiolas pela firma produtora do comercial. E o lago em que o ator lava as mãos não é bem um lago natural, como se desejava, mas um açude.

O publicitário Sérgio Gonzales, diretor de criação da MPM Propaganda e autor do roteiro do filme, confirma que a Riocell queria "mostrar o lado bom, positivo da empresa, com a sua preocupação com o reflorestamento e a preservação ecológica". O relações-públicas da MPM, Ferrúcio De Rose, completa: "A empresa queria levar o telespectador para dentro da floresta. Por isso escolhemos um guarda-florestal contando sua relação com as árvores".

"Em propaganda", defende-se Sérgio Gonzales, "procura-se a realidade ou o mais próximo. Quando isso não é possível, como no caso da lebre, usamos o mais parecido". Antônio Freitas, relações-públicas da Riocell, também explica: "Nem tudo o que diz uma propaganda é verdade e, no nosso caso, não queremos enganar ninguém: os dados do comercial são verdadeiros".

A preocupação maior de Antônio Freitas é com a própria campanha de imagem da Riocell, a primeira que está sendo feita, e que além dos filmes na televisão inclui outros elementos. Denominada de "Conheça o Outro Lado", a campanha cuja verba não é revelada engloba a edição de livros para serem distribuídos — no último Natal foram distribuídos livros de Érico Veríssimo como brinde —, visitas de grupos de pessoas à indústria, decalcos, anúncios em revistas e releases para os jornais.

A próxima etapa do "Conheça o Outro Lado" será mais um filme de um minuto ainda feito em São Paulo, com roteiro do mesmo Sérgio Gonzales e, como no primeiro, texto de Luís Fernando Veríssimo, que é redator da MPM Propaganda. A partir deste mês o telespectador gaúcho vai aprender o quanto a celulose é importante para sua vida. Sendo muito original, é verdade.

O começo do filme mostra um rapaz saindo para encontrar a namorada e a moça se maquilando. Depois passa pelo encontro do casal num carro, comendo sorvete numa lancheria, lendo cartas apaixonadas, no casamento, embarcando num avião para a lua-de-mel, a mulher na maternidade e, finalmente, vestindo fraldas num nenen de quatro meses. Durante o filme, uma voz dizendo: "Sem a celulose não existiriam o batom, o papel, o sorvete...", para encerrar: "A celulose está presente nos melhores momentos de sua vida. Desde o início". E, sobre um quadro parado com a mãe e o nenen: "Conheça o outro lado".

De certa maneira, é ainda o outro lado que se mobiliza para recolocar em lugares devidos alguns detalhes da campanha da Riocell, principalmente a que se refere à ecologia. No último domingo de janeiro, um leitor, que se acobertou em pseudônimo, escreveu uma longa carta ao Correio do Povo, detendo-se a examinar os malefícios que o reflorestamento com eucaliptos pode causar ao meio ambiente. O autor da carta lembra que a caturrita, por exemplo, passou a proliferar como praga destruidora das plantações a partir do momento em que surgiram grandes florestas de eucaliptos e elas puderam fazer ninhos no alto das árvores, longe de seus inimigos naturais.

A defesa contra as acusações do autor da carta — presumivelmente um agrônomo que não quis se identificar — foram feitas de forma um tanto apaixonada pelo publicitário Sérgio Gonzales, que preferiu ironizar ao invés de analisar os argumentos: "Ele deve ser um fazendeiro rico que fica falando mal de coisas sérias, como essa propaganda. Mas garanto que fica em frente à televisão vendo filmes policiais do tipo Cyborg e Joe Forrester, que são poluição cultural e sobre isto ele não fala nada".

Depositou, ganhou.

Dividendos

Correção Monetária

Abatimento no Imposto de Renda

Com Livre Movimentação

Mais a garantia do Governo Federal

GARANTIDO · DEPÓSITO
BNH
BANCO NACIONAL DA HABITAÇÃO

Deposite e ganhe com a

Caderneta APESUL de Poupança

NÃO PERCA!

O louco verão de Tramandaí

De repente, eles invadem a cidade mais em busca de prazeres e aventura do que de sol e banho de mar. E a pequena Tramandaí de 12 mil habitantes, tumultua-se ao impacto de 400 mil pessoas

Por André Pereira, Marina Wodtke, Marco Antonio Schuster, Lenora Vargas

Fotos da Capa: Eneida Serrano

Tramandaí anseia pela invasão. Penetrada pelas hordas de veranistas motorizados, vestindo roupas coloridas, carregando malas, mochilas e estampando nos rostos esbranquiçados os ávidos sorrisos de verão, a cidade começa a entrar em transe. E é embalada pela imaginação que lhe reserva glórias e alegrias por pouco mais de dois meses.

Não há um sinal particular marcando essa mudança de ares. Mas Tramandaí enfeita-se. Iniciando suas atividades, hotéis, bares e restaurantes aumentam suas tabelas de preços. Expandem mesas pelas calçadas e multiplicam seus estoques de bebidas e comida. Os cinemas abrem diariamente suas portas com duas sessões noturnas e passam filmes que tiveram sucesso de bilheteria em Porto Alegre.

Jornais da capital instalam sucursais no velho e decadente Hotel Sperb para noticiar os mesmos problemas de todos os veraneios tramandaienses, provocados pelo supercrescimento populacional instalado numa estrutura de cidade do interior. Os órgãos policiais multiplicam seus contingentes.

As distribuidoras de bebidas fazem o mesmo com seus produtos. Contrata-se uma empresa especializada para recolher as 84 toneladas diárias de lixo (nos fins de semana o total de lixo recolhido por dia sobre para 120 toneladas). Seus 184 antiquados telefones à bateria não param de tocar. A Secretaria da Saúde finca estacas alertando para a poluição da Barra, onde o rio Tramandaí encontra-se com o mar. Famílias de pescadores buscam empregos. Viram biscateiros, jornaleiros, vendedores de puxa-puxa.

Na Avenida Emancipação, um dos "cartões de visita da cidade", e na beira da praia, desfila uma fauna riquíssima de tipos representando praticamente todas as classes sociais, faixas etárias e ambições pessoais. Moradores tradicionais fecham-se em suas casas aos fins-de-semana, queixando-se que a pacata cidade, de 12 mil habitantes no inverno, foi tomada pela loucura.

A maioria deles, no entanto, aproveita esses distúrbios mentais e trata de recolher, nestes dois meses, o suficiente para viver nos outros dez. Enfim: "a capital do Rio Grande do Sul nos fins de semana de verão", como proclamam, orgulhosas, suas autoridades, prepara-se para cultivar seus mitos, ostentar ilusões, tornar-se pecaminosa, permissiva, violenta e liberal. E Tramandaí recebe a todos com um grande e afetuoso abraço.

Findos os meses de turbulência, com o reinício das aulas e a deserção dos veranistas, Tramandaí readquire vagarosamente sua calma. Seus moradores recomeçam a passear em suas ruas, como se houvesse terminado uma guerra e as forças de ocupação fossem embora. Não podem evitar as recordações, os vestígios e as influências geradas pelos veranistas da praia mais próxima de Porto Alegre (a um tanque de gasolina você vai e volta, dizem os anúncios).

Também não podem prescindir deles. E vivem, então, os próximos dez meses à espera de que tudo comece outra vez, no verão seguinte. Como uma prostituta ansiosa por seus generosos fregueses.

"Meu Deus, onde dorme toda essa gente?" indaga, com espanto e emoção, o polido secretário de Turismo, Milton Hoffmeister, um professor de História e Pedagogia, de 43 anos. Despacha em seu gabinete envergando esportivas bermudas brancas. Descende de uma tradicional família tramandaiense, de origem alemã, que chegou há 80 anos ao litoral em busca do enriquecimento.

Pois Hoffmeister, com toda essa tradição, ainda se surpreende com a explosão de sua cidade nos fins-de-semana. "É uma verdadeira implosão", declara, com graça, acrescentando um sorriso ao achado vocabular. "Uma implosão. Tramandaí se torna a capital do estado com 400 mil habitantes."

Talvez seja exagero, porque os estatísticos oficiais sobre a população da cidade nos fins de semana variam livremente entre 200, 300, 400 e até 500 mil pessoas. Mas exagerar, como se descobrirá, não é um pecado em Tramandaí. "Olha, quanto mais gente, mais notoriedade Tramandaí ganha", ensina o professor Milton, revelando um dos segredos da praia. "Mas a cidade tem muitas outras atrações: os bares, as boates, as tangas, a badalação da Avenida Emancipação. Tramandaí tem muitas atrações." Mas para quem?

"No inverno, as doenças mais freqüentes entre os pescadores são as infecções pulmonares, causadas pela má proteção em dias frios e chuvosos. No verão as infecções intestinais, diarréias, vômitos e desidratação, evidentes conseqüências da má alimentação". Palavras do médico Darcy Pinto, diretor do Hospital Mário Totta, que tem apenas 54 leitos.

"Quem é que determina a família hoje? Não é o jovem?", o professor não admite resposta diferente. "Durante o dia você tem uma face da cidade. Os horários de banhos separam as pessoas, sabe? Agora à noite, na Emancipação, quando todos os jovens se encontram na rua, nos bares, Tramandaí resplandece!"

Mas não só os jovens. Ao lado das meninas bronzeadas, moças com mais de 30 primaveras equilibram-se sobre altos tamancos coloridos. Exibem longos, com a particularidade do corte lateral, começando cinco dedos acima do joelho deixando entrever uma nesga de coxa. É a sensação o longo. Surgem senhores ditos maduros, cruzando com meninos de cabelos compridos. Mostram nos pulsos fitas de couro compradas aos artesões, colares coloridos e olhares ameaçadores em direção às nesgas de coxa.

São esses coroas os responsáveis pelo maior consumo de sonrisal e engov, cujos estoques se esgotam inevitavelmente no domingo, segundo as farmácias. "Os boyzinhos nos fins-de-semana vêm aos bandos comprar camisinhas Jontex", declara Marta, balconista de uma farmácia na Avenida. As camisinhas estão na moda neste verão. No ano que passou, a pílula anticoncepcional teve seus momentos de prestígio. Enalteceu a fama da liberalidade tramandaiense. Mas como toda moda, se foi. Aliás, em Tramandaí elas surgem repentinamente de preferência lançadas na Emancipação. Andar à cavalo pela Avenida à tarde, por exemplo. Nasceu sem grandes pretensões, esses dias.

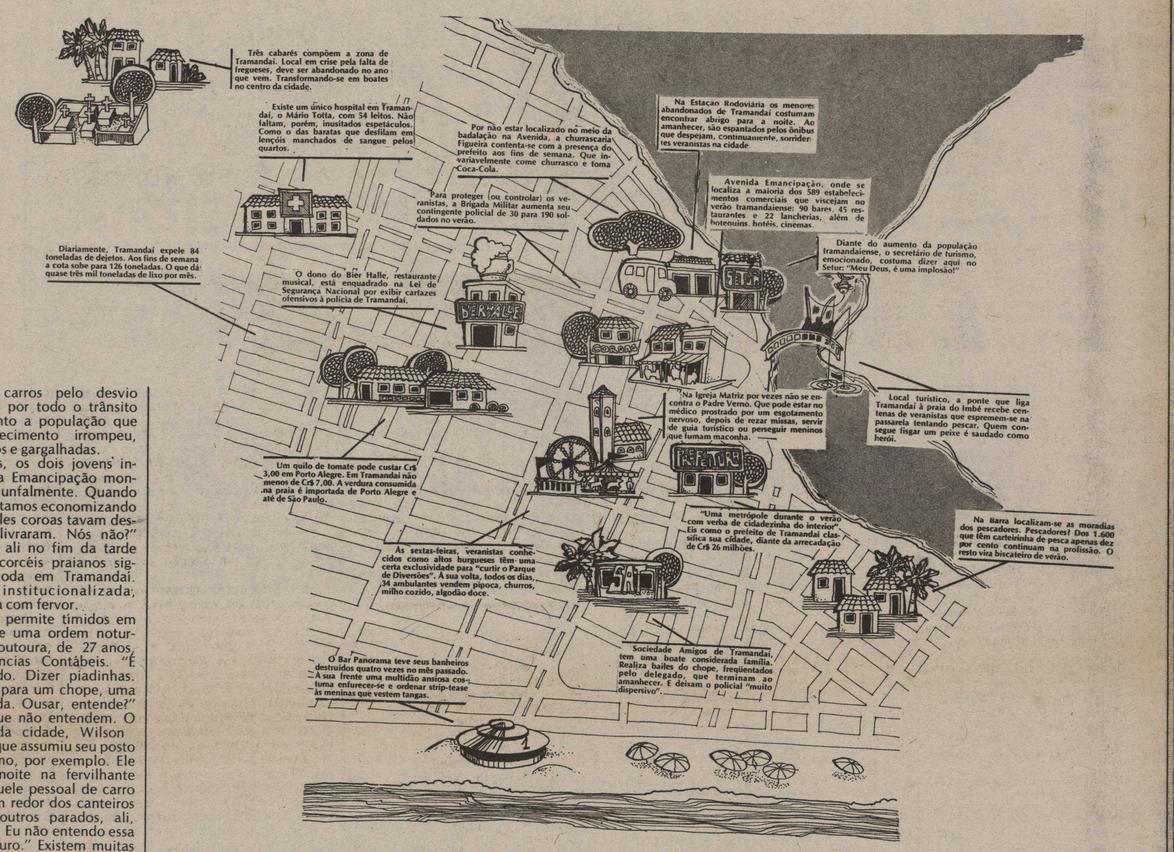
Dois rapazes assistiam à monotona confusão de trânsito que ocorria na ponte que leva ao Imbé. Um circunspecto motorista subitamente desceu de seu Dodge Dart. Dirigiu-se para os dois brigadianos que desviavam o tráfego e exigiu a presença do comandante da Brigada no local. No que foi seguido por outros dois motoristas, cujos carros, com as portas abertas, ficaram no meio da rua. Um deles embriagado teimava em apresentar ao soldado uma carteirinha de um clube náutico ameaçadoramente. Outro pedia para falar pelo rádio com o comandante. Os soldados foram até o rádio enquanto dois motoristas escapuliam com os carros pelo desvio proibido, seguidos por todo o trânsito paralisado. Enquanto a população que assistia o acontecimento irrompeu, sonora, em aplausos e gargalhadas.

Minutos depois, os dois jovens invadiram a Avenida Emancipação montados a cavalo, triunfalmente. Quando lhes intimaram. "Estamos economizando combustível. Aqueles coroas tavam desperdiçando e se livraram. Nós não?" Hoje, trafegar por ali no fim da tarde sobre os magros corcéis praianos significa estar na moda em Tramandaí. Uma ousadia institucionalizada; aplaudida e seguida com fervor.

Tramandaí não permite tímidos em suas noites. "Existe uma ordem noturna", revela Célio Foutoura, de 27 anos, estudante de Ciências Contábeis. "É preciso ser atrevido. Dizer piadinhas. Convidar a mulher para um chope, uma boate, uma esticada. Ousar, entende?" Existem pessoas que não entendem. O delegado titular da cidade, Wilson Müller Rodrigues, que assumiu seu posto em dezembro ultimo, por exemplo. Ele fica abismado à noite na fervilhante Emancipação. "Aquele pessoal de carro dando voltinhas em redor dos canteiros da Avenida... os outros parados, ali, olhando o desfile... Eu não entendo essa paquera... sem futuro." Existem muitas coisas que um delegado novato não consegue explicar em Tramandaí, se condicionar ao futuro. Porque o importante, nestes dois meses de verão é viver intensamente. Consumir e ostentar, como pregam os anúncios publicitários. De preferência, o que não se conseguiu consumir nem ostentar no resto do ano.

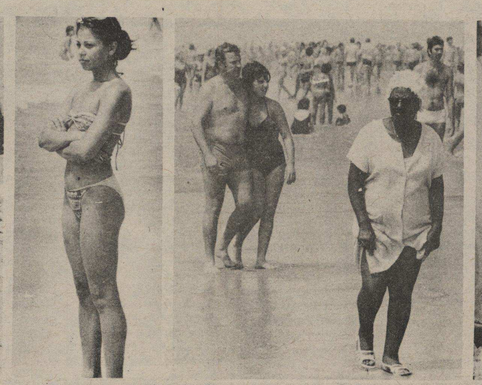
Costuma-se dizer que o jogo da conquista sobre o sexo oposto é que embala a cidade. Da manhã até a noite, em cujos braços suaves (leia-se bancos de

Segue na página 18



"Antigamente Tramandaí era uma praia popular mas em pouco tempo será uma praia vulgar. Veja, por exemplo, as excursões. Essa gente não tem dinheiro, fretam um ônibus e vêm para cá. se enchem de cachaça, se metem no mar, a maioria dos afogamentos é por causa deles. O excursionista é um péssimo veranista. Eu diria que ele é "um indigente veraneando". Tem uma zona estabelecida para eles em Tramandaí que é o Barro Preto mas eles não respeitam. Se misturam. Vira uma promiscuidade, isto já está se tornando um problema social". Conceitos do médico Darcy Pinto, diretor do hospital de Tramandaí, uma das figuras mais respeitadas na sociedade tramandaiense.

"O que é a avenida Emancipação? De repente fecha o pau ali e ninguém sabe explicar por quê. A bebida é fácil, o tóxico também. Todo o contexto conduz à liberação. E as pessoas desrecalcam da pressão da vida urbana a que estão submetidas o ano todo. Quanto menor o espaço, mais aumenta a agressividade das pessoas." Depoimento do Psicólogo Luis Antonio Meira, 47 anos, veranista de Tramandaí afugentado para a praia do Imbé.



Fotos de Ricardo Chaves e Eneida Serrano

"O doutor bota calção e tira a responsabilidade" (Müller, delegado)

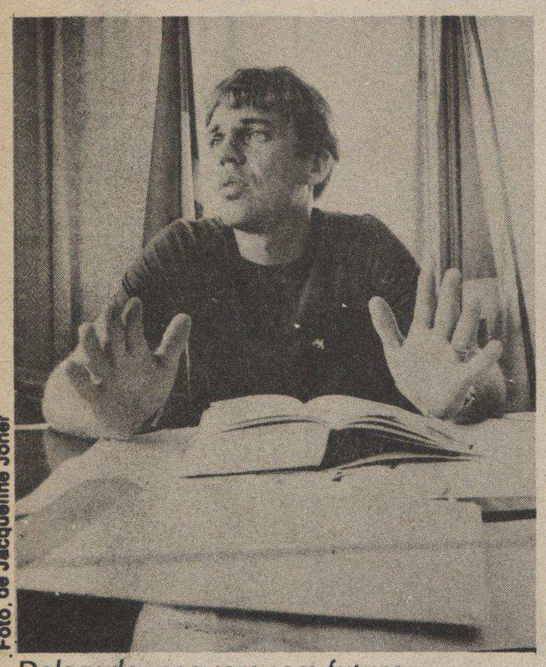


Foto de Jacqueline Joner

Delegado: paquera sem futuro

carros) solidificam-se os olhares prolongados trocados debaixo do sol. Costume muito respeitado, que provoca sonhos e artimanhas da imaginação, estende-se e multiplica-se em regras. Uma delas: macho nenhum pode passar por Tramandaí sem ter praticado uma conquista decisiva. Voltar ao lugar de origem sem conduzir uma mulher para a cama é uma heresia imperdoável. Disso depreende-se que a cidade abre os seus meigos braços para o pecado?

"Aqui é melhor que nas outras praias porque tem mais homens", diz sem nenhum embaraço a professora do segundo grau, Sônia Terezzo, que leciona em Gravataí. Isto no último sábado à noite, em plena Emancipação, enquanto ajeita com cuidado o cabelo perfumado por xampu de limão.

"Sempre sai uma mulher. É só chegar", declarava mais adiante o musculoso professor de educação física, Élvio de Souza, 28 anos. Auto-define-se: "Sou um voraz admirador de tangas". E exibe, com transbordante orgulho, o índice de conquistas máximo obtido por um paquerador tramandaiense. "Dá pra pegar até cinco mulheres num fim-de-semana". Um sorriso safado. "Isso se tivermos condições físicas porque muita mulher também cansa."

Dos que executam voltinhas ao redor dos canteiros eis um caso típico. E Gilberto Lacerda, de 18 anos, natural de Novo Hamburgo. Profissão, segundo a carteirinha de identidade: estudante. Dono de um Chevette cor branca, ano 76, equipado com toca-fitas e portador de bancos reclináveis. Gilberto sustenta: "Em Tramandaí só quem parte mesmo são as mulheres de mais idade. As guriazinhas, não mesmo. Na hora do pega, depois da lubrificada, elas fogem pra saia da mamãe". Conquistador convicto durante o veraneio, esse paladino é capaz de enumerar exigências para se tornar um paquera profissional em Tramandaí.

"Durante o dia, deve-se usar calção Adidas, de preferência branco. Pra contrastar com a cor da pele, queimadinha. Ou então calção de surfista, saca? De noite: calça Lee, chinelos de dedo e qualquer camiseta. O paquera dos bom tem carro. O carro é um amigo, saca? Pega a mulher, vai até um bar, toma um chope e depois sai de carro até o Braço Morto. Ali entre o Rio Tramandaí e o mar. Serve também a beira da praia, depois da Plataforma, que é mais sossegado. O lugar do crime é no carro mesmo porque aqui não existe hotel de encontro, saca?"

Uma tremenda caretice, essa de não ter hotel de encontro, saca? Não. Pensando bem, lembrando a crise financeira do país, percebida na inflação que se abateu sobre sua mesada..."Quanto iam cobrar? Se tudo custa mais caro em Tramandaí, os hotéis cobram até 300 cruzeiros de diária, ia ser roubalheira também, não é?" Salve o carro, pois.

Depoimento importante quando se fala sobre Tramandaí: o doutor Samuel Schuller, 46 anos, um dos cinco médicos que a cidade tem para atender seus 22 mil habitantes de inverno. Ou os 400 mil de verão. Schuller tem um consultório localizado a 10 metros da Emancipação. Dali, nos momentos de folga dos pacientes que se queixam de desidratação e amigdalite, vislumbra o movimento. "Essa turma aí segue uma filosofia de vida durante o veraneio que se resume no seguinte: a gente quer ver e ser visto. Ao mesmo tempo."

Sobre o que chama de badalação na Avenida: "É um hábito provinciano, próprio das cidades do interior, onde a onda é andar em volta da praça principal. Aqui a situação é a mesma, hipertrofiada. A badalação existe porque é de graça, tem fácil acesso e ampla divulgação nos jornais", sentencia o médico. "Não é atraente?"

Ainda Schuller depondo: "Antigamente o pessoal vinha para a praia em busca de saúde e descanso. Hoje não. O veranista mudou seus hábitos. Até a hora do banho é a mais errada. Ao fim da manhã e até as 15, 16 horas, o sol manda raios infra-vermelhos sobre seus corpos, que são os piores porque ressecam e queimam a pele. Ao contrário do ultravioleta que descarrega saúde. Mas o veranista quer mesmo se queimar, ficar bronzeado, bonito, para ir badalar. Buscar a agitação, essa loucura toda. O mais triste é que o pessoal sai mais cansado do que quando chegou. Agora, o badalador sai realizado porque badala mesmo". Disso, o doutor não tem dúvidas.

O delegado Muller Rodrigues tem uma frase lapidar com a qual tenta explicar a transformação do veranista que invade Tramandaí. "Olha, o doutor chega aqui, bota calção e perde toda a responsabilidade". Aprendeu isso há poucos semanas quando atendeu um chamado dramático. Estão demolindo o meu bar, gritava um comerciante ao telefone de magneto ligando para a delegacia. Os causadores do estrago, imersos no álcool: dois médicos, um dentista e um advogado em férias.

"Em Tramandaí tudo é muito gozado", diz o delegado. E enquanto troca a fita do seu inseparável gravador (localizado na primeira gaveta de sua mesa e ligado a duas caixas de som, disfarçadas atrás das cortinas) cita outro exemplo estranho. Em seus primeiros dias de trabalho intenso na delegacia reforçada por 22 policiais nos meses de verão, ganhando à base de diárias — Muller Rodrigues enfrentou a ira de um comerciante da cidade. Wollran Metzaer, dono do Bier-Halle, transformou seu estabelecimento em bar-dançante, sem ter o devido alvará. Diante dessa

Somente até este último fim de semana, os fiscais da Superintendência Nacional do Abastecimento já autuaram 250 estabelecimentos no litoral gaúcho. (...) Se fossem autuados todos os que cometem falta, independente da gravidade, 95 por cento dos estabelecimentos seriam multados (...) Tramandaí teve como infrator o próprio representante da Associação Comercial, Hugo Moelechke.
(Folha da Manhã, 24/01/77)

desobediência à lei, mandou fechar o Bier-Halle.

No dia seguinte o bar exibia cartazes denunciando a arbitrariedade da polícia. Tomando do espanto, o delegado demorou a recuperar-se da inacreditável afronta. E então enquadrou Metzaer na poderosa e temida Lei de Segurança Nacional por ofensa a uma das forças legais do país. Nova surpresa: o comerciante processou-o por perdas e danos. "Tramandaí não concede regalias ao seu delegado", pensa ele, bocejando e explicando o bocejo: "O baile do chope ontem foi até as 5 da manhã".

O delegado, no entanto, já tem algumas teorias a respeito da cidade. "Tramandaí se torna uma metrópole com uma população muito heterogênea". E muito mais fácil lidar e compreender um grupo homogêneo. Uma vila, um bairro, uma cidade de interior, cujos problemas

Foto de Ricardo Chaves

Cinco veranistas e meio brigam por um metro de areia na praia...

Foto de Eneida Serrano

...e à noite disputam o direito de ver e serem vistos na Avenida

são comuns a todos. Onde a gente resolve o de um, resolve o de todos. Aqui não. Aqui vem o industrial e o seu empregado. O banqueiro e o bancário. O burga e o farofeiro. Cada um com uma perspectiva, um problema diferente". Em comum entre eles, segundo o médico Schuller: a ânsia, a pressa. O transporte dos problemas urbanos para a pacata Tramandaí.

Trânsito engarrafado pelos calculados 10 mil carros de veranistas que juntam-se a Tramandaí aos fins de semana. Edifícios com 500 apartamentos, em determinados horários, provocam dolorosos problemas. Pequenas chuvas causam enchentes. Acaba o sossego e o convívio social. "Tem amigo", garante o médico, "que não vejo de dezembro a março porque a agitação do veranista impõe-nos outro ritmo de vida". Ele mesmo passa a trabalhar 18 horas por dia durante a temporada, prestando plantões no Hospital Mário Totta, o único e deficiente hospital da cidade. Onde, por sinal, os pacientes são obrigados a acostumar-se com um constante passeio de baratas em seus quartos.

Menos anti-higiênico, como jura seu gerente, Paulo Roberto Strigli, de 39 ano, o Cabaré Carapuça ("A casa mais bem freqüentada do litoral gaúcho no inverno", eis seu slogan) também reserva queixas aos veranistas. "Em agosto, diz Paulo Roberto, nossa receita bruta, aos fins de semana, variou de Cr$ 4.500, a Cr$ 5 mil. Ontem, um sábado em pleno veraneio, sabem quanto deu? Só Cr$ 3 mil!" E logo agora, que foram feitos tantos investimentos esperando uma temporada lucrativa. "Hoje a casa tem luz elétrica. Todos os dias gastamos com gasolina e com a comida que vamos buscar lá no Restaurante Pica-Pau, no centro..."

E Zoraia Maia, a argentina exclusiva, que fala espanhol que portenho não entende? E o outro show de strip-tease? O espetáculo de mambo? O cantor que imita Roberto Carlos e Valdirene? "Tudo isso para quê?" indaga Paulo. "Para o veranista ficar paquerando na Emancipação, freqüentar o Clube das Coroas que é um cabaré disfarçado e ir nas três boatezinhas do centro?"

Destino da zona no verão: "Tá em decadência. Vamos fechar nestes três meses e dar férias coletivas para as meninas. Ou então mudar de tática. Abrir uma boate, mais pra família do que pra sacanagem, bem lá no centro". Há seis anos, havia 63 mulheres no Carapuça. Quantidade parecida nas duas outras casas vizinhas (o Cabaré Brusque e o da Cigana) que compõem a zona da prostituição oficial, localizada atrás do cemitério, a 10 quilômetros do centro. Hoje, nem 40 mulheres. É a crise. As meninas deram para se virar à tarde.

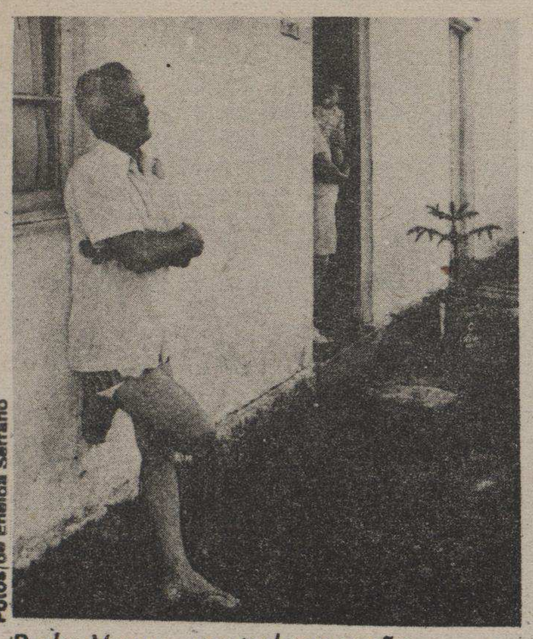
Em plena Emancipação, dando desfile como garotinha cocota. Ensina Angélica, de 25 anos, natural de Canoas, há oito anos freqüentando o veraneio tramandaiense: "A gente dá bandeira pelo centro de tarde. Marca as pontes e de noite fatura. Vai à boate com os caras porque só se entra acompanhado. Vai no carro mesmo. Às vezes arrasta pra zona e ganha comissão pelo quarto. Mas a situação não anda boa. Acho que os caras andaram gastando muito esse ano. A gente tira de Cr$ 2 a Cr$ 3 mil, por mês imagina, em pleno verão!. Nossa esperança é que tudo melhore em fevereiro".

Há quem defenda uma comparação interessante. "Tramandaí é uma grande protituta." Que se oferece, destituída de qualquer preconceito, durante os meses de verão para arrancar os meios de sobrevivência para suportar os outros meses do ano. Nesses "dias de safra", na definição dos comerciantes, a cidade aceita praticamente tudo do seu patrão temporário, o veranista. E mostra-se uma matrona generosa, com defeitos e virtudes, compreensiva e violenta. Suficientemente versátil para satisfazer todos os gostos, desejos e preferências.

O prefeito, Décio Gomes de Azevedo, técnico em engenharia, 51 anos, cabelos pretos, bem penteados, bem barbeado, costuma jantar no Restaurante Figueira aos fins de semana. Churrasco com Coca-cola. Agora, sentando em confortável poltrona no seu espaçoso gabinete, refrescado pela fúria de um aparelho de ar condicionado, sob um teto moderno com nove lâmpadas embutidas e rodeado por dois sofás, aparentemente muito macios, diz ele:

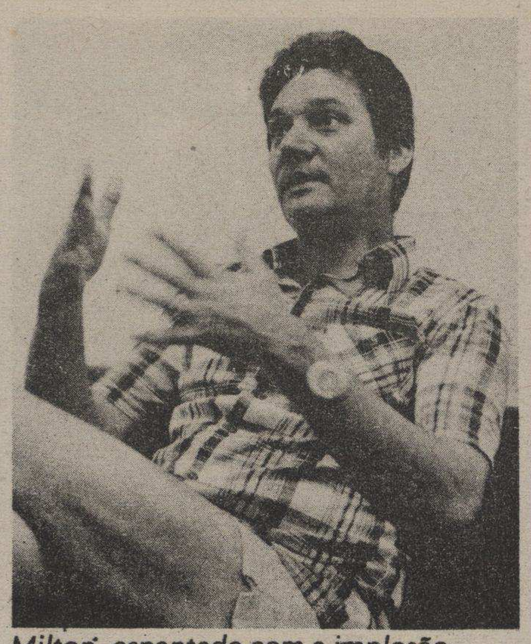
Segue na página 19

"Aqui é melhor porque tem mais homem" (Sonia, professora)



Fotos de Eneida Serrano

Padre Verno, esgotado no verão



Milton, espantado com a implosão.

Josefino, da pesca ao biscate

"Tramandaí não passa de uma cidade do interior com 12 mil habitantes urbanos e outros 10 mil na zona rural. Tem verba de uma cidade do interior. A arrecadação prevista para 1977 é de Cr$ 26 milhões, ano passado foi Cr$ 14 milhões. Aumentou Cr$ 8 milhões. Houve correção de 60 a 70 por cento sobre o valor venal das propriedades".

Mas com essa verba de cidade do interior como resolver os problemas da falta de infra-estrutura de Tramandaí quando se torna a capital-do-estado-aos-fins-de-semana-no-verão? Difícil ser prefeito de Tramandaí. O próprio veranista deve para o munícipio em imposto predial (70% da arrecadação) pagos, um total de Cr$ 6 milhões.

"Sinal dos tempos de um homem inseguro e doente", clama o padre Verno, que há sete anos pastoreia o rebanho de fiéis tramandaienses. "O que vale em Tramandaí no verão é o dinheiro e a diversão. E o que isso significa para os moradores daqui, um pessoal carente, sem muita formação cultural? Representa a perdição, o vício, a ilusão. Você sabe que já existe maconheiro em Tramandaí?"

Cena comum diante da Igreja Matriz: o corpulento e agitado padre aparece súbita e enfurecidamente detrás da porta, saído de uma atenta vigília. Observava a preparação de um cigarro de maconha entre as árvores da rua. A aparição promovida pelo padre — no justo momento da primeira tragada — causa correrias e ofensas. Mas, nem só decepções tem o padre Verno: às 18 horas de sábado sua missa na igreja matriz conta com uma platéia nunca inferior a 300 pessoas.

Na última sexta-feira de janeiro o padre estava ausente. Sua irmã atendia a porta com uma triste desculpa. O padre tinha ido ao médico procurar cura material para outro esgotamento nervoso. Durante o dia, servira de mestre de cerimônia na apresentação de um coral, promovida pela secretaria de turismo. Depois, rezou uma missa, batizou, fez casamentos. "Não há sa...nervos que agüentem", declarava enraivecida a irmã do padre. Se Tramandaí consegue condenar seu representante divino ao sofrimento quem escapa à sua sanha destruidora?

Basta uma pequena faísca para acontecer um incêndio. Constatação de um dos 20 jornalistas que servem às sucursais dos diários de Porto Alegre sediados em Tramandaí. Ele se refere às multidões concentradas em frente ao bar Panorama (cujos banheiros já foram destruídos quatro vezes, no mês de janeiro.). Ali, numa estreita faixa de areia de 30 por 200 metros aglomeram-se perto de mil pessoas, estendidas ao sol. Caminha-se ali pedindo "com licença" para não pisotear os veranistas.

Naquele espaço explosivo dois homossexuais correram o risco de ser linchados pela fúria desencadeada na multidão em breves segundos. Alguns garotos provocaram e os dois responderam jogando areia. O tumulto cresceu rapidamente. Debaixo do sol forte, estimulados pelo álcool, centenas de veranistas voltaram-se contra os dois que acabaram feridos e afugentados do lugar. Outro episódio de janeiro. No mesmo lugar, com a mesma multidão. As atenções se voltam subitamente para uma moça vestindo um minúsculo biquini. Aos gritos enfurecidos de "Tira a tanga! Tira! Tira!" ela é cercada pela multidão crescida. Aparece-lhe um defensor, piadas. "É bicha! "Daí pra fora. Voam garrafas, mesas quebram-se contra os vidros do bar. Algumas prisões. A multidão volta a estender-se na areia, debaixo do sol, regada a caipirinha. Tramandaí respira.

O delegado aponta os dois livros com as ocorrências policiais registradas em janeiro em Tramandaí. Ao todo 340 ocorrências, 130 furtos, o resto: lesões corporais, embriaguês, queixas por excessivo barulho: Coisa miúda. "Faz muito tempo", diz o delegado, "que não acontece um homicídio em Tramandaí. Entenda, ela não é uma cidade violenta. Se considerarmos a intensidade dos delitos. Houve apenas um assalto, grave, com estupro durante este mês". É preciso dizer porém que os registros policiais não refletem bem o que acontece: como diz o delegado Ivo Correa, um dos três que reforçam a delegacia no verão: "A gente não toma conhecimento das infrações cometidas pelos veranistas. Com esse pessoal de mais dinheiro, entra advogado, queixa-crime, representação... Melhor esquecer. Eles mesmo fazem questão. Roupa suja se lava em casa". Previlégio que o peixeiro de Tramandaí não carrega.

Por isso, a declaração seguinte pode conter parcialidade. Diz o mesmo delegado Ivo: "O morador de Tramandaí é quem mais pratica lesões corporais durante o veraneio". Motivos: ele trabalha mais, ganha mais dinheiro, adere ao consumo excessivo do álcool fácil e segue outros exemplos dos veranistas. "Este mês de janeiro registramos três casos de sedução, um estupro e um rapto consensual em que um peixeiro de 43 anos tirou de casa uma menina de 17 anos." Em dezembro passado, os inquéritos encaminhados à Justiça não atingiram o número de dez. No primeiro mês considerado de veraneio de 1977 o número elevou-se para 55. Desses, cerca de 15 são lesões corporais. Cometidas por peixeiros.

Sapatilhas brancas, colares, pulseiras, camiseta com a inscrição Honolulu no peito e incompreensíveis óculos escuros para um passeio à noite na Emancipação, lixeiro Carlos Renato é um exemplo das oportunidades que o verão abre para todos. "Me chamo Carlos Renato, sou de Porto Alegre mesmo. Sou motorista de táxi. Vim para cá para trabalhar, como venho todos os anos no verão. Bom, consegui emprego de motorista no caminhão do lixo. Ganho Cr$ 2 mil e 800 por mês. Mas tem outras coisas de valor na praia além do dinheiro. Quando tamos recolhendo, os veranistas nos chamam, oferecem caipirinha. As meninas até nos pedem para movimentar a caçamba do caminhão como se fosse uma moto incrementada. Aqui não tem essa de lixeiro, não serve, entende? Aqui tem gosto pra tudo, entende? "

Mas o veranista não provoca apenas este tipo de mudanças na cidade que ele sustenta e pela qual é amado e odiado. "Sinceramente. A gente sente que nos roubam alguma coisa", confessa Loreno Schenkel, um comerciante poderoso. "A cidade é calma, pacata, sossegada durante o inverno. É gostoso viver aqui, uma verdadeira cidade do interior nos meses da entressafra. A gente sabe, no entanto, que sem o veranista Tramandaí não seria o que é. Mas, no fundo é um preço muito alto que a gente paga nestes dois meses de verão."

Dono do tradicional Hotel Strasburger, do bar Taiti e sócio-proprietário do Restaurante Bavária (todos situados no melhor ponto da cidade, na Emancipação, no chamado Cinturão do Fogo, onde sete bares aninham-se lado a lado) além de um camping de 200 mil metros, Loreno Schenkel sofreria sem o veranista.

Tornam-se tristes, comovidos e nostálgicos esses filhos legítimos de Tramandaí ao divagarem sobre as épocas de calmaria de sua cidade. Há quem lembre, emocionado, a passagem do lendário José Garibaldi, em 1839, rumo à tomada de Laguna, com o barco Seival puxado por 20 juntas de boi, desde o Capivari até a Barra fronteiriça com o Oceano. Não falta quem recorde a origem do nome Tramandaí, nascido do tupy-guarani. Significado: "O Rio do Feixe de Milho". Foi Itaramã, virou Taraman-day, depois Tramanby, mais tarde Tramanday. Um dia, só Tramandaí, distrito humilhado de Osório. Local pacato, escolhido pela colônia alemã do Vale dos Sinos para descanso e veraneio.

"Foi a lambreta que começou a mudar tudo na década de 60", diz o professor de Biologia e secretário municipal de Educação, Moacir Souza de Amaral, 34 anos. Adolescente, ele viu as primeiras mudanças no comportamento da cidade. Antes delas. Tomava-se banho mais cedo. Dedicava-se a longos almoços, peixe farto, churrasco, cerveja. Depois, a sesta, o jogo de cartas. Uma esticada noturna à pioneira Taberna do Willy, na Avenida Capitão Mariante (atual Emancipação) encerrava um dia rotineiro de veraneio. Depois. Veio o primeiro (e único) edifício com elevador da cidade. As sorveterias das taças de metal. A televisão, pouco mais tarde, acabando com as conversas familiares.

E aí surgiram os antecessores da juventude transviada montados em barulhentas lambretas. Amaral filava a lambreta do primo.

Reuniam-se diante dos bares, provocando o aparecimento das mesas nas calçadas. O Hotel Sperb, hoje decadente, foi o pioneiro. Mesinhas e cadeiras de ferro, coloridas. As antigas e amáveis pensões, ditas familiares, começaram a ser substituídas por hotéis de grande porte. A pedido da incipiente indústria turística e do crescimento demográfico da cidade. Crescia a indústria automobilística e as estradas diminuiam as distâncias. Sinais verdes para o progresso. Tramandaí perdendo o contido recato atreve-se a ousar. Em 1965, mercê de um plebiscito, enfim tornou-se emancipada.

Segue na página 20

Em todas as bancas da cidade:

"Tira a tanga! Tira! Tira!" (A multidão no Bar Panorama)

Existe verão mais belo?

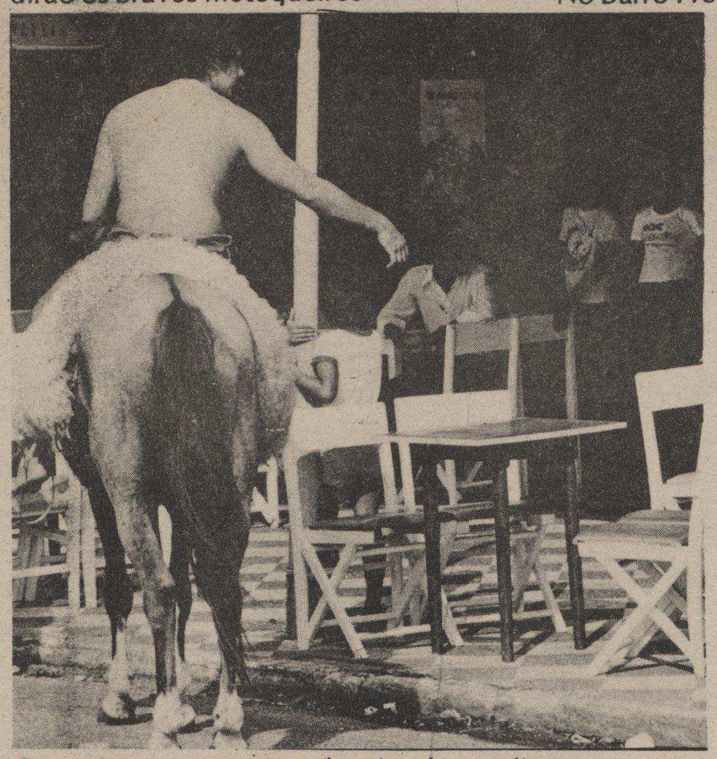
Pura questão de opinião,

dirão os bravos motoqueiros

Fotos de Eneida Serrano e Ricardo Chaves

Na avenida Emancipação, a ambição é desfilar o bronzeado do corpo

No Barro Preto, os farofeiros encontram suas maneiras de divertimento



O paquera não escapou da crise da gasolina

nem a menina, da velha cadeirinha de dendém

Detalhes da moda tramandaiense:

a desinibição, os altos tamancos, a bicicleta e a ousadia

Tempos fartos como esses, patrocinados por veranistas em ascensão, é que permitiram ao português Antônio Resende, nascido há 75 anos em Coimbra, fazer a primeira das oito viagens que fez à Europa, com os lucros da sua bem sucedida carreira comercial em Tramandaí. Fundou o primeiro posto de gasolina do lugar em 1938. Hoje vende três mil litros por semana no inverno. E 28 mil aos sábados de verão. "Trabalhei duro aqui para vencer", justifica-se sem conseguir avaliar o patrimônio formado em 40 anos.

Um terreno de 50 por 100 metros, o posto, uma churrascaria e o Cine Coimbra. Durante os meses de verão, porém, o velho Resende quase não sai de casa. Refugiado na sua horta, lamenta os novos tempos. "Não sei mais o nome dos moradores de Tramandaí, das ruas, dos edifícios. E até ladrão anda aparecendo na cidade. Aonde chegamos!"

Aonde? Questiona o pescador Josefino Nunes dos Santos, 55 anos, apresentando sua antiga peixaria Nossa Senhora dos Navegantes, um prédio imenso que ele chama de elefante branco. Paralisada há 12 anos com a queda da produção pesqueira. "Antigamente, os canais eram mais fundos, o mar botava mais sal na lagoa e tinha até safra de camarão aqui. Depois, com a invasão, cada vez vindo mais veranista, construíram a estrada federal de Torres que prejudicou os canal tudo. Até o mar se poluiu todo. Os peixes sumiram. Veio mais gente".

Hoje, dos 1600 pescadores credenciados como profissionais em Tramandaí, calcula-se em 10% os que ainda pescam. O resto é biscateiro para aproveitar a oferta de emprego que cresce na ordem de 100% no verão. Em contrapartida: praticamente todo o peixe de Tramandaí vem de fora. Custa de Cr$ 18 a Cr$ 20 por quilo e é servido nos restaurantes pelo dobro.

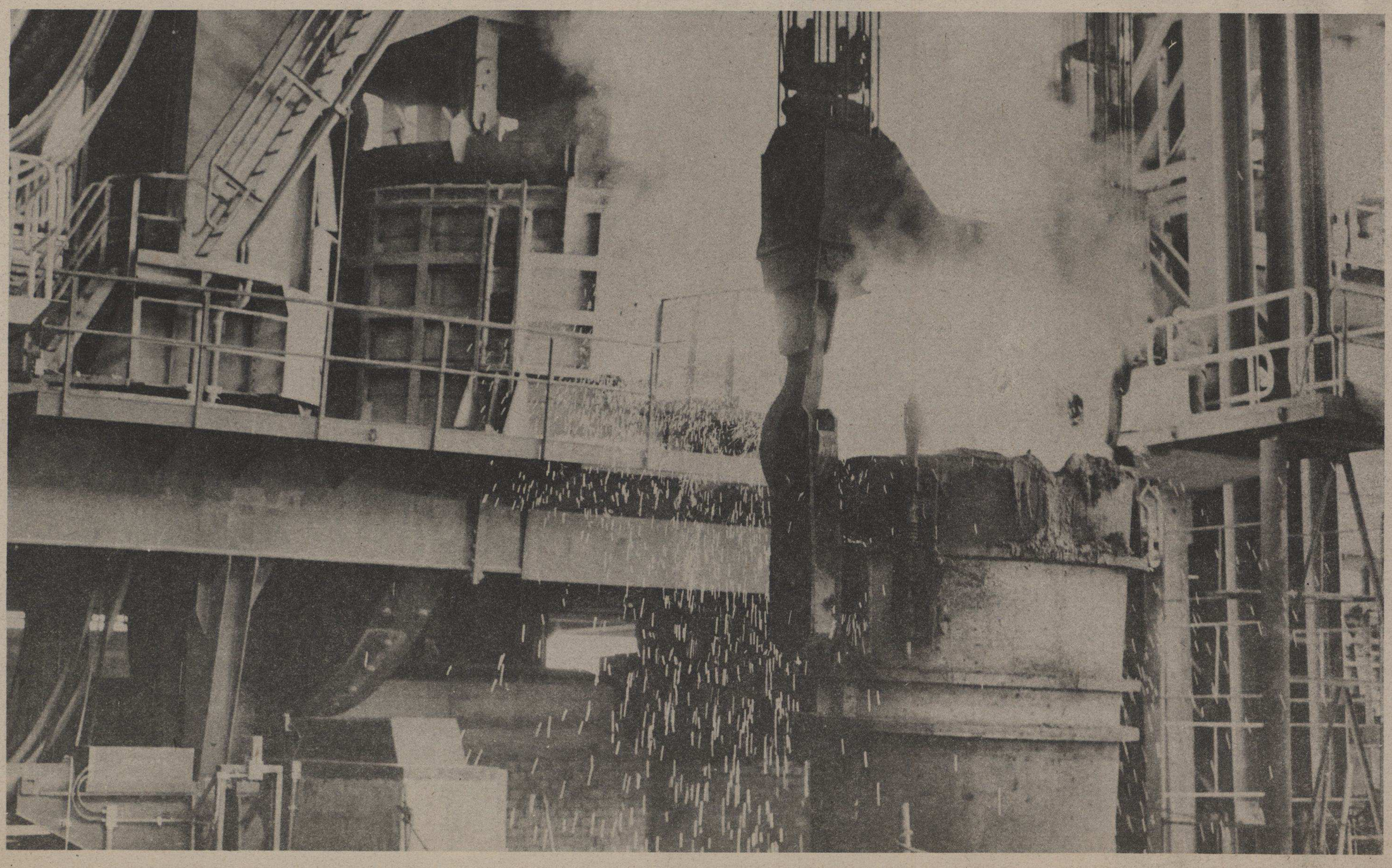
Josefino diz que pesca por vício, mas no verão sua fonte de renda são os biscates na mão... Ele e toda a família. A mulher fabrica roscas de polvilho. Cinco filhos que saem cedo de casa, vendem jornais, rapaduras, roscas de polvilho. Josefino apara a grama, conserta cano furado, bota a mão nos vasos sanitários para o bem do veranista e dele próprio. Porque Tramandaí aceita e exige, ao mesmo tempo. Dá e tira, ano a ano.

Mas chega a hora. Soa a primeira badalada da sineta dos seus sete colégios municipais, anunciando o reinício das aulas. Tramandaí reassume com lento vagar sua fisionomia de dama recatada. E é chamada de pequena cidade do interior. Para essas ocasiões, a esposa do português Resende reserva uma comparação requisitada aos anos 40 na Europa. "Parece que acabou uma guerra", diz dona Maria, 73 anos. "Que os veranistas vieram. Ocuparam nossas casas. Comeram nossa comida, mudaram nossa vida e um dia se foram deixando tudo deserto". Começa a época das vacas magras.

Enclausurado em seu apartamento de dezembro a março, Vó Paulina reaparece em cena. Vó Paulina, de 70 anos, é uma viúva que tem uma lancheria, perto da Estação Rodoviária, onde serve diária e gratuitamente 180 pratos de sopas aos menores abandonados de Tramandaí. A caridade desse gesto só é válida depois de março. Durante o veraneio, os meninos se viram sozinhos. Vó Paulina começa a circular pela cidade recolhendo donativos para seus meninos da sopa.

Encontra-os mal acostumados, conforme julga, vendo os cabelos compridos, as roupas desmazeladas e o palavreado repleto de gírias e palavrões. Invariavelmente. Nos primeiros dias é obrigada a recorrer às pregações para conseguir de volta seus bem educados meninos. Explica-lhes que os veranistas voltam às suas cidades para trabalhar vão dar duro para se divertir no verão seguinte. E entre as exortações feitas às crianças tem um método infalível, para reconduzi-las aos caminhos do bem. "Quando vocês crescerem, se agora agirem bem, trabalharem e estudarem vão ter um futuro maravilhoso". Diz isso sorrindo, para dar o golpe final. "Quem sabe, um dia, não serão veranistas?" ■

Esta foto está cheia de alma e de aço do Grupo Gerdau.



Mas olhe para ela mais um pouco e você vai ver também o perfil da empresa privada deste país.

Produzir 950.000 toneladas de aço por ano, é a participação ativa do Grupo Gerdau no desenvolvimento de uma coisa que interessa a todos os brasileiros: o Brasil.

Por isso, o fogo que você está vendo nesta foto, é uma ferramenta e um símbolo, ao mesmo tempo.

Ele fica aceso dia e noite, o ano inteiro, na Siderúrgica Riograndense,em Sapucaia do Sul e Porto Alegre, na Açonorte, em Recife, na COSIGUA, no Rio de Janeiro,na Guaíra,em Curitiba, na COMESA, em Maceió.

É este fogo que simboliza o dinamismo da empresa privada do nosso País, que só no setor da Siderurgia contribuiu, em 1976, com mais de 3.800.000 toneladas de aço, vitais para o desenvolvimento de alguns dos mais importantes setores de produção, entre eles a Construção Civil e a Indústria Mecânica.

Portanto, você não está vendo aí apenas um forno produzindo aço. Como o retrato de uma fábrica,nunca é só uma fábrica. Atrás de cada empreendimento estão a garra e a livre iniciativa do empresário que planeja e faz, que abre frentes e desenvolve.

O Brasil que aí está, se deve em muito à livre iniciativa.

Por isso, esta foto mostra mais do que os seus olhos podem ver.

Observe bem.

Talvez, você apareça nela, também.

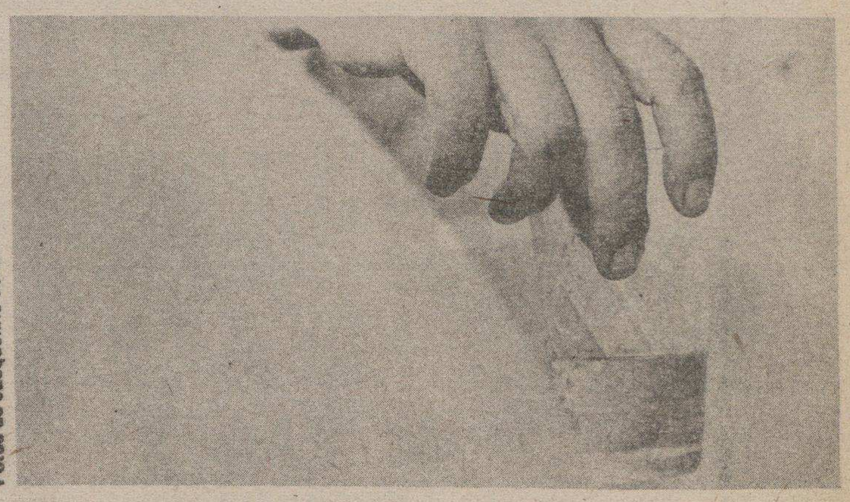
Grupo Gerdau

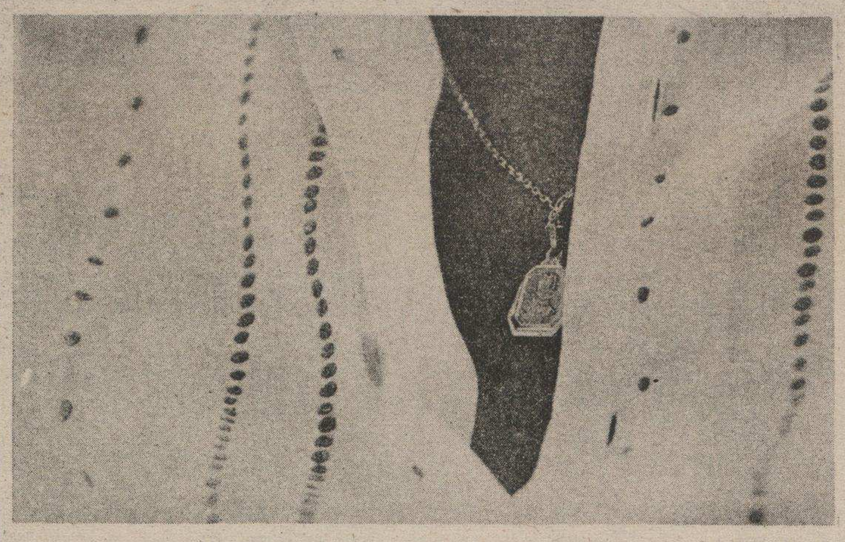
Metalúrgica Gerdau S.A.
Siderúrgica Riograndense S.A.
Comercial Gerdau Ltda.
Siderúrgica Açonorte S.A.
Cia. Siderúrgica da Guanabara - COSIGUA
Siderúrgica Guaíra S.A.
Cia. Siderúrgica de Alagoas - COMESA

O MDB de Porto Alegre nem chegou a saborear a maioria que as urnas lhe deram nas eleições de novembro de 76. Seu líder de bancada, o vereador Glênio Peres, foi cassado dois dias depois da instalação da nova Câmara

A maioria mutilada

Fotos de Jacqueline Joner





Como acontece todos os dias 2 de fevereiro, a maior festa popular de Porto Alegre reunia milhares de pessoas junto à Igreja Nossa Senhora dos Navegantes. Entre os participantes da Festa dos Navegantes estava o autor do decreto que oficializara esta comemoração dedicada à padroeira de Porto Alegre, o vereador Glênio Peres. Ele estava sobre a ponte do Guaíba observando o movimento quando soube que o Ato Institucional número 5 havia terminado com sua carreira política. O aviso foi dado por um motorista de táxi que o reconhecera:

— Vereador, tenho uma notícia ruim para o senhor. Deu no rádio agora que o senhor foi cassado.

Glênio manobrou seu carro e voltou à cidade, direto para a Sociedade Beneficente União e Progresso, um clube operário no Bairro Bonfim. Lá encontrou as primeiras demonstrações de solidariedade, pois, apesar do feriado, eleitores e cabos eleitorais já estavam reunidos a discutir a cassação.

Dali foi para a casa do pai, o sargento militar reformado José Peres. Sua preocupação era com o estado de saúde do pai, um homem de 72 anos e com problemas cardíacos. Mas encontrou-o bem e solidário: "Ainda bem que foste cassado por tuas idéias, e não por corrupção, como aquele senador arenista".

Dois dias antes, como líder da oposição na Câmara, Glênio Peres fizera um discurso que aparentemente motivou sua cassação. O relacionamento do MDB com o prefeito Guilherme Villela, presente na cerimônia de instalação da nova Câmara Municipal, ocupou boa parte do discurso:

— *Nossas responsabilidades, senhor prefeito e senhor presidente desta solenidade, não se encontram no buraco da rua, embora muitos queiram que a Casa viva somente para os buracos da rua; não se encontram somente nas dificuldades de iluminação, embora alguns de mentalidade fascistóide, ditatorial e autoridade pretendam que a Casa exista apenas para iluminar determinadas ruas, de preferência aquelas onde têm mais os que vivem melhor; e aos que querem, senhor presidente, que esta seja uma Casa do silêncio, quando, senhor presidente e senhor prefeito, uma Casa de silêncio exige a coragem do discurso.*

— *Esta Tribuna, senhor presidente, senhor prefeito, serve para se dizer que não há asfalto em determinadas vielas da comunidade, mas tem que servir para dizer que há escolas chamadas de antiterrorismo, especialistas em retirar as unhas das pessoas, fazer doer a integridade física das pessoas, em fazer com que cada um diga o que não quer, e, principalmente, fazer com que pague com o seu sangue, a sua vida, o preço de seu pensamento e o exercício da sua liberdade.*

OS DOIS TERÇOS

Coerente com sua atuação, no discurso, Glênio Peres não fez mais do que reunir as idéias defendidas em três mandatos anteriores e que por anos sucessivos lhe garantiram o título de melhor vereador de Porto Alegre, conferido pela imprensa especializada. "Sempre lutei pela defesa dos direitos humanos", disse ele ao *Coojornal*. "Nunca deixei de falar na tribuna de um aluno atingido pelo Decreto 477, dos exilados políticos, e denunciei as torturas no país, dando o nome do torturado e do torturador".

Surpresos como ele, ficaram seus companheiros e dirigentes de partido, que se recusam a aceitar esta única manifestação como causa para a cassação. A decisão do Conselho de Segurança Nacional (formado pelo presidente da República, os 13 ministros civis, os três ministros militares, e os chefes do Serviço Nacional de Informações, do Estado Maior das Forças Armadas, da Casa Civil e da Casa Militar), tomada em menos de 48 horas após o discurso, pegou a maioria dos deputados gaúchos em férias.

Terminava naquele momento para os 14 vereadores da bancada do MDB em Porto Alegre a oportunidade de governar o município junto com o prefeito Villela. Pois a até então maioria de 14 vereadores contra sete da Arena, conquistada nas eleições de novembro de 1976, dava ao partido a vantagem numérica de dois terços, suficiente para rejeitar possíveis vetos do prefeito a projetos do Legislativo.

A legislação em vigor dá ao prefeito o direito de vetar os projetos apresentados pela Câmara. E só uma bancada com maioria de dois terços consegue derrubar este veto quando o projeto retorna à Câmara. A volta a uma maioria simples (13 contra sete vereadores) deixa o MDB novamente na condição da legislatura anterior — pode negar os projetos apresentados pelo Executivo, mas não os vetos deste a projetos do Legislativo.

E mesmo estas duas hipóteses de participação da oposição no governo de uma cidade esbarram numa dificuldade maior colocada pelo Ato Institucional

Continental. Som de uma orelha a outra.

Nos 1120, rádio à moda da casa.

número 1, de 1964, que proíbe ao legislativo do município a apresentação de projetos de lei que impliquem em despesas não previstas em orçamento.

O ÚLTIMO ATO

A curta carreira política de Glênio Peres começou em 1962, como assessor do ex-deputado Cândido Norberto, do extinto MTR. No ano seguinte concorreu a vereador, elegendo-se com 1.036 votos. No mandato seguinte, 1968, conseguiu apenas uma suplência com 3.800 votos, e quatro anos depois, com 13.500 votos, transformava-se no vereador mais votado da história de Porto Alegre — título que perdeu em 76 para Ibsen Pinheiro, também do MDB, quando foi o quinto vereador mais votado do partido com 11.500 votos. Na única tentativa que fez para a Assembléia conseguiu 29 mil votos e uma segunda suplência, em 1974.

Nesta sua atividade legislativa aparecem com destaque os projetos que regulamentaram a situação do transporte coletivo em Porto Alegre. Foi através de seu trabalho, primeiro como secretário dos Transportes do prefeito Célio Marques Fernandes e depois como vereador, que os ônibus passaram a ser movidos a óleo diesel em vez de gasolina. Criou a padronização do atendimento, com a colocação de borboletas no centro do veículo, e obrigou a substituição dos ônibus depois de 10 anos de uso. E também foi de sua autoria a lei que proibiu o corte de água sem aviso prévio.

Glênio Peres se considera um líder emergente, posterior à revolução de 64: "Em 1964 eu não era ninguém, não tinha liderança. Por esse lado sim, acho minha cassação importante. Nesse ponto acho que o sistema tem sido eficiente. Ao longo dos 12 anos em que fui vereador tenho certeza de que não fiz nada para ser cassado. Tenho absoluta certeza de que exerci meu mandato com honra e zelo"

O último ato público de Glênio Peres como líder do MDB ocorrera no dia anterior, 1º de fevereiro, ao responder à nota oficial entregue pelo líder da Arena na Câmara, João Dib, que repudiava a manifestação de Glênio Peres ao mesmo tempo em que elogiava o prefeito Villela. Glênio afirmou:

—Já disse e repito que dispenso autorização arenista para o exercício do meu mandato e o cumprimento dos meus deveres de liderança . Repilo a intenção evidentemente fascista de exercerem os jograis do governo do município censura sobre os nossos pronunciamentos e devolvo ao vereador João Dib a dispensável lição de boas maneiras: de um vereador, o menos que se pede é verticalidade. Porque de reverência em referência, de mesura em mesura, o costume tende a levar a um tipo de servilismo, aquele que faz criados sempre, secretários às vezes...

BRIGA PELA SUCESSÃO

Para analisar a cassação, o MDB só conseguiu se reunir no dia seguinte, quinta-feira, com a presença de 12 vereadores, apenas quatro deputados estaduais e quatro federais, e ainda as direções executivas do partido no Estado e em Porto Alegre.

Duas propostas feitas por um grupo minoritário de vereadores foram rejeitadas. A primeira pedia uma sessão extraordinária da Câmara para uma despedida oficial do ex-vereador e a outra que fosse redigida uma nota oficial do partido para ser aprovada numa reunião aberta ao público. A maioria acabou optando pela redação de uma nota a ser aprovada ali mesmo pelos políticos presentes.

Foram necessárias três notas para que enfim, depois de cinco horas de discussões, um texto fosse liberado aos jornais. E mesmo assim houve quem no final considerasse a nota imoral e condescendente, pois mais uma vez o partido posicionava-se frente a uma cassação com posições de lamentação:

— Cumpre levar ao povo brasileiro a posição das lideranças oposicionistas, de denúncia a mais esse ato de repressão e de violação aos direitos de livre expressão política, juntamente com o protesto veemente contra as leis de exceção, sempre acionadas sem indiciamento formal e sem direito de defesa. (...)

— Ao acionar o AI-5, o Governo, no presente episódio, deforma o resultado das eleições de 15 de novembro passado, quando o MDB de Porto Alegre teve eleitos 14 vereadores, que lhe outorgavam maioria de dois terços. Fraudando o exercício desta maioria, o Governo proclama, mais uma vez, seu desprezo à convivência que apregoa procurar e realça o apego ao estatuto da força como instrumento para impor as vocações antidemocráticas que preponderam nas suas decisões.

Na sexta-feira a direção regional do partido tomou nova medida de cautela ao proibir o Setor Jovem do MDB Metropolitano de promover uma manifestação popular na sede do partido.

As divergências de orientação em relação ao episódio entre a liderança jovem e a direção regional do MDB atingiram também a sucessão de Glênio na liderança da bancada na Câmara. Ao natural seria o jovem vereador Marcos Klassmann, eleito para a primeira vice-liderança da bancada graças a sua surpreendente votação — representando o setor jovem do partido foi o quarto mais votado nas eleições de 76.

Mas imediatamente à cassação começaram os desentendimentos para uma nova composição na liderança, problema que uma semana depois ainda não estava resolvido.

PARA O JORNALISMO

Já um pouco afastado destas questões sobre sua sucessão, Glênio Peres passou os primeiros dias em sua casa recebendo amigos, atendendo telefonemas de solidariedade e lendo os jornais com as repercussões de sua cassação,. um pouco ofuscada dois dias depois no plano nacional pelo documento dos empresários paulistas pedindo a volta da normalidade democrática e divulgado no mesmo dia 2 de fevereiro.

Filho mais velho do primeiro casamento (tem 11 irmãos), Glênio nasceu em Lavras do Sul em 7 de março de 1933, e veio para Porto Alegre com 12 anos. Sua mulher Lícia ele conheceu em 1960, durante uma exposição de arte popular da Bahia realizada em Porto Alegre. Casaram em 1963, mas não têm filhos.

Agora planeja a volta ao jornalismo de reportagens, que exerceu de 1959 a 1970, com matérias internacionais como a cobertura da Guerra de Suez, o julgamento do jornalista francês Régis Debray (acusado de participar da guerrilha boliviana juntamente com Ernesto Che Guevara), e os seqüestros de Dan Mitrione e Aluísio Gomide, no Uruguai. Além de continuar participando do programa de debates A Hora da Verdade, apresentado diariamente na Rádio Gaúcha às oito da manhã.

A volta aos palcos, que abandonou em 59, quando teve que optar entre teatro e jornalismo, também não está afastada. Formado pelo Curso de Arte Dramática da Universidade Federal, do qual foi um dos fundadores, Glênio Peres foi ator no grupo de Maria Della Costa, autor da peça infantil *Antoninho do Cavanhaque*, que bateu recorde de permanência no Teatro São Pedro (em cartaz durante dois anos) e autor da música da peça *Pedro Mico*, de Antônio Callado.

E foi no cinema que encontrou um papel mais adequado à sua carreira de político. No filme *O Homem que Deve Ser Morto,* dirigido por David Quintans, representou um político que volta a seu país com promessas de uma vida democrática normal. E no primeiro comício é assassinado. O filme passou apenas no Festival de Gramado de 1974, tão mutilado pela censura que o próprio produtor perdeu o interesse em sua distribuição.

Na recente crise, à imprensa em geral coube o papel de condução das idéias, o que tem gerado confusões em alguns segmentos do núcleo do poder.

Da política ao jornalismo

Apesar das inúmeras versões que correm o país explicando a exoneração do ministro Severo Fagundes Gomes, do Ministério da Indústria e Comércio, certamente foi sua atuação contundente, nos últimos dias de sua administração, vinculando um rápido desenvolvimento político entre os componentes inevitáveis da solução da crise econômica que constituiu o mais forte elemento do impasse, determinando a necessidade de seu afastamento do Gabinete.

O tom afável das cartas que o ministro demissionário trocou com o presidente Ernesto Geisel evidencia a velocidade vertiginosa do redemoinho político, com a súbita mudança de rumos do bloco empresarial oposicionista de São Paulo, que ultrapassou, em um único dia, a todos os demais contendores: as linhas ortodoxas do governo, pró-distensão gradual e sem datas; o ministro Severo Gomes (ponta-de-lança do esquema político do Presidente) de tendência liberal; e da própria oposição (MDB), que defendia um aperfeiçoamento cadenciado das instituições. Pois, a facção empresarial, que há meses aconselhava revisões supressivas no calendário eleitoral, passou a defender urgentes reformas políticas liberalistas, postulando o afastamento dos militares do governo.

Por isso que o governo foi obrigado a uma rápida substituição, trocando seu meio-campista ofensivo por outro, defensivo (Ângelo Calmon), para, assim, contrabalançar o envolvente poder ofensivo de uma insuspeita oposição que, emergida do fundo de suas próprias trincheiras, estava a contestar um dos mais sólidos dogmas do sistema brasileiro, qual seja: a aliança tácita dos militares e tecnoburocratas. Como o caminho para deslocar técnicos e militares do comando da área executiva passaria, para que a proposta fosse prática e funcional, pela total redemocratização, ainda que efêmera, misturaram-se as jogadas profundas e audazes do artilheiro Severo Gomes com as bolas tocadas pelos novos participantes do jogo na área adversária.

Por isso mesmo a queda foi tão macia, sem cartas-protestos, em tom amigo entre o Presidente e o Ministro, totalmente destoante do clima de crise que envolvia a política, deixando de fora as pessoas, que, embora desconcertadas, julgaram-se simplesmente vítimas das circunstâncias, terminando com Geisel e Severo abraçando-se.

Mas as coisas ficaram bem claras, no final. O poder não deve ser tocado, pois, no entender de seus teorizadores, a ótica da rentabilidade privada não serve à coisa pública. Os empresários podem falar, opor-se e rejeitar. Mas os caminhos do poder lhes estão fechados. A queda de Severo Gomes representou esse fechamento, um pouco desapercebido para os que não entendem como se joga nesse nível, pois conteve atos espetaculares ou repressões evidentes. Contudo, já no dia seguinte podia-se notar o mutismo de fontes ultimamente prolixas.

Com isto as coisas voltam a seus lugares: o Executivo, composto por militares e técnicos, executando, com as instituições intermediárias dialogando: Congresso (eleito pelo povo), imprensa (difusora de idéias) e as corporações (entidades de classe) dialogando, pela imprensa ou por seus representantes no Congresso.

Na recente crise, à imprensa em geral coube o papel de condução das idéias, com dois objetivos: a) indicar pela sua afluência e pelo seu teor os caminhos para o consenso e servir como elemento de pressão sobre os centros de decisão; b) ampliar o campo da informação como parte indissociável do livre jogo da economia de mercado. Ou seja, os empresários e suas lideranças falam com o governo e entre si, tanto para colocar suas sugestões e antipatias, como para comunicarem-se entre si e absorver informações de outros segmentos, com vistas ao pleno andamento de seus negócios e, por extensão, da economia.

Este papel de condução das idéias que coube à imprensa tem gerado algumas confusões em alguns segmentos do núcleo do poder (Severo Gomes ficou conhecido pelo que saiu nos jornais e não por suas charlas de gabinete).

Embora o sistema admita o indispensável papel dos jornais (rádio e televisão não integram esse complexo, por isto são censurados também na atividade jornalística), há certa confusão sobre a postura dessa imprensa e sobre o papel do jornalista.

De um lado, as empresas acham que a independência e a isenção do noticiário contêm não apenas os elementos necessários à difusão das idéias e circulação de informações para negociante, como ainda representam um apelo essencial à vitória comercial, segundo as regras da livre-concorrência vigente no sistema da economia de mercado.

Nesse ponto ela se vê paradoxalmente pressionada, pois ao mesmo tempo em que sua atuação de canalizadora das correntes de opinião da sociedade é invocada, ela é acusada de deslealdade e autora de provocações, toda vez em que o desejável espírito crítico provoca ruídos em alguma engrenagem do sistema.

Contudo, uma fase é conseqüência da outra, pois como nada é perfeito, mesmo a vigilância editorial não consegue conter a evidência de contradições, pois ela decorre da existência desses rangidos. Um jornal não poderá ter a credibilidade necessária ao cumprimento de sua função dentro do sistema se não obedecer aos princípios éticos inerentes à prática limpa e profissional do trabalho jornalístico. É, pois, no bojo dessa função que surgem os fatos eventualmente negativos, aos quais os jornais por suas próprias características, não podem fugir.

Se não é o sistema e também não são os empresários editoriais que estão a levantar suspeitas contra a imprensa, pergunta-se, então, de onde vêm as tensões que tanto intrigam os jornalistas com o governo?

Segundo opiniões abalizadas, há um evidente gancho econômico a alimentar o fomento da intriga entre os jornalistas profissionais militantes e as autoridades criando desconfianças mútuas, cujos resultados, na prática, aguçam a crise na medida em que autoridades de escalões inferiores hostilizam jornalistas e estes por vezes distribuem *caneladas*.

Este gancho, porém, não é originado dos empresários editoriais, mas de subsetores da própria classe jornalística que perderam o bonde na competição profissional, vendo em suas ligações subterrâneas um meio de reassumirem posições nos jornais e revistas do país.

Em uma certa época recente, processou-se uma grande mobilização de quadros dentro da imprensa, com a adesão da maioria dos profissionais litantes a serviço da empresa privada ou serviço público. Em parte, essa transferência resultou em aumentos de ganhos reais sobre os níveis de remuneração da época, provocando sensível melhora em níveis de consumo e de *status* dos jornalistas que trocaram as redações pelas salas de imprensa. O trabalho em jornal virou o *bico*.

Embora isto não fosse novidade, com a enfatização de identidades ideológicas no país, a posição nos jornais passou a ser, também integrante do esquema profissional desses jornalistas. Eles não mais puderam manter a independência nem a liberdade de opção, terminando por modificar inteiramente o horizonte profissional.

Nos grandes centros, abandonaram as redações definitivamente. Nos centros intermediários e pequenos, mantiveram suas posições, embora o trabalho de redação passasse a ser uma atividade marginal.

Na prática isto significou mudanças de quadros nas grandes cidades, e na institucionalização do *press release* editado pelo autor, nas médias e pequenas.

No entanto, com o crescimento do país e o *boom* econômico, a inicitiva privada recuperou, na área jornalística, a liderança do processo, e a situação salarial voltou a inveter-se, devido ao desgaste dos vencimentos dos servidores públicos e à imobilidade das assessorias das empresas privadas. O trabalho jornalístico aperfeiçoou-se com a conseqüente valorização do profissional, que passou a ser tão competitivo, no mercado, quanto eram, antigamente, os engenheiros e economistas.

Foi então aqueles *da antiga* procuraram voltar à iniciativa privada, ou melhor, às redações, em busca terizaram-se como profissionais do jornalismo. Nessa tentativa, contudo, não encontraram apoio, no Rio e São Paulo, dos próprios empresários editoriais, que foram insensíveis às acusações de praxe contra seus editores, redatores e repórteres. Sua atuação, então, concentrou-se junto a outras áreas do sistema, mas sensíveis a essas acusações corriqueiras, e geralmente alarmadas pela ebulição que o trabalho jornalístico honesto consegue, ao refletir, com isenção e segurança indesmentível a realidade.

Essas posições deixaram em antagonismo os empresários editoriais e setores do sistema, pois se os aliados dos velhos jornalistas enfatizam a necessidade de os meios de comunicação serem feitos por pessoas ideologicamente identificadas, os empresários não estão dispostos a se arriscarem numa aventura cujo objetivo seria o rebaixamento da qualidade editorial.

Um exemplo muito eloqüente do fracasso dessa tentativa foi o lançamento, no ano passado, no Rio, do jornal *O Estadão*, dirigido pelo gaúcho Itler César Bado, com redação formada exclusivamente pelos jornalistas oficiais. No mercado, *O Estadão* não conseguiu sobreviver a mais de três meses, saindo de circulação por revelar-se absolutamente incapaz de competir, em qualidade editorial e gráfica, com os chamados jornais profissionais.

No entanto, se a renovação de quadros permitiu à imprensa dos grandes centros, especialmente Rio e São Paulo, manter-se isenta e independenete, é verdade que seu crescimento, em escala e em eficiência, plasmou a profissão de jornalista em níveis altamente técnicos, abrindo, igualmente, a disputa de mercado. Como a demanda tem sido maior que a oferta (pois o esvaziamento de quadros em época recente tirou o pessoal mais experiente do mercado, em sua maioria), os salários dos profissionais de redação subiu a níveis inesperados para os antigos, mas perfeitamente aceitáveis dentro da escala com que opera hoje a grande imprensa brasileira.

Este mesmo fato, por outro lado, provocou um desnivelamento entre a imprensa do país, pois naqueles locais em que persistiu o sistema cartorial antigo, as empresas não obtiveram o mesmo crescimento em faturamento e influência, com o conseqüente aviltamento (ou não-crescimento) da profissão de jornalista.

Essas análises poderão ser comprovadas se, em muitas cidades médias, o próprio jornalista verificar entre estratos de leitores sofisticados a presença rotineira de jornais dos grandes centros como fonte exclusiva ou preponderante de informação, atuando o veículo local como informador marginal, e, assim mesmo, para assuntos muito específicos e de importância secundária no leque de aspirações desse leitor.

José Antônio Severo

QUADRO COMPARATIVO DO MERCADO PROFISSIONAL

CARGO	VEJA	EXAME	O GLOBO (*)	O ESTADO	JORNAL DA TARDE
Editor A	36.000,00	23.500,00	25.000,00	40.000,00	35.000,00
Editor B	35.000,00	22.500,00	—	29.000,00	—
Editor C	30.636,00	—	—	23.000,00	—
Subeditor A	30.492,00	17.000,00	20.000,00	17.000,00	28.000,00
Subeditor B	—	14.000,00	—	—	—
Subeditor C	20.500,00	—	—	—	—
Repórter Especial	21.000,00	—	15.000,00	30.000,00	22.000,00
Repórter A	—	—	9.000,00	15.000,00	9.000,00
Repórter B	—	—	7.000,00	9.500,00	—
Repórter C	12.000,00	—	—	—	—

Fonte: Associação Brasileira de Imprensa.
(*) O Globo — salários relativos a 1976, antes do dissídio.

Foto de Luis Abreu

Presídio Central: número excessivo de presos, escassez total de recursos, os problemas antigos que se agravam a cada dia.

Condenados à miséria e ao abandono

Em abril de 1975, a repórter Tania Jamardo Faillace publicou no extinto jornal Hoje, uma série de reportagens sobre os principais presídios gaúchos. Numa delas anotava as declarações do Superintendente dos Serviços Penitenciários do Estado, procurador Alcêo Moraes Almeida recém empossado: "Nem paternalismo, nem prepotência, nem privilégios, nem indignidade, nem festinha para filho de presidiário, coisa que humilha os apenados mais conscientes. Trabalho, respeito e aprendizado do mundo que espera o ex-presidiário lá fora. É o que proponho como filosofia de ação para minha administração".

Quase dois anos depois, a mesma repórter percorreu três desses presídios — o Presídio Central, a Penitenciária Estadual do Jacuí e o Presídio Municipal de Santo Antônio. Sua conclusão: se alguma coisa mudou, foi para pior. No Presídio Central há falta completa de pessoal, oficinas, equipamentos e verbas. A penitenciária Estadual, com potencial físico e de mão-de-obra para abrigar uma colônia agrícola em condições de industrializar seus produtos e recuperar o homem através do trabalho, deteriora-se a cada ano. O Santo Antônio é o que oferece melhores condições e chega a ser um exemplo do que poderia ser feito, mas carece de pessoal e professores para um trabalho mais efetivo.

Ou seja: lembradas apenas quando ocorre algum motim ou crime brutal, contando com recursos cada vez mais escassos, nossas casas de detenção continuam a ser o que sempre foram — meros depósitos de presos.

PRESÍDIO CENTRAL, SEXTA-FEIRA, DIA 14 DE JANEIRO.

Quatrocentos e setenta e cinco homens formavam a massa carcerária do Presídio Central nesse dia — cerca de 100 acima da capacidade real do estabelecimento.

O bacharel Victório Manoel Ferreira, diretor do PC, diz que a população do presídio é muito flutuante, e que seu propósito era diminuí-la até um máximo de 300 apenados. Na realidade, porém, entra mais gente do que sai.

— Isto aqui é um presídio e não uma penitenciária. Teoricamente, deveria receber elementos ainda não condenados ou de penas curtas. Na prática, é impossível sobrecarregar ainda mais a Penitenciária Estadual e ficamos com muita gente que não deveria ficar aqui.

O PC ainda apresenta cicatrizes das agitações dos últimos anos. A reconstituição da ala destruída em abril de 1975 recém foi concluída, e a falta de vidros é uma constante nas galerias. Na época, calculava-se que seriam precisos mais de 200 mil cruzeiros para recuperar os encanamentos da casa. Hoje, o diretor conta que o problema está resolvido para os próximos dez anos, com uma reforma apenas parcial e usando a mão-de-obra apenada.

Com uma certa cautela, Victório Manoel Ferreira admite que a falta de recursos é grande. Por exemplo, há apenas uma psicóloga e três assistentes sociais para atender a quase 500 apenados. Os agentes de segurança, que antes recebiam menos que o salário mínimo regional, mesmo agora, com diploma da Escola de Agentes e Monitores Penitenciários, têm seu salário inicial restringido a Cr$ 1.151,00 por 44 horas semanais.

— Antes, eles se defendiam com trabalhos extras, aproveitando as escalas de serviço, que compreendiam alguns plantões e vários dias de folga. Isso não nos convinha. Pos isso, remanejamos os horários para equilibrar o tempo que eles passam aqui dentro e lá fora.

Victório Ferreira diz também que o ideal seria que os presos tivessem roupas fornecidas pela casa, para economia de sua própria casa, facilidade de troca e higiene, e distinção do corpo funcional. Mas isso exigiria uma rouparia organizada e um funcionário especial, além de verbas específicas.

— A mão-de-obra apenada é muito rotativa. Quando um aprende um ofício e tem condições de se tornar mestre, geralmente também já tem condições de ser libertado, e é preciso começar tudo de novo. Seria preciso que os mestres fossem funcionários contratados e ganhassem bem, para o aprendizado ser contínuo e as oficinas funcionarem todo o tempo. Mas os artesãos não recebem atenção do Estado.

O PC conta com oficinas mecânicas (rendimento mensal de 3000 cruzeiros, dos quais 60% cabem ao Fundo Penitenciário e 40% ao presídio); uma serralheria; uma marcenaria, cujo grande cliente era a Coca-Cola até que surgissem as caixas plásticas; uma oficina de bolas de couro que trabalha para a Cauduro.

Sobre a alimentação dos presos, o bacharel Victório Manoel Ferreira mostrou um escrúpulo curioso. Não para justificar alguma carência na dieta do presídio, mas, pelo contrário, para explicar alguns *luxos*, porque, segundo ele, o público em geral não compreende e não aceita que o apenado necessite alimentar-se normalmente, que é muito comum o preconceito de que o detento deva ter sua alimentação restringida. Esses *luxos* devem-se às necessidades específicas de alguns enfermos.

Mesmo assim, a média de 175 quilos de arroz, 114 de feijão, 87 de açúcar

Penitenciária Estadual do Jacuí, um mundo a parte mergulhado na promiscuidade e num clima de terror permanente

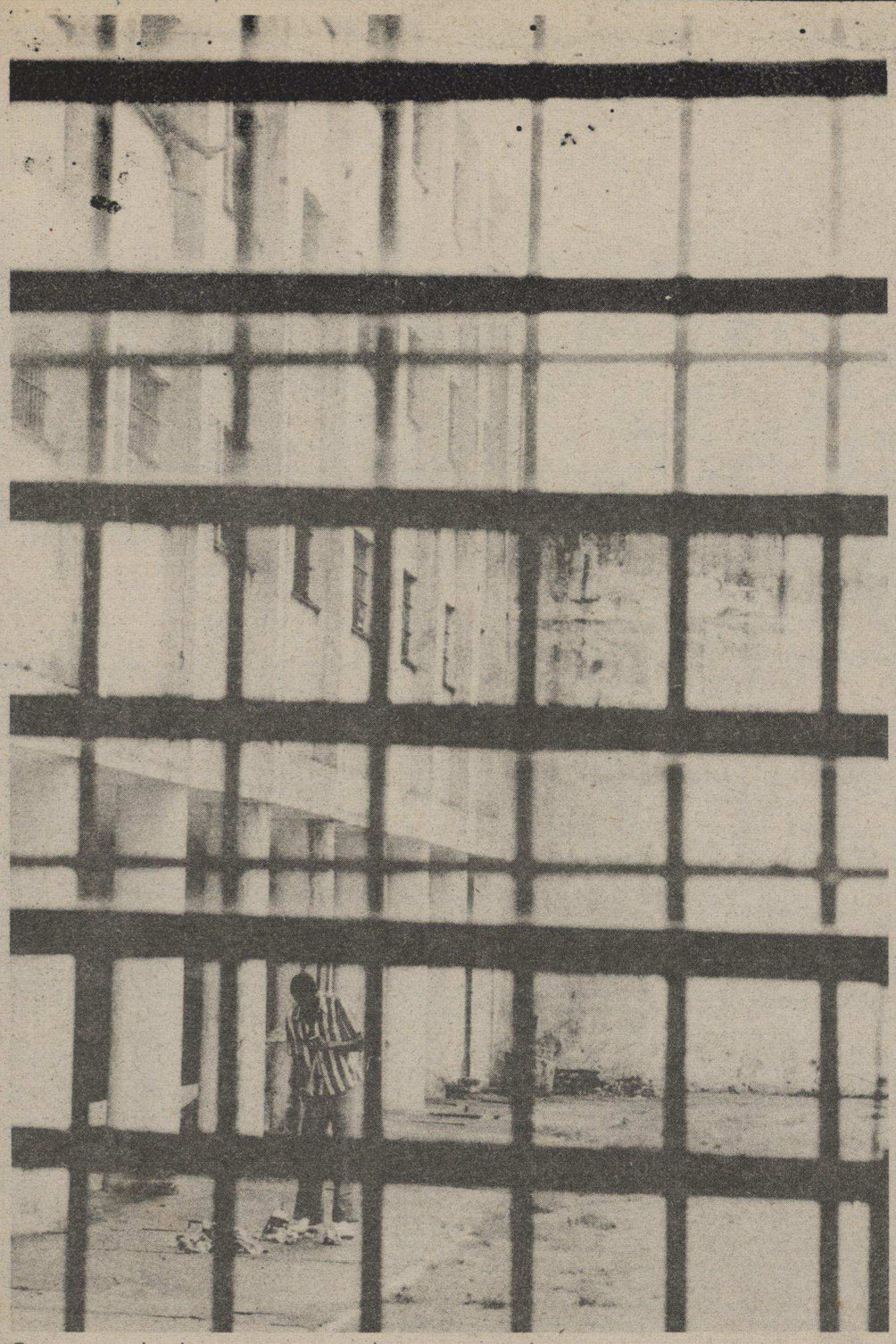


Foto de Luis Abreu

Com os sanitários em mau estado, os presos do Jacuí jogam seus detritos no pátio do IBC

(para 800 pessoas entre presos do PC, cadeias distritais e funcionários) por dia, pode ser considerada modesta. Os artigos classificados de *luxo*, são em quantidades insignificantes, como 13 quilos de erva-mate, 2 quilos de aveia ou 1 quilo de maizena. Já os 3.500 pãezinhos de 50 gramas fabricados no presídio, abastecem também o Instituto de Biotipologia Criminal e o Instituto Psiquiátrico Forense. Em matéria de proteínas, é consumida uma média de 230 quilos de carnes por dia, enquanto as verduras são calculadas em médias mensais de 810 quilos respectivamente para tomates, vagens e cenouras, entre outras.

A cozinha do PC (um funcionário e 24 apenados), um peça enorme com teto muito alto, está mal conservada. As clarabóias que a iluminam estão sem vidros, e naquela tarde a chuva entrava livremente, molhando o piso de cimento e os equipamentos: 4 panelas de pressão de 200 litros, aquecidas a óleo, e um fogão duplo a lenha.

A quantidade de moscas é impressionante. O cozinheiro atribui a praga ao costume de se descarregar o lixo no corredor ao lado da cozinha. A limpeza de pratos e colheres é feita nos próprios panelões depois de vazios, onde se fervem apenas seis quilos de sabão a cada 10 dias. Outros artigos de limpeza não são conhecidos, a não ser um saquinho de Bombril que aparece de vez em quando, e que consegue durar um dia inteiro.

Do outro lado do corredor fica a alfaiataria. Embora alfaiate de profissão, o chefe do serviço teve que fazer o curso de monitor penitenciário para alcançar o salário de Cr$ 1.390,00 (33 horas semanais).

Atualmente, o chefe alfaiate ensina corte e costura a três apenados, utilizando 3 máquinas a motor e uma a pedal.

—Mas são máquinas que só fazem costuras simples. Ah, como seria bom ganhar umas três máquinas Singer, daquelas ponto-de-ouro, que caseiam, arrematam, que fazem tudo... Com essas aí não dá para desenvolver o trabalho e trazer mais gente para cá.

Um dos apenados da alfaiataria é travesti. Louro, penteado estilo maria-cachucha, uma maquilagem discreta e gestos compostos de moça bem educada, trabalha em silêncio, cortando um par de calças.

Nas penitenciárias, os travestis são mantidos à parte da massa carcerária para não provocar tumulto. Ao que dizem os agentes, são presos dóceis, que não incomodam e se adaptam ao trabalho com facilidade.

DOENTES VEGETAM

A enfermaria é a etapa seguinte. Trinta e dois doentes, entre os quais 15 tuberculosos, que os sanatórios já não aceitam, a não ser mediante custódia. O Sanatório Partenon, que antes recebia os presos tuberculosos, hoje apenas faz seus exames ou recebe moribundos, porque, como diz o diretor, "não convém que eles morram aqui: os outros não se conformam".

A solução será o hospital penitenciário, no pavilhão A, com capacidade de 40 celas por piso, que ainda falta equipar.

Enquanto isso, os doentes vegetam nas enfermarias, tratados pelos companheiros em melhores condições. Lá, recebem rações cruas para cozinhar nas próprias celas.

Na enfermaria de clínica geral, encontra-se Chicão Evangelista, 25 anos, ainda com cinco balas no corpo, muletas e uma perna endurecida. Chicão, rapaz do bairro Mont'Serrat, cujas façanhas têm sido sistematicamente exploradas e exageradas pela imprensa, diz que está cansado, que aquilo não é vida, que quer pedir revisão de processo e trabalhar como colocador de parquê, que é seu ofício.

—Eu nunca feri ninguém nem fiz uma violência — diz ele. — Eu acho que tenho direito. Eu e os companheiros aqui temos conversado muito sobre isso.

Mas os doentes não estão tranqüilos. A cada apito do agente de segurança a tensão é notável.

Reinaldo, 51 anos, maneja sua cadeira de rodas. Ficou paralítico num acidente de trabalho faz um ano, e há seis meses está preso, aguardando a decisão de seu processo. Queixa-se da falta de assistência, da lesão na espinha, do patrão, que não assumiu a responsabilidade pelo acidente.

Biri, uruguaio de 27 anos, oficial sapateiro em sua terra, convalesce de uma facada que lhe abriu o ventre uns 15 centímetros, e conta que foi preso em Livramento. Está assutado , agita-se na cama, seus olhos erram pela cela, pela cara das pessoas. No mesmo cubículo, está outro apenado semiparalítico, que levou oito tiros, segundo informa o agente de segurança.

Na seção de Tisiologia, simples prolongamento do corredor, a cama de Antônio Carlos da Silva Prates, 28 anos, tuberculoso. Antônio não se levanta mais. Respira mal, sufoca-se com seus pulmões destruídos e sua magreza esquelética. Diz, entre um arquejo e outro: "eu não agüento mais, eu quero é morrer. Eu não tenho família, eu não tenho ninguém. E não querem me mandar para o hospital. Teve um aqui que só saiu para morrer. É uma dor, uma dor aqui... Mas ninguém se importa".

Luiz Pazzini do Amaral, 29 anos, sofre de osteomielite (tuberculose óssea). Está com a perna quebrada por causa da doença, que descalcifica os ossos, mas até o dia 14 não tinha recebido baixa hospitalar.

—E minha pena já terminou desde o mês passado. Só que extraviaram a minha carta de guia, e sem ela eu não posso sair. É perseguição, só pode ser. Minha pena era curta, só de quatro anos. Pois meu processo ficou trancado três anos na 1ª Câmara pelo Relator Charles Wuilde. E agora estou assim.

Mostra um buraco perto do tornozelo, inchado e roxo.

O agente de segurança explica que foi preciso abrir-lhe a perna para descer a infecção.

—Era um começo de gangrena, ele estava com a perna inchada até a coxa, tudo meio azulado. Se abriu a perna e ele melhorou um pouco.

Na enfermaria do PC é impossível fazer até um simples curativo.

—Briga, acidente, perna quebrada, mal súbito, tem que se levar no Pronto Socorro. Só a Irmã Rosa ainda vem ajudar um pouco.

Na sala geral da enfermaria, onde os doentes que caminham costumam reunir-se, não há vidros nas janelas nem móveis. Os doentes sentam-se no chão e recebem a chuva do exterior. Nos sanitários, um luxo inesperado: uma única banheira, para os que estão mais fracos. Mas não existe água quente: é preciso esquentar nos fogareiros.

De repente, é o ruído de grades, de correntes, de apitos. Seis horas, hora em que as galerias começam a ser fechadas.

Na sala da guarda, um liquinho.

—Pra que isso?

—Falta luz seguido, e como não se tem gerador...

PENITENCIÁRIA DO JACUÍ, SEGUNDA-FEIRA DIA 17 DE JANEIRO

Dentro da rede penitenciária do Estado, alguns contrastes se impõem. É o caso do Instituto de Biotipologia Criminal (IBC) e da Penitenciária Estadual do Jacuí (PEJ). Criado para avaliar as condições de reintegração social de apenados que requerem suspensão da medida de segurança, comutação de pena ou livramento condicional, e dirigido pela psiquiatra Loise Dienstman, o Instituto mostra, em pequena escala, o que é possível fazer nesse setor, quando o objetivo é a recuperação do homem, e não seu mero isolamento na qualidade de animal perigoso: a restituição do direito de usar talheres completos como um adulto; a permissão para visitas íntimas e a recuperação de uma vida sexual normal; o tratamento psicoterápico; e a administração comunitária. Características materiais: número reduzido de "reeducandos" (60 a 70 a cada 90 dias); grande número de peritos (psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, numa média de um para cada três internos).

A PEJ é outro mundo. É o mundo da miséria, da promiscuidade, da falta de recursos, da improvisação — como uma Santa Casa ou um Hospital São Pedro para presidiários. Não atende às condições de segurança: cercas de arame farpado; freqüência de cortes de luz; carência de água tratada e equipamentos antiincêndio; dificuldades de comunicação com o exterior. Não atende às condições de recuperação: superlotado (650 apenados em 18 de janeiro para 400 vagas); equipamentos deteriorados (fogão de tijolos na cozinha, lavanderia semiparalisada, padaria fechada); falta de elementos técnicos (nem dentista, nem psicólogos, nem psiquiatra, médico duas vezes por semana e apenas dois assistentes sociais para toda a massa carcerária).

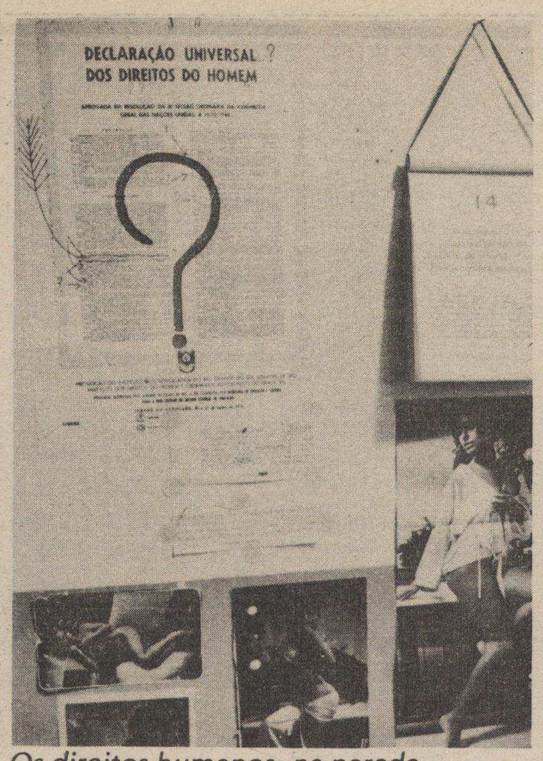
O resultado dessas deficiências é o clima de terror constante daquela penitenciária: os agentes temem os presos, os presos temem os agentes, e explodem as revoltas, os motins, as depredações, como expressão de desespero dos apenados e de impotência das autoridades.

O coronel Eurydes de Barcelos, 68 anos, reserva da Brigada Militar e veterano de várias revoluções, é o atual diretor da PEJ. Em pouco menos de dois anos, sem qualquer experiência prévia, foi tomando conhecimento do complexo social da Penitenciária, que não é só o prédio central, mas a ilha da penitenciária, a Granja Portuguesa, a olaria, o matadouro, e as dezenas de famílias que gravitam em torno. Foi compreendendo e aceitando que sua responsabilidade transcende a prisão, e abrange a uma comunidade desamparada: órfãos, viúvas inválidas, famílias cujo chefe está preso e ficaram jogadas à mais extrema miséria.

O coronel concebeu projetos: dinamizar a granja, a olaria, pôr mais apenados a trabalhar. Descobriu, no entanto, que não havia cobertura nem recursos para esses projetos. Em Jacuí, 239 apenados trabalham no prédio central, 72 na área externa e 73 fazem cursos (desde o Mobral ao ensino profissional). Isso, porém, não significa que essa média de 310 trabalhadores estejam contribuindo para o sustento de suas famílias ou investimentos proveitosos na área. O apenado que trabalha recebe apenas de 30 a 40 cruzeiros mensais, que devem cobrir cigarros (que a Souza Cruz deixou de doar), artigos de higiene e extraordinários. A remuneração do tra-

Segue na página 26

Cela do presídio Central



Os direitos humanos, na parede

Um doente: à espera da morte

A cozinha do Jacuí

A caminho do almoço

balho para terceiros (10 trabalham nas obras da penitenciária federal, por exemplo) é entregue ao Fundo Penitenciário, que devolve ao presídio apenas 20% — outros 20% só são liberados após muita burocracia.

Na longa visita que *Coojornal* fez à PEJ, pôde verificar de perto que a penitenciária tem potenciais: de espaço, de mão-de-obra, de comercialização da produção agrícola e oleira para abastecer a rede e recuperar o homem pelo trabalho, pela aprendizagem da vida "lá fora", suas distorções, seus legítimos meios de luta.

No entanto, a simples obtenção de um rolo de arame para cercar a olaria e impedir a invasão dos animais já é um problema administrativo. A lavoura de couves — couves bonitas, grandes — foi destruída por uma lagarta, porque a PEJ não conta com defensivos nem com orientação técnica para conduzir sua produção. E, nos períodos de estiagem, hortas devem ser regadas a balde, porque não há meios para canalizar a água do poço e construir um sistema de irrigação. Quanto ao matadouro, teve que ser arrendado para terceiros, porque a penitenciária não tinha condições de explorá-lo economicamente. Já a olaria, que produz tijolos maciços, de boa qualidade e preço baixo (Cr$ 350,00 o milheiro) não pode aumentar sua produção por falta de equipamento e de transporte.

Talvez quem melhor sintetizou a situação, foi um presidiário não identificado:

—Se não dão dinheiro para a manutenção da penitenciária, o que é que se pode fazer? A PEJ começou modelo, boa comida, bom tratamento, e foi empobrecendo, caindo aos pedaços. Há um mundo de gente, um mundo de coisas a fazer, e falta trabalho. E outra coisa: esse negócio de diretor-cargo-de-confiança, tinha que acabar. Diretor tinha que ser carreira. Nunca dá para terminar um projeto. Se aparece um cara bom, mas cru no assunto, quando ele chegar a dominar o problema, vai fora e tudo volta à estaca zero.

SANTO ANTÔNIO, QUARTA-FEIRA, DIA 12 DE JANEIRO

Eu lhe conheço. Não se lembra de mim? Eu sou o Ivan, o Ivan Marques. Eu estava antes em Gravataí... Eu fui daqueles 38 da revolta do Central. Mas não fiquei no Gravataí. O homem aquele não me dava serviço. Pedi para sair de lá. Vim pra cá faz nove meses. Aqui, o seu Lencina é muito bom. Põe aí que o homem é bom mesmo. Eu estou solto, está vendo? Faço a limpeza, cuido dos porcos e tô esperando o exame lá no IBC... O seu Lencina já pediu.

Ivan está de bermudas sentado à frente do Presídio Municipal de Santo Antônio. É um rapaz louro, bonito, com uma tatuagem no braço direito: "sofro sorrindo". Em 1975, dizia para o mesmo repórter: "Se eu tiver que voltar um dia para o Presídio Central ou para o Jacuí, eu não agüento. Prefiro que me matem de uma vez. Morrer não é nada. O pior são as torturas, os espancamentos, dias, semanas, meses..."

—Foi o tóxico que me estragou.

Quando sair, o pai lhe prometeu que o deixa cuidar do aviário da família.

—E você sabe cuidar de galinha?

—Aprendo. O crime ninguém me ensinou, eu aprendi sozinho. Posso aprender outras coisas, quem diz que não?

Enquanto o administrador Lencina não volta do foro para autorizar a visita, Ivan conta suas experiências. Os praças da Brigada, que fazem a guarda externa do presídio, não interferem. O presídio de Santo Antônio é como "um presídio em família". Não há punições. Quem não se adapta, é transferido.

—Eu estive no Jacuí, estive no Central, estive até na Ilha. Lembra da Ilha do Presídio? Acho que era o pior de todos. Era só pau e fome. Não tinha comida para todo o mundo. As cadelas comiam carne, o preso não.

O Presídio Central. Os castigos. O corredor molhado com sabão — "o preso escorrega e não pode fugir do pau. Mas agora terminou, estou cansado".

Augusto Gomes Lencina, que administra o presídio há quase 9 anos, diz que atualmente só tem "gente boa".

—O Superintendente sabe como as coisas são aqui, escolhe os presos que me manda. Só de vez em quando, pego uns elementos difíceis... Porque aqui não tem segurança, sabe. Os praças e o cabo ficam só de vigilância externa. Aqui dentro, só eu. Se eu saio, tenho que trancar todo o mundo, porque sou eu que faço tudo, o serviço interno e o externo. Tô aqui dentro, tô no foro, tô na prefeitura, tô comprando material, buscando comida... Bem que eu queria arrumar tudo isso aqui direitinho, botar toda essa gente a trabalhar... Tem uma horta grande lá nos fundos, que a gente podia aproveitar, economizar nas compras, mas como é que eu vou deixar os presos trabalhando lá sozinhos, sem ninguém para cuidar, quando eu preciso sair? Eu preciso de mais alguém para me ajudar... Faz tempo que eu peço isso...

Lencina também se queixa de que a administração municipal anterior lhe tirou a professora. — "era minha mulher que dava aulas até o 4º ano primário". Mostra a sala de aula, sem uso há quatro anos:

—Vamos ver se agora o novo prefeito me bota professora aqui.

O presídio está recém-pintado. Cheiro de tinta nova. Cores claras, gelo e azul celeste.

—Foi o comércio daqui que doou as tintas. De lá não se recebe nada. Os próprios presos que pintaram. Ficou bonito, não é? Eu queria agora pintar o prédio por fora, cimentar o pátio pra ter uma boa cancha de futebol. A gente tem a renda duma tendinha alugada, mas é só o juiz que pode liberar a verba. Acho que ele libera, sim.

Lencina também está reformando os sanitários. Tem na mão uma caixa plástica que acabou de comprar. Cor de rosa.

—Tá tudo muito velho. E esse presídio fica num buraco. No verão, não é nada, é quente, mas os homens ficam à vontade. No inverno, é horrível, escorre água pelas paredes, os homens têm que ficar em cima das camas... O bom era assoalhar todas as celas, como a nº 1...

No dia 12 de janeiro, Lencina tem 23 homens sob sua responsabilidade. Alguns têm licença de andar pelo corredor, outros se limitam às celas, onde tomam chimarrão e assistem desenhos animados em televisores portáteis, que as famílias trazem.

Em cada cela há quatro beliches com cobertas e colchas, uma pia grande, chuveiro e sanitário, às vezes cortinas. Alguns têm pequenos tapetes sobre o chão. Armários de parede individuais com portas. Um balcão grande, que serve de mesa, onde se juntam os pertences: fogareiros elétricos, ventilador, fotografias dos filhos. São os próprios apenados que escolhem seus companheiros de cela.

—Procuramos colocar junto aqueles que se dão bem.

Português, 46 anos, um dos 9 presidiários que não estão recolhidos — "primeiro a gente tem que conhecer bem o preso, para dar maior liberdade" — é o enfermeiro do presídio. Garção de profissão, adquiriu sua prática de injeções nos próprios braços.

—Pervitin. Conhece a marca? Olha aqui. Isso mata a gente. Agora estou fazendo tratamento. Mas eu tomava um monte de garrafas por dia. E a lei não faz diferença entre o viciado e o traficante. Agora parece que tá saindo uma reforma para melhorar.... Não tava certo isso.

Português fez curso de serralheria no Presídio Central. Agora, lamenta não haver trabalho em Santo Antônio.

Falta trabalho, falta instrutor, falta oficina. É pena.

Numa salinha apertada nos fundos do corredor, fica uma pequena biblioteca, que também serve de sala de praxiterapia. Emílio, 23 anos, faz esculturas em madeira, e já expôs na última FEARTE. Espera livramento condicional ou serviço externo. Luiz Carlos, 25 anos, faz barquinhos dentro de garrafas, com uma longa pinça de taquara e muita paciência. Um dos praças fala a seu respeito, com certo orgulho:

—Sabe que esse rapaz era considerado um elemento perigoso, difícil? Chegou aqui com mil recomendações. O que ele precisava era de uma oportunidade. Aqui é um preso bom, calmo, que nunca incomodou.

Na cozinha — um fogão de lenha e outro a gás — Marino, 50 anos, prepara o jantar, auxiliado por Élvio, de 20.

—É pouca gente — diz ele — dá pra caprichar no tempero.

Muito alho, muita cebola, extrato de tomate, tomates frescos.

—Quero comida forte aqui — acrescenta Lencina, que com seus praças come a mesma comida dos apenados.

—No Natal, houve uma festa geral, com missa, e os homens ficaram soltos o dia inteiro.

—Sempre faço festa, no Natal e no Dia do Apenado, 19 de julho.

A SANTA

De repente, ouvem-se gritos alegres:

—Paiê... paiê...

Duas crianças, um menino e uma menina atravessam a cozinha correndo e se penduram na cintura do soldado que acompanhou a visita. Pai e filhos brincam algum tempo no pátio do presídio, quando a chuva começa a cair.

Na saída, o jardim da frente, as roseiras, a gruta da Santa, a escada que sobe até a rua.

—Vocês não vão tirar um retrato da nossa Santinha?

Nossa Senhora do Rosário. Milagreira. Os praças que estão ali e o apenado Ivan começam a rir, lembrando o que lhes contou um dos soldados.

—Sabe, seu Lencina? Um dia desses, ele disse que viu a Santa caminhando no jardim.

—Quem?

Aquele que tava com vocês.

—Vai ver que ele sonhou.

—Não, ele disse que estava bem acordado, aqui de noite, e que a Santa saiu da gruta e caminhou pelo jardim.

—Mas como? Grande, do tamanho de gente?

—Não, pequeninha mesmo. Saiu e caminhou. Ele jura que é verdade — e os homens tornam a rir.

A experiência gráfica da Pallotti é um livro aberto.

Aliás, milhares de livros abertos. E revistas, boletins, relatórios, catálogos, cartazes, revestimentos, folhetos, publicações periódicas e impressos de larga tiragem.

Na verdade, é uma garantia prática de qualidade gráfica à altura da exigente demanda do nosso mercado editorial e publicitário.

Para atender a tudo e a todos, a Pallotti opera com um parque gráfico de avançado equipamento e com uma tecnologia impressora atualizadíssima.

Por exemplo? A Pallotti tem à sua disposição a única impressora plana a 4 cores, do Rio Grande do Sul. E você sabe o que isso representa na hora de um trabalho que exija grandes recursos.

A Pallotti executa, com competência e arte, a fotolitagem, a seleção de cores, a composição eletrônica, lay-outs, artes-finais e montagem. Fora a edição e acabamento de qualquer projeto gráfico.

Todo esse parque gráfico tem uma história de renovação com mais de 30 anos. Contada pelos profissionais do pigmento e do papel. Cada um com experimentada técnica e boa dose de calejada criatividade.

E é essa história, essa experiência e essa qualidade que a Pallotti oferece à sua agência ou à sua empresa. Aberta como um livro, para atender especialmente à solicitação mais sofisticada que você tiver.

Pergunte para a COOJORNAL.

LIVRARIA EDITORA PALLOTTI

Rua Tupi, 200 — Passo D'Areia (Volta do Guerino)
Fone: 41-3976 — Cx. P. 6010
90.000 Porto Alegre — Rio Grande do Sul

O Aproveitamos para desejar que o Anc Novo deixe uma ótima impressão a todos os nossos clientes e amigos.

A FACE OCULTA DOS HERÓIS

Nenhum outro assunto mereceu maior atenção dos historiadores do Rio Grande do Sul do que a Revolução Farroupilha, **a mais grave das quatro grandes guerras (1) em que se envolveram os gaúchos durante a época imperial.**

Mas, surpreendentemente, uma das principais fontes da maioria dos que escreveram sobre os farrapos ainda não mereceu uma edição brasileira, embora tenha sido escrita há 120 anos. São as memórias de Giuseppe Garibaldi, escritas em 1857, quando o chamado "herói dos dois mundos" estava exilado em Tanger, Marrocos. A única edição que tiveram em língua portuguesa foi feita em Lisboa, em 1915.

Será apenas porque, como afirmam alguns historiadores oficiais, Garibaldi foi "pouco fiel aos fatos" em muitos episódios?

Garibaldi escreveu à mão, para um grupo de amigos franceses, entre eles o romancista Alexandre Dumas. Não pretendia publicar e foi Dumas quem se entusiasmou com o que ele narrava e decidiu transformar as Memórias em livro, escrevendo um prefácio e notas de esclarecimento em alguns capítulos.

O livro relata as duas Campanhas de que Garibaldi participou na Itália, sua participação nas lutas de Montevidéu e, com descrições e algumas minúcias, os anos em que batalhou ao lado dos farrapos contra os exércitos do império.

Ele procura ser imparcial e em alguns capítulos narra episódios que soam constrangedores para quem se acostumou ao heroísmo imaculado de nossos heróis farroupilhas. Embora revele admiração por esses homens, mostra que algumas das grandes vitórias farrapas foram postas fora em conseqüência da intolerância e da falta de espírito crítico de alguns comandantes.

Recebidos como "guardiães da liberdade" em muitas povoações, os farrapos acabavam tendo as populações contra si, porque muitos soldados estavam mais preocupados com a pilhagem do que com a causa de Bento Gonçalves.

Alguns historiadores, como Walter Spalding, fazem restrições às Memórias como documento. Spalding afirma que comparou a edição francesa de 1866, que ele diz ter sido escrita por Alexandre Dumas, com uma edição italiana feita em cima do manuscrito de Garibaldi.

No manuscrito, segundo Spalding, já há muita imprecisão talvez porque Garibaldi escreveu muito tempo depois e sem consultar anotações. A edição de Dumas ele define como "infidelíssima" e excessivamente romanceada.

De qualquer forma, o próprio Spalding, autor de vários livros sobre essa guerra civil que durante dez anos tentou separar o Rio Grande do Império Brasileiro, buscou muitos subsídios nas Memórias, bastante citadas em suas obras. "É um livro", diz Spalding, "preciosíssimo para o estudo de uma parte da epopéia de 1835".

O que significa que as eventuais imprecisões, normais nesse tipo de obra, não diminuem a importância das Memórias de Garibaldi, nem justificam um tão prolongado desinteresse por sua publicação no país.

A menos que o objetivo não seja o de revelar os homens que fizeram a história do país na sua verdadeira dimensão humana, com seus erros e as suas fraquezas. E sim colocá-los numa galeria de heróis imaculados.

E, nesse caso, teremos as gerações futuras conhecendo cada vez menos a nossa história. Porque em termos de heróis perfeitos e supra-humanos, os heróis das histórias em quadrinhos são muito mais interessantes. E mais verdadeiros porque ninguém diz que eles um dia existiram em carne e osso.

As passagens transcritas a seguir foram extraídas da edição argentina das Memórias, publicada pela Editorial Libros de Hispanoamérica.

Jorge Escosteguy

(1) — Guerra Cisplatina (1817-28), Revolução Farroupilha (1835-45), Guerras Platinas (1849-52) e Guerra do Paraguai (1864-70).

Garibaldi, de poncho e chapéu de abas largas como se acostumou a andar no Rio Grande

"Não desejo a ninguém receber uma ordem daquelas"

Garibaldi ataca pelo mar, com três lanchões. David Canabarro e o coronel Joaquim Teixeira Nunes atacam por terra. Dia 22-07-39, os farrapos tomam Laguna, SC. Cinco meses depois são massacrados pelas forças imperiais. Do combate naval só escapam vivos Garibaldi e sua mulher Anita. "Pisava-se sobre bustos separados dos corpos", relata Garibaldi.

Durante os primeiros dias desta ocupação, a sorte parecia ter feito um pacto com os republicanos. Não temendo uma invasão tão repentina de nossa parte, de quem só tinham notícias de quando em quando, os imperiais haviam mandado guarnecer aquela povoação com soldados, armas e munições. Mas caíram em nosso poder, porque chegaram depois de termos dominado a cidade.

Os habitantes nos trataram como irmãos e libertadores, título que infelizmente não soubemos justificar enquanto estivemos nesta povoação amiga.

Canabarro estabeleceu seu quartel general em Santa Catarina, chamada Juliana pelos republicanos, porque haviam entrado ali no mês de julho. O general permitiu a criação de um governo provisório, do qual foi presidente um venerável sacerdote, que tinha grande prestígio junto ao povo...

Tudo marchava às mil maravilhas. O coronel Teixeira, com sua coluna avançada, tinha perseguido o inimigo até encerrá-lo na capital da província, apoderando-se de quase toda a região. Por todas as partes éramos recebidos com os braços abertos e todos os dias se juntavam a nós desertores imperiais.

O general Canabarro traçara magníficos planos. Rude na aparência, no fundo excelente, tinha o costume de dizer que de Laguna sairia a hidra que devoraria o império. E talvez tivesse razão se olhasse para essa expedição com mais juízo e atenção. Infelizmente, nossas maneiras orgulhosas para com os habitantes e a insuficiência dos meios que tínhamos à nossa disposição fizeram perder o fruto desta brilhante campanha...

o o o o

Outros acontecimentos nos esperavam em Laguna. Como o inimigo continuasse a avançar por terra e em tal número que era loucura tentar resistir e como, por outro lado, nossas estrepolias e brutalidades nos tivessem indisposto com os habitantes de Santa Catarina — que estavam prontos para se rebelarem e se unirem aos imperiais, tendo já se revoltado a cidade de Imeruí, situada na extremidade da lagoa — o general

Canabarro me ordenou que castigasse esse desgraçado lugar pelo ferro e pelo fogo. Vi-me obrigado a obedecer.

Como os habitantes e a guarnição tivessem feito preparativos de defesa pelo lado do mar, desembarquei então a três milhas de distância e os assaltei no momento em que menos esperavam, pelo lado da montanha. Surpreendida e batida, a guarnição foi posta em fuga e nos fizemos donos da cidade.

Desejo, não só para mim, mas para todos os indivíduos, não receber outra ordem igual àquela que recebi e que era de tal modo terminante que não havia maneira de eludir-la. Ainda que existam longas e prolixas descrições de acontecimentos iguais, creio impossível que a mais terrível delas se aproximasse à verdade.

Deus me perdoe, mas não tenho em minha vida um acontecimento que me tenha deixado tão amargas lembranças quanto o saque de Imeruí. Ninguém faz idéia do que sofri para conseguir que, deixando livre a pilhagem, não se atentasse contra a vida de nenhuma pessoa, limitando-se à destruição das coisas inanimadas.

Alcancei o que pretendia, mas no que diz respeito às propriedades, foi impossível evitar a desordem. Nem a autoridade do comandante, nem os castigos puderam conseguir coisa alguma. Cheguei a ameaçá-los com a volta do inimigo.

Circulava o rumor de que, tendo conseguido reforços, o inimigo vinha nos atacar. Mas tudo foi inútil e, na verdade, se o inimigo voltasse atrás encontrando-nos assim debandados, sem muita dificuldade nos teria aniquilado.

Infelizmente a cidade, ainda que pequena, tinha muitos armazéns cheios de vinhos e licores. De modo que, com exceção de mim que não bebo senão água e de alguns oficiais que consegui manter perto de mim, todos estavam embriagados. Além disso, meus soldados eram em sua maioria recrutas, homens que eu conhecia mal e, em conseqüência, indisciplinados.

Cincoenta soldados decididos, atacando de surpresa, nos teriam desbaratado. No fim, à custa de ameaças e esforços consegui reembarcar estes animais selvagens. Conduziram a bordo alguns víveres e objetos salvos na pilhagem, destinados a serem repartidos e voltamos a Laguna.

Durante este tempo, o coronel Teixeira, com sua vanguarda, se retirava ante o inimigo que avançava rápido e vigoroso. (...)

Inutilizavam os fuzis arrombando portas das casas

Julho de 1840. Os revolucionários precisam de um porto e marcham com mil homens sobre São José do Norte. Vencem os primeiros combates, mas depois cedem e acabam batendo em retirada depois de 9 horas de luta. A praça da vila ficou coberta de cadáveres: 250 mortos e 240 feridos, dos dois lados.

O inimigo, para poder fazer suas correrias pelo campo, foi obrigado a desguarnecer de infantaria as suas praças fortes. Principalmente São José do Norte tinha um pequeno número de soldados.

Esta praça, situada na margem setentrional da embocadura da Lagoa dos Patos, era uma das chaves da província. Não só comercialmente, mas politicamente sua ocupação mudaria completamente nossa posição que, nesta oportunidade, era bem alteradora.

Sua ocupação, pois, se tornava mais que útil, necessária. A cidade guardava objetos de toda a qualidade, indispensáveis para a vestimenta dos soldados que, de nosso lado, estava em deplorável estado. Não só por esta razão, mas também por dominar o único porto da província, São José do Norte merecia que fizéssemos todos os esforços para apoderar-nos dela e, também porque desse lado se encontrava o atalaia, isto é, o mastro de sinais dos navios, que servia para indicar-lhes a profundidade das águas da embocadura.

Nesta expedição sucedeu desgraçadamente o mesmo que havia ocorrido em Taquari. Preparada com admirável ciência e profundo segredo, se perdeu todo o trabalho ao se vacilar em dar o último golpe.

Uma marcha forçada de oito dias, a vinte e cinco milhas por dia, conduziu-nos até a frente dos muros da praça

Era uma dessas noites de inverno, durante as quais um abrigo e um bom fogo são um benefício da Providência, e nossos pobres soldados da liberdade, famintos, vestindo farrapos, transidos pelo frio e gelados pela chuva de uma horrível tempestade, avançaram silenciosos contra as fortificações e trincheiras guarnecidas de soldados.

A pouca distância das muralhas, os cavalos dos chefes foram confiados à custódia de um esquadrão de cavalaria enviado pelo coronel Amaral, e todos nos preparamos para o combate.

O "Alto Lá" da sentinela foi o sinal do assalto e a resistência pequena e de pouca duração sobre as muralhas. À uma e meia da manhã invadimos e às duas éramos donos das trincheiras e de três ou quatro fortificações que as guarneciam e que foram tomadas a ponta de baioneta.

Donos das trincheiras e das fortificações, tendo entrado na cidade, parecia impossível que se nos escapasse. Mas ainda desta vez o que parecia impossível nos estava reservado. Uma vez dentro dos muros, uma vez nas ruas de São José, nossos soldados julgaram que tudo havia terminado e a maior parte se dispersou, arrastada pelo apetite da pilhagem.

Durante esse tempo, os imperiais, voltando a si de sua surpresa, reuniram-se num bairro fortificado. Ali fomos atacá-los, mas nos rechaçaram. Os chefes buscavam os soldados por todos os lados para continuar o ataque, mas era inútil porque se os encontravam, estavam carregados de despojos ou embriagados ou com os fuzis quebrados à

Segue na página 30

FOCONTEXTO
FOTOGRAFIA AUDIO VISUAL
RUA VASCO DA GAMA, 321 - FONE - 21 37 14 P. ALEGRE

A harmonia nasce do equilíbrio entre a arte e a técnica.
FOCONTEXTO sabe dosar estes elementos. Quando a liberdade de expressão depende das máquinas, não conhecemos limites.
FOCONTEXTO: o melhor ângulo da foto publicitária ou jornalística

força de despedaçar portas das casas.

O inimigo, por seu lado, não perdia tempo. Muitos navios de guerra que se encontravam no porto tomaram posição, varrendo com o fogo de seus canhões as ruas onde nos encontrávamos. Se pediu socorro a Rio Grande, cidade situada na margem oposta na embocadura dos Patos, enquanto a única fortificação que havíamos desprezado servia de refúgio ao inimigo.

A primeira das fortificações, a do imperador, cuja tomada nos custara um glorioso e mortífero assalto, foi destruída por uma explosão terrível de pólvora, que nos matou um bom número de soldados. No fim, o mais glorioso dos triunfos tinha-se transformado, ao meio-dia, na mais vergonhosa retirada e os verdadeiros amigos da liberdade choravam de desesperação.

Nossas perdas, comparativamente à nossa situação foram enormes.

Desde esse momento, nossa infantaria não foi senão um esqueleto, enquanto que a pouca cavalaria que tinha vindo na expedição serviu para proteger a retirada.

A divisão entrou em seus quartéis de Bela Vista e eu fiquei em São Simão com a marinha.

Todos os meus soldados estavam reduzidos a quarenta homens, contando também os oficiais.

"Só se mantinham unidos quando o inimigo atacava"

Retirados de Laguna, os farrapos travam diversos combates e a 14 de dezembro ocupam Curitibanos, na região de Lajes. Conseguem ficar um mês aí quando são atacados e derrotados. Perdem todo o armamento e retornam ao Rio Grande do Sul. É o fim da República Catarinense ou Juliana sonhada por Garibaldi e Canabarro.

Esta boa região de Lajes, que tanto nos festejou quando éramos vitoriosos, ao saber da notícia de nossa derrota mudou de opinião e, alguns mais decididos, tinham restabelecido o poder imperial. Estes fugiram ante a nossa aproximação e, como a maior parte deles era negociante, tinham deixado seus armazéns providos de muitos objetos.

Eu servi com sinceridade a causa dos povos na América e tinha sido lá, como na Europa, o adversário do absolutismo. Algumas vezes admirei os homens, me compadeci deles, mas nunca os odiei. Quando encontrei os egoístas e vagabundos, não considerei seu egoísmo e picardia, males que computei à nossa desgraçada natureza.

Como estou afastado duas mil léguas do lugar onde ocorreram estes fatos e já se passaram 12 anos, pode-se acreditar em minha imparcialidade. Digo isso tanto por meus amigos como por meus inimigos; eram filhos intrépidos do continente americano.

Defender Lajes contra um inimigo dez vezes mais forte e, além disso, orgulhoso da recente vitória, era uma empresa audaz. Separados dele (o inimigo) pelo rio Canoas, que nós não conseguíamos defender suficientemente, esperamos durante muitos dias a união de Aranha e Portinho (1). E, durante esse período, o inimigo foi repelido por um punhado de homens, atacado logo que nos chegaram os reforços, mas foi ele quem se retirou sem aceitar o combate, para a vizinha província de São Paulo, onde esperava encontrar um poderoso reforço.

Foi nesta circunstância que eu verifiquei os vícios geralmente imputados ao exército republicano, que se compunha de homens cheios de patriotismo e coragem, mas que não permanecem junto às bandeiras a não ser quando o inimigo os ameaça, abandonando-as quando este se afasta.

Esse costume foi quase a nossa ruína e poderia causar nossa perda nessas circunstâncias, porque se o inimigo tivesse mais paciência, teria nos destruído totalmente.

Os serranos foram os primeiros a abandonar as fileiras. Os soldados de Portinho em breve os seguiram. Note-se bem que os desertores não só levavam seus cavalos, como também os da divisão. Em poucos dias nossas forças se separaram com tanta rapidez que nos vimos obrigados a abandonar Lajes, numa retirada para a província de Rio Grande, temendo a presença desse inimigo que tinha sido obrigado a fugir diante de nós e cuja fuga nos tinha feito vencedores.

Que estes exemplos sirvam aos povos que querem ser livres e que não é com flores, festas e iluminações que se combate os soldados aguerridos do despotismo, mas sim com soldados mais disciplinados e mais aguerridos do que eles, não querendo para generais os que não são capazes de disciplinar um povo depois de tê-lo sublevado.

É verdade que também existem povos que não merecem ser sublevados: a gangrena não tem cura.

O resto de nossas forças assim dizimadas — quando estavam privadas das coisas mais necessárias e principalmente roupas, privação terrível com a aproximação do inverno sombrio e rude nestas regiões altas, o resto de nossas forças começou a se desmoralizar e a pedir autorização para voltar para suas casas.

Teixeira se viu obrigado a ceder a essa exigência e me ordenou que descesse a montanha e me reunisse ao exército, enquanto ele se preparava para fazer o mesmo. Essa retirada foi rude em conseqüência da dificuldade dos caminhos e das hostilidades ocultas dos habitantes da floresta, inimigos encarniçados dos republicanos.(...)

Sobre chefes, soldados e mulheres farroupilhas

Garibaldi chega ao Brasil em 1836, fugido da Itália. Mas só foi juntar-se aos rebeldes gaúchos dois anos depois de andar por Montevidéu de onde foi expulso. Desembarcou em Rio Grande e foi levado a Piratini, capital da República e apresentado a Bento Gonçalves que estava novamente no comando depois de ter fugido da prisão

Chegando a Piratini, fui magnificamente recebido pelo governo da República. Bento Gonçalves — verdadeiro cavaleiro andante do século de Carlos Magno (...), verdadeiro centauro manejando um cavalo como nunca vi manejar, a não ser o general Neto, modelo completo para um cavaleiro — estava ausente.

Foi então que pela primeira vez vi aquele valente, gozando alguns dias de sua intimidade. Era realmente um filho querido da natureza — que já havia dado tudo aquilo que transforma o homem num verdadeiro herói. — Bento Gonçalves teria então 60 anos.

Alto, esbelto, montava a cavalo, como já disse, com um garbo e agilidade admiráveis. Naquela posição, ninguém o julgaria com mais de 25 anos. Foi um dos primeiros a lançar o grito de guerra, não por ambição pessoal, mas como qualquer outro guerreiro filho daquele povo.

Em campanha passava como o mais ínfimo habitante do campo, isto é, com carne assada e água pura. Com tais dotes naturais e adquiridos, Bento Gonçalves era o ídolo de seus concidadãos; no entanto, coisa estranha, foi quase sempre infeliz nas empresas guerreiras, o que me faz crer que o acaso é superior ao gênio para as coisas da guerra e para o êxito dos heróis.

Cap. XIX — (...) A casa de dona Ana (irmã de Bento Gonçalves) era para mim um verdadeiro paraíso; ainda que já não fosse jovem esta bela senhora conservava um caráter alegre.

Tinha em sua companhia uma família inteira, emigrada de Pelotas, cidade de província, da qual era chefe o doutor Paulo Ferreira; três moças que rivalizavam em encantos, eram o perfeito ornamento deste delicioso recinto.

Uma dessas jovens, Manuela, era a senhora absoluta de meu coração; sem esperança de poder possuí-la, ainda assim não podia deixar de amá-la. Era a esposa de um dos filhos de Bento Gonçalves.

Num momento de perigo, tive ocasião de saber que não era totalmente indiferente à dama de meus pensamentos; e a certeza que obtive de sua simpatia, serviu para minorar a desgraça de que nunca deveria me pertencer.

Cap. XXXI — Batalha de Taquari. (...) Os terríveis lanceiros de Canabarro tinham feito já um movimento, envolvendo o flanco direito do inimigo, obrigando-o por isso a mudar de posição, mudança feita em desordem.

Esse corpo de lanceiros, composto em sua maioria de negros libertos da república e escolhidos entre os melhores domadores de cavalos da província, tinha unicamente os oficiais superiores brancos e nunca o inimigo tinha visto as costas destes filhos da liberdade. Suas lanças, maiores do que o normal, seus rostos negros como azeviche, seus robustos membros, sua perfeita disciplina os convertiam no terror dos inimigos.

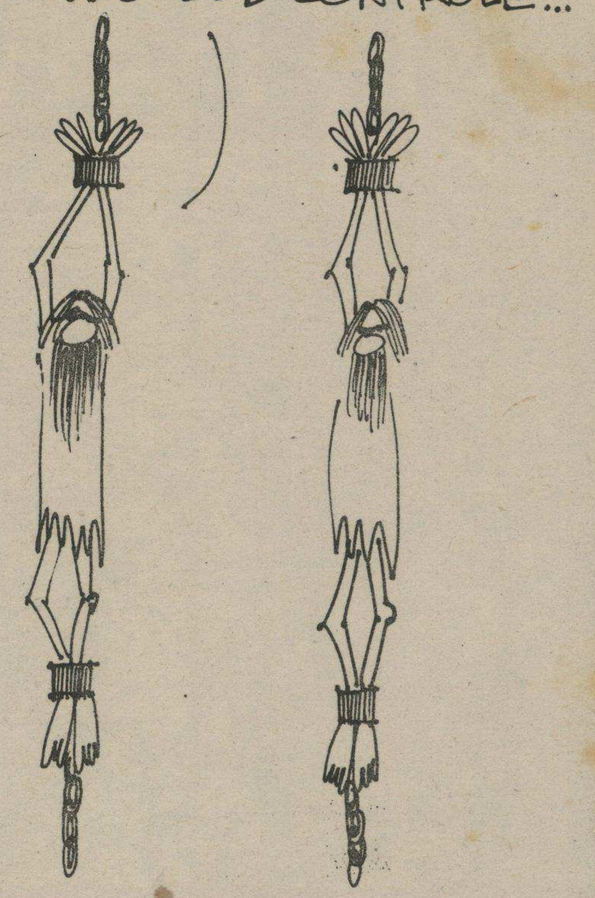
A voz animadora do chefe já tinha feito estremecer aqueles corações: "Que todos combatam como se tivessem quatro corpos para defender a pátria e quatro almas para amá-la", disse esse valente que tinha todas as qualidades de um grande capitão, menos a felicidade (...)

QUADRÃO

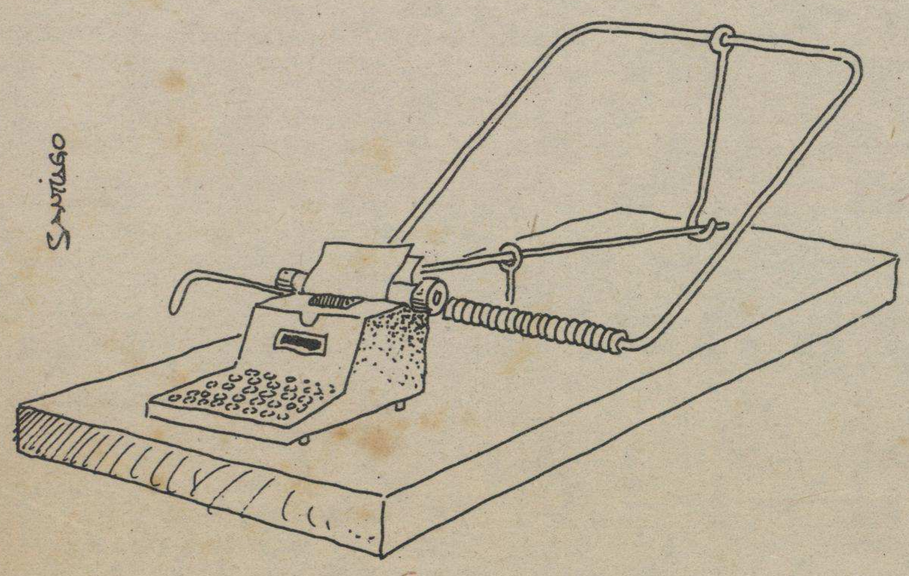
FERRÉ

FRAGA

VERÍSSIMO



SANTIAGO



MACE GODU

REFLEXOS

As coisas que acontecem! E o modo (fácil) como a elas nos habituamos! Condicionados é o que somos: não sabemos de Lógica mais que o cachorro de Pavlov.

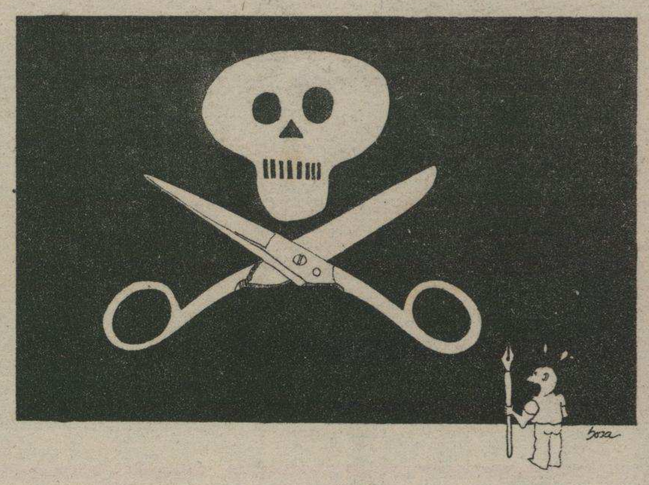
FRUSTRANTE

Depois de anos e anos de estudo, quando finalmente quase conseguia a tão sonhada independência financeira, foi preso em flagrante.

DO DIÁRIO DE UM AGNÓSTICO

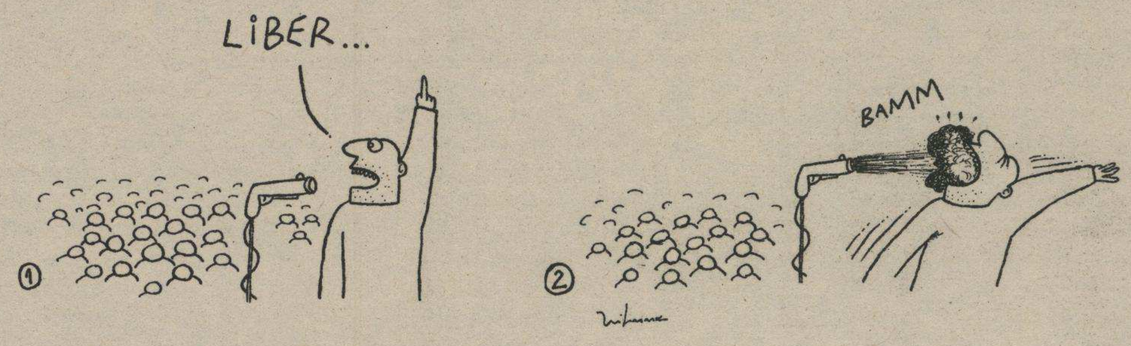
Alguém me livre dos crentes, que de Deus me livro eu.

SOSA



TARSO

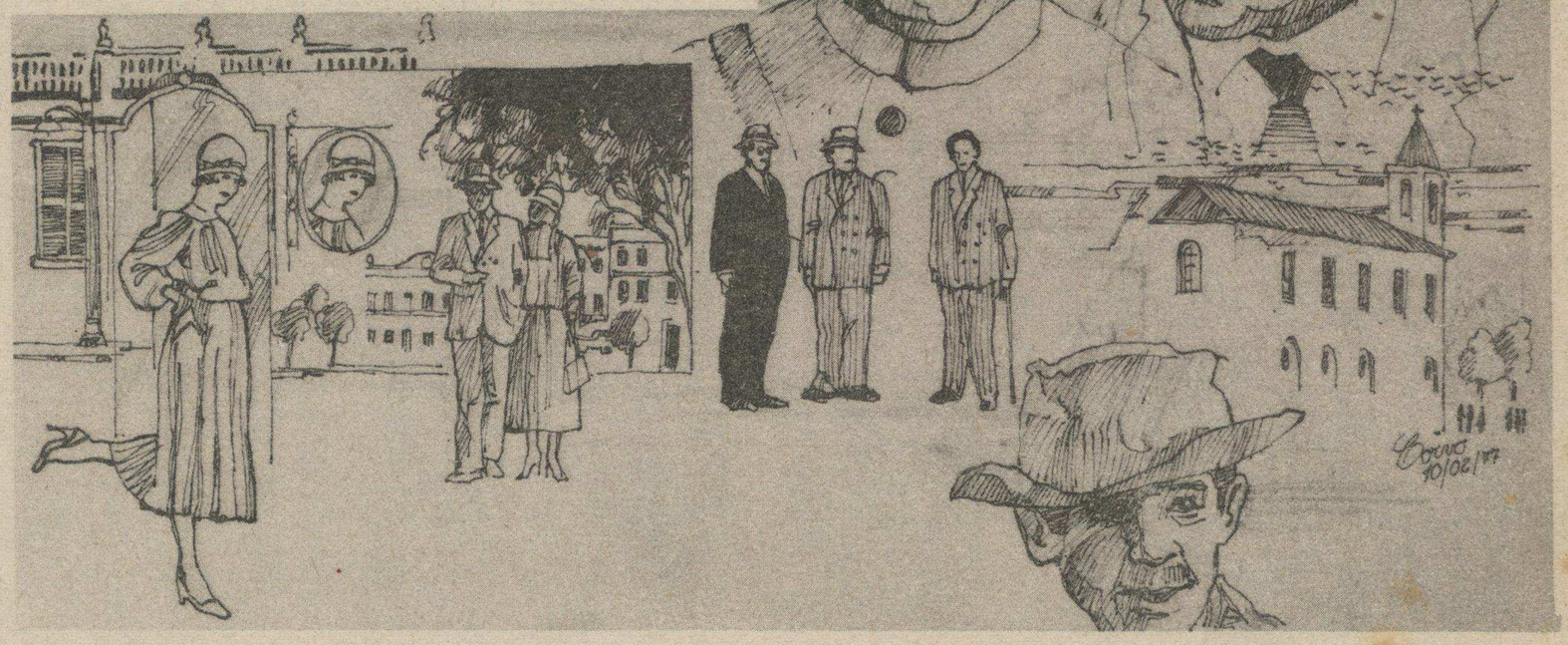
WILMARX



JUSKA

TAMBORES SILENCIOSOS

Este é um trecho do novo livro de Josué Guimarães, que a Editora Globo vai publicar, apesar dos problemas que cercam a obra. *(Veja a página 7 desta edição)*



Maria da Glória havia acordado e já estava no tanque dos fundos passando água no rosto, alisando os cabelos com um grande pente de osso, a dizer que nunca havia dormido tanto na sua vida e a querer saber se já estavam se aprontando para a missa. Maria Celeste respondeu lá do pomar: ainda é cedo, a gente vai com a roupa que tem; daqui até a igreja, sem correr, chega-se em cinco minutos. Maria da Glória subiu os poucos degraus do pátio para a cozinha, perguntou da porta se nenhuma delas estava pensando em comer algo especial, era dia de domingo, quem sabe uma boa massa com molho de tomates ou molho de galinha preta, ou uma rabada cozida com batatas em molho ferrugem. Nenhuma delas respondeu, mas quando Maria Celeste retornava para dentro de casa, disse: faz aquilo que te der menos trabalho, acho até que todas nós estamos comendo demais. Entrou na sala, disse para Maria Madalena: larga esse binóculo, vamos tratar de arranjar as coisas de casa enquanto a Maria da Glória resolve os problemas da cozinha, eu e Maria de Jesus não queremos chegar atrasadas na missa para não perder lugar no primeiro banco. A irmã obedeceu, dependurou o binóculo e foi para o quarto.

O coronel perguntou para D. Esmeralda que horas eram. Ela disse da sala: são dez e meia — gritou para o quarto ao lado — já estás pronta, Carlinda? A filha disse que estava repregando um colchete no vestido, mas era coisa de meio minuto. Vais com o azul? A moça respondeu: ora, mãe, é o único fresquinho de manga comprida, se apareço lá de braço de fora o Padre Bartelli me excomunga com o papai e tudo. O coronel se olhava no espelho da saleta de entrada, a gravata preta compunha bem com a alva camisa de colarinho engomado, a roupa cinza de passeio feita sob medida n"O Sol Nasce para Todos" de Porto Alegre, a mesma com que comparecera a uma audiência concedida pelo Dr. Getúlio Vargas quando era Presidente do Estado, isso antes de 30; lembrava-se do espanto do mestre Arnaldo quando ouvira de sua boca, no momento de tirar as medidas, que "caprichasse muito porque era com aquela fatiota que seria recebido pelo Presidente" e que naquele memorável dia em que estivera sob o mesmo teto do grande brasileiro, sentira que o seu destino era a política, ainda soavam nos seus ouvidos as palavras de despedida, "meu caro coronel, o país precisa de homens como o senhor"; e no outro dia o Correio do Povo dava a notícia das audiências: "O Coronel João Cândido Braga Jardim, alto prócer político do Planalto Central, esteve ontem em conferência com o Presidente do Estado"; olhou para os sapatos, achou as calças um pouco curtas, apelou para a mulher: ó Esmeralda, não achas que estas calças estão de atravessar banhado? me lembram as calças do João da Lagoa, sei lá. A mulher apareceu no corredor, vestido preto de gola fechada, dependurara nas orelhas duas argolas de ouro, grandes como as das ciganas, cabelo preso em coque sobre a nuca; ela disse: elas bem que podiam estar um pouquinho mais compridas, mas é como se usam agora. Chegou-se ao marido, enfiou o braço no dele: estamos até muito elegantes, estou me sentindo hoje como a primeira dama de Lagoa Branca; vamos a pé ou o Ford vem nos apanhar? Vamos a pé, disse ele, o Ford está um galinheiro de tão sujo e eu quero estrear o Lincoln Zephyr só amanhã, é nele que vamos para o palanque oficial; esse Dia da Independência vai ficar nos anais da História Rio-Grandense; e a Carlinda? D. Esmeralda respondeu que a filha estava pronta, convinha saírem logo para não ser preciso correr pelas ruas, nem ficava bem. A filha surgiu linda no vestido vaporoso, exibiu a mão onde brilhava a pedra do anel que o pai lhe dera no dia da sua maioridade. D. Esmeralda recomendou séria: escuta aqui, nada de namoricos dentro da igreja com esse Tenente Hipólito.

Ele caminhava solene, D. Esmeralda muito digna, e um pouco mais atrás, procurando evitar as lajes quebradas do passeio, a filha, que empunhava uma sombrinha de pano floreado. A mulher perguntou se ele gostara do jornal que o Dr. Rui havia levado de manhã cedo. O coronel cumprimentou uma pessoa que vira na outra calçada, disse para ela: não está mal, apesar dos nossos poucos recursos; se a primeira página pudesse ter sido impressa a cores, então a conversa seria outra, aquela bandeira nacional, ao lado do título, a cores, saltaria da página, era um hino à nacionalidade; mas como não podia deixar de ser, logo ali na página de rosto, um erro grosseiro de revisão, a palavra progresso com um s só; queira Deus que lá por dentro a coisa tenha ficado boa; que nem tivera tempo de olhar com calma o jornal todo, mas que na volta da missa ia examinar o resto, que o Dr. Rui era uma boa pessoa, mas não se podia confiar muito nele com relação aos detalhes. D. Esmeralda apertou forte o braço do marido: repara, João Cândido, como essas árvores estão cheias desses pássaros negros de papo vermelho, isso parece uma praga e nem os bichos são daqui. O prefeito notou os pássaros nas árvores, em cima dos telhados, sobre os fios do telégrafo, nas cercas e muros e ainda bandos deles que sobrevoavam a grande altura: o João da Lagoa anda dizendo que esses bichos devem ter vindo da serra, que são aves de pinheiro, como os periquitos e os papagaios; repara lá no céu, eles andam em bandos; quando o veterinário da Estação Experimental de Pecuária de Passo Fundo passar por aqui, vamos perguntar que bichos são esses, ele deve saber pois é formado nessas coisas de animais.

Quando atravessava a rua em direção da escadaria da igreja, Carlinda perguntou ao pai: que fim levou o mendigo que estava sempre ali? eu até havia separado uns tostões para a esmola, mas não tem ninguém. O coronel respondeu em tom paternal: minha filha, estás ficando crescidinha e já está na hora de saber que essa pobre gente hoje está bem, amanhã está morrendo; em geral anda sempre cheia de doenças, come mal, governo nenhum no mundo ainda conseguiu resolver esse problema, faz parte da natureza humana, o mendigo já nasce mendigo e isso me parece certo, que nem Deus, que é todo poderoso, quis fazer as coisas diferentes.

Passava pela calçada o fotógrafo João Lopes carregando a sua máquina a tiracolo, olhou de soslaio para a família que se aproximava, apressou o passo e fingiu que rebuscava uns papéis no bolso do casaco, prosseguindo indiferente. O mulato hoje parece que se deu ares de importância, disse o coronel, pensa que dormiu comigo ou que não sou mais o prefeito. Encaminharam-se para o adro direito, subindo a escadaria com dignidade e vagar, viram correr para eles o João da Lagoa com aqueles seus desagradáveis óculos de fundo-de-garrafa; dois meninos ficaram como que desamparados na porta principal da igreja. O sacristão rasgou-se em mesuras, cumprimentou meloso as senhoras, disse para o coronel: a sua presença inspira o nosso amado Padre Bartelli. Acompanhou a família na subida das escadas, na direção das pessoas que aguardavam a hora da missa tomando um pouco de sol, conversando em pequenos grupos. Quando chegaram ao adro o primeiro a estender a mão foi o Capitão Ernesto que fez um sinal para a mulher cumprimentar D. Esmeralda. Isabel usava um vestido rosa, mangas largas com punhos justos, mas de organdi quase transparente. Carlinda pensou "o padre bem que podia pedir a essa sirigaita que voltasse para casa e trocasse de vestido". O Dr. Lúcio envergava um terno de *Palmbeach* preto que brilhava ao sol como se estivesse molhado; D. Benigna estendeu a mão meio indiferente, fez rápida mesura e voltou para o canto da parede onde se protegia do sol. Tocou a vez do vereador Paulino Paim cumprimentar o prefeito e a sua família e o coronel cumprimentou sorridente D. Flor sem conseguir desviar os olhos do vestido leve que deixava entrever os seios livres. D. Esmeralda notou também e depois disse para o marido que aquela mulherzinha, mais cedo ou mais tarde, terminava por pedir um quarto permanente à D. Zica. D. Hortênsia e D. Heloísa, vestidos escuros de gola alta, saias compridas e rodadas, fizeram um cumprimento com leve e rápido dobrar de joelhos, lencinhos de rendas a esconder parte do rosto. O farmacêutico Augusto Brasil e D. Esperança, muito pálida e transparente, pele apergaminhada apesar da idade, limitaram-se a cumprimentar de longe, com sinais de cabeça. O velho Santelmo e D. Santinha estavam mais adiante, conversavam sobre os pássaros com dois rapazes da usina municipal; nem se haviam dado conta de quem chegara. Então surgiu a correr, em passinhos miúdos e nervosos, o João da Lagoa que batia palmas e repetia: tenham a bondade, tenham a bondade, senhores e senhoras, por favor, entrem. Nisso os sinos começaram a repicar, ouviram um barulho assustador vindo do alto, todos empinaram a cabeça e ninguém quis acreditar no que via: o bimbalhar dos sinos espantara mais de uma centena de pássaros negros que por certo haviam feito ninho na torre e agora esvoaçavam sem rumo, como os morcegos com a luz do dia, terminando por subirem mais e mais até confundirem-se com os outros bandos que voavam alto no céu sem nuvens. O coronel viu quando as irmãs Pilar subiam compassadamente a escadaria numa perfeita formação militar, duas a duas. D. Esmeralda comentou com o marido: parecem umas bruxas nesses vestidos pretos e não sei por que vêm todas à missa quando só as duas da frente, as mais velhas, é que são católicas; eu, se fosse o padre, proibia a entrada das duas protestantes e das duas espíritas; e o que é pior, deixam sempre em casa a irmã mais moça, aquela sim é que não passa de uma escrava, trabalha como um animal, nunca botou o pé na rua a não ser no quintal e assim mesmo para tirar água do poço, rachar lenha e lavar roupa; alguém devia denunciar isso ou até mesmo o Padre Bartelli podia falar no sermão sobre as pessoas que trabalham como bichos.

Maria Celeste e Maria de Jesus atravessaram todo o corredor; depois de fazerem o sinal da cruz com água benta da pia de pedra colocada junto à primeira coluna. Maria de Fátima, Maria de Lourdes, Maria Madalena e Maria da Graça caminharam sem ruído para a lateral onde havia um comprido banco para os pobres, os pretos e os doentes; sentaram-se em silêncio, empertigadas; pareciam quatro bonecas de palha.